UNIVERSIDADE
LUSÓFONA
DO PORTO

Miguel Artur Lobo Brandão Teixeira Antunes

# Da Análise Urbana à Intervenção Projetual
# O Parque Municipal da Quinta da Conceição

Trabalho realizado sob orientação da
Profª. Doutora Isabel Maria da Cruz Batista Matias

Dezembro 2016

Da Análise Urbana à Intervenção Projetual - O Parque Municipal da Quinta da Conceição
Miguel A. Antunes
ULP | 2016

www.ulp.pt

UNIVERSIDADE
LUSÓFONA
DO PORTO

Miguel Artur Lobo Brandão Teixeira Antunes

# Da Análise Urbana à Intervenção Projetual

# O Parque Municipal da Quinta da Conceição

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura

Tese/dissertação defendida em provas públicas
na Universidade Lusófona do Porto no dia 13/12/1016, perante o júri seguinte:

Presidente: Prof. Doutor Pedro Cândido Almeida D'Eça Ramalho
(Prof. Catedrático da Universidade Lusófona do Porto)
Vogais: Prof. Doutor Vitor Manuel de Araújo Oliveira
(Prof. Auxiliar da Universidade Lusófona do Porto) – Arguente
Orientador: Profª. Doutora Isabel Maria da Cruz Batista Matias
(Profª. Auxiliar da Universidade Lusófona do Porto)

Dezembro 2016

É autorizada a reprodução integral desta tese/dissertação apenas para efeitos de investigação, mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

**Agradecimentos**

À professora doutora Isabel Matias por toda a dedicação, auxílio e rigor na coordenação desta dissertação de mestrado.

Aos meus colegas de curso, por partilharem comigo a sua amizade e companheirismo, nos bons e maus momentos.

Aos meus amigos e amigas pela partilha, cooperação e conforto e ao Zorba e Sushi pelo carinho permanente.

À minha família pelo apoio incondicional e, especialmente, aos meus pais pelos sacrifícios, confiança, orientação e motivação constante.

À minha namorada também, um especial obrigado, pelo incansável auxilio, verdadeira amizade e tolerância.

**Resumo**

A presente dissertação de mestrado debruça-se sobre a problemática do duplo papel que o Arquiteto/Urbanis**ta** deve assumir na ação de projeto, conjugando-a com a imprescindível análise urbana da sua envolvente.

Esta temática surge como consequência do desenvolvimento do projeto, que decorreu durante o 5º ano do Mestrado integrado em Arquitetura. Projetou-se uma escola de dança, inserindo-a no Parque Municipal da Quinta da Conceição - objeto de estudo - em Leça da Palmeira.

Assim, desenvolveu-se um processo de trabalho com abrangente pesquisa bibliográfica e consequentes reflexões e análises, necessárias à abordagem das temáticas associadas ao estudo que se pretendia realizar, desde o geral - o espaço urbano - ao particular - o Projeto.

Inicialmente, analisaram-se os planos urbanísticos e os mapas cartográficos da região, assim como se sintetizou toda a informação, tendo em vista um conhecimento sólido do objeto de estudo e sua envolvente. Todo o processo permitiu, numa segunda fase, uma esquematização do desenvolvimento do aglomerado urbano, que neste caso se divide em malha urbana orgânico, malha ortogonal e malha urbana de crescimento linear.

Após esta etapa, sistematizaram-se identificações e análises dos elementos urbanos que influenciam diretamente o objeto de estudo, com o intuito de perceber quais as interdependências urbanas entre estes.

Já numa perspetiva focada apenas no objeto de estudo, desenvolveu-se a interpretação e descrição do mesmo, que passa pela análise histórica e descrição das intervenções a nível paisagístico do Arquiteto Fernando Távora, assim como a análise de dois equipamentos com maior destaque, a saber, Pavilhão de Ténis de Fernando Távora e a Piscina, de Siza Vieira.

Por fim, procedeu-se à descrição do projeto da escola de dança que, invariavelmente, se encontra interrelacionado com a Quinta da Conceição e todos os seus elementos internos, mas também, de forma indireta, com toda realidade urbana em que se insere.

A escola de dança foi um projeto desejado, conseguido e inserido numa paisagem que se respeita!

Palavras-chave: Território, Morfologia Urbana, urbanística, Parque Municipal, projeto.

**Abstract**

This master's thesis focuses on the problem of the double role that the architect/urbanist should take in the action project, combining it with the essential urban analysis of its surroundings.

This theme is a consequence of the project development that took place during the fifth year of the integrated Master degree in Architecture. A dance school was planned to be inserted in the Municipal Park in Quinta da Conceição – our case study – in Leça da Palmeira.

For that, a work process was developed based on a wide theoretical framework and reflections and analysis were carried out. This was necessary in order to approach the interrelated topics of the study that was intended to put into practise from general – the urban space – to specific – the Project.

Initially, the urbanistic plans and the region cartographic maps were analysed and all the information was summed up in order to obtain a solid knowledge of the study object and its surroundings. The whole process has allowed, in a second stage, the creation of a layout of the development of the urban area that is, in this case, divided in an organic urban grid, orthogonal urban grid and urban grid of linear growth.

After this stage, identifications and analyses of the urban elements that directly influence the object of study were systematized in order to understand the urban interdependences that occur between them.

From a perspective focused only on the object of study, an interpretation and description of that same object was developed taking into consideration the historical analysis and the description of the interventions at the landscape level of Architect Fernando Távora, as well as the analysis of two facilities of great importance, namely, the Tennis Pavilion by Fernando Távora and the Swimming Pool by Siza Vieira.

Finally, a description of the dance school project was made. That same project is not only and invariably interrelated with the Quinta da Conceição and all its internal elements, but also, indirectly, with all the urban reality in which it operates.

The dance school was a desired project, accomplished and inserted in a landscape that is respected!

Keywords: Territory, Urban Morphology, urbanistic, Municipal Park, project.

## Índice


Resumo IV

Abstract V

Índice de Figuras VIII

**- Capítulo I** 11

Introdução 12

Objetivos 13

Metodologia 14

**- Capítulo II**: Estudo urbanístico da zona envolvente à quinta da Conceição 15

2.1. Análise dos planos urbanísticos para o Concelho de Matosinhos 16

2.2. Análise cartográfica e desenvolvimento urbano de Leça da Palmeira 27

2.3. Desenvolvimento Territorial e Histórico dos equipamentos da zona envolvente à Quinta da Conceição, Influências e inter-relação 32

2.3.1. Porto de Leixões 32

2.3.2. Acesso Viário IC1 35

2.3.3. Exponor 36

**- Capítulo III:** Parque Municipal da Quinta da Conceição 37

3.1. História e antecedentes à intervenção 38

3.2. A intervenção de Fernando Távora (Plano de Reabilitação) 42

3.2.1. Contextualização 42

3.2.2. Propostas de intervenção 43

3.2.3. Obra não construída 47

3.2.4. Obras Construídas 49

**- Capítulo IV:** Integração da escola de dança no Parque Municipal da Quinta da Conceição 55

4.1. Análise sensorial 57

4.2. A escola de dança 64

**- Capítulo V:** Considerações Finais 75

Bibliografia 76

Crédito de Figuras 77

Anexos 79

## Índice de figuras


Figura 1 – Anteprojeto da zona de Leça da Palmeira..... 16
Figura 2 – Proposta de canal Marítimo para ligar o Porto de Leixões ao rio Douro..... 20
Figura 3 – Planta esquemática do Concelho de Matosinhos e respetivas vias de comunicação..... 20
Figura 4 – Plano geral regulador de Concelho de Matosinhos de 1966..... 21
Figura 5 - Plano Diretor Municipal do Concelho de Matosinhos de 1992..... 24
Figura 6 – Esquema representativo da Malha Urbana de Leça da Palmeira de 1896..... 27
Figura 7 – Esquema representativo da Malha U. de Leça da Palmeira de 1942..... 27
Figura 8 – Esquema representativo da Malha Urbana de Leça da Palmeira de 1952..... 28
Figura 9 – Esquema representativo da Malha Urbana de Leça da Palmeira de 1957..... 28
Figura 10 – Esquema representativo da Malha Urbana de Leça da Palmeira de 1965..... 28
Figura 11 – Esquema representativo da Malha Urbana de Leça da Palmeira de 1983..... 29
Figura 12 – Esquema representativo da Malha Urbana de Leça da Palmeira de 2003..... 29
Figura 13 – Esquema representativo da Malha Urbana de Leça da Palmeira de 2013..... 29
Figura 14 – Esquema de elementos envolventes da Quinta da Conceição, 2016..... 32
Figura 15 – Evolução esquemática do complexo portuário de Leixões, sem escala..... 34
Figura 16 – Foto aérea da zona da Q. da Conceição, anterior há construção da 2ª doca..... 39
Figura 17 – Área conventual, hipótese de implantação do convento e da forma do rio, sem escala 39
Figura 18 – Esquema/esquiço do anteprojeto, 1956..... 41
Figura 19 – Planta geral, com zona de anteprojeto, e zona a integrar num estudo de conjunto, 1956 42
Figura 20 – Planta do estado atual, 1957..... 43
Figura 21 – Anteprojeto da Quinta da Conceição, 1956, sem escala..... 44
Figura 22 – Plano do projeto da Quinta da Conceição, 1957, sem escala..... 46
Figura 23 – Planta do parque infantil do projeto da Q. da Conceição, sem escala, 1957..... 47
Figura 24 – Planta do Ringue de patinagem do projeto da Quinta da Conceição, sem escala, 1957 48
Figura 25 – Planta do teatro do projeto da Quinta da Conceição, sem escala, 1957..... 48
Figura 26 – Planta de cobertura do restaurante do projeto da Quinta da Conceição, sem escala, 1957 48
Figura 27 – Cortes do restaurante do projeto da Q. da Conceição, sem escala, 1957..... 48
Figura 28 – Planta do piso 0 e piso 1 do museu, do projeto da Quinta da Conceição, sem escala, 1957 48
Figura 29 – Cortes do museu do projeto da Quinta da Conceição, sem escala, 1957..... 48
Figura 30 – Foto Pavilhão de Ténis e Cortes de Ténis, 2016..... 51
Figura 31 – Fotografia do Pavilhão de Ténis, 2016..... 51
Figura 32 – Esquiços de Fernando Távora sobre o Pavilhão de Ténis, 1957..... 51
Figura 33 – Planta, Alçados e Cortes do Pavilhão de Ténis, 1957, sem escala..... 51
Figura 34 – Esquiços de Siza, Piscinas da Quinta da Conceição..... 52
Figura 35 – Planta da implantação, piscina da Quinta da Conceição..... 53
Figura 36 – Cortes e alçados das Piscinas da Quinta da Conceição, sem escala,1961..... 53
Figura 37 – Fotografia do acesso ao interior das Piscinas da Quinta da Conceição..... 54
Figura 38 – Fotografia das Piscinas da Quinta da Conceição..... 54
Figura 39 – Esquema representativo da área de implantação, sem escala, 2016..... 56
Figura 40 – Fotografia do acesso a Quinta da Conceição do percurso, 2016..... 57
Figura 41 – Fotografia da escada de acesso ao terreno da escola de dança 2016..... 57
Figura 42 – Fotografia do portal do pátio vermelho, com enfiamento da escadaria da Capela 2016..... 57
Figura 43 – Fotografia do ponto de distribuição, 2016..... 58
Figura 44 – Fotografia da escadaria da Capela 2016..... 58
Figura 45 – Fotografia do pavilhão de Ténis 2016..... 58
Figura 46 – Fotografia da escadaria da capela 2016..... 59
Figura 47 – Fotografia da Capela 2016..... 59
Figura 48 – Fotografia do Pátio exterior 2016..... 59
Figura 49 – Fotografia dos Muros de suporte 2016..... 59
Figura 50 – Fotografia da fonte e entrada Sul da Quinta da Conceição 2016..... 60
Figura 51 – Fotografia do Claustro 2016..... 60
Figura 52 – Fotografia do Portal Fernandino, banco circular e pórtico 2016..... 61
Figura 53 – Fotografia da Interceção da alameda amarele com a vermelha 2016..... 61
Figura 54 – Fotografia do Parque infantil 2016..... 62
Figura 55 – Fotografia do alçado sul da piscina 2016..... 62
Figura 56 – Fotografia do alçado norte da piscina 2016..... 62
Figura 57 – Fotografia do alçado oeste da piscina 2016..... 63
Figura 58 – Planta atual da Quinta da Conceição, sem escala,2016..... 63
Figura 59 – Esquema representativo da área de implantação e acessos ao terreno, sem escala..... 64
Figura 60 – Planta de implantação, escola d dança; sem escala..... 64

Figura 61 – Planta do piso 0, escola de dança, sem escala..... 64
Figura 62 – Corte longitudinal, piso 0, escola de dança, sem escala..... 66
Figura 63 – Alçado este, escola de dança, sem escala..... 67
Figura 64 – Corte longitudinal, piso 0 e piso -1, sem escala..... 67
Figura 65 – Esquema volumétrico, sem escala..... 67
Figura 66 – Esquema de incidência solar, sem escala..... 68
Figura 67 – Fotografia do edifício em construção de Souto Moura na foz do Porto..... 69
Figura 68 – Fotografia do edifício de literatura moderna, Alemanha, David Chipperfield..... 69
Figura 69 – Figura 49: Fotografia do Museu de literatura moderna, Alemanha, David Chipperfield..... 70
Figura 70 – Estereotomia do betão com cofragem de placas de madeira..... 70
Figura 71 – Maqueta da escola de dança e envolvente, vista este, escala 1:100, 2016..... 72
Figura 72 – Maqueta da escola de dança e envolvente, vista norte, escala 1:100, 2016..... 72
Figura 73 – Maqueta da escola de dança e envolvente, vista sul, escala 1:100, 2016..... 73
Figura 74 – Maqueta da escola de dança e envolvente, vista oeste, escala 1:100, 2016..... 73

# Capitulo I

## Introdução

No culminar do meu percurso académico dá-se a criação da presente dissertação de mestrado, trabalho interrelacionado com o terreno e proposta desenvolvida na unidade curricular de projeto do 5º ano do curso, mestrado integrado em arquitetura da Universidade Lusófona do Porto. Desenvolveu-se portanto, a proposta de um equipamento para uma escola de dança, a implantar na Quinta da Conceição em Leça da Palmeira, projeto que é ponto de orientação para desenvolvimento da reflexão teórica em questão.

Desta forma, a presente dissertação de mestrado debruça-se sobre a constante relação entre o Projecto de arquitetura e a intervenção Urbana e Territorial, isto é, o duplo papel que o arquiteto deve assumir perante o projeto.

Diga-se que é importante a realização de um estudo prévio do local alvo e sua envolvente com o intuito de perceber qual a postura mais adequada que o arquiteto deve assumir na intervenção. Tal problemática acompanha o desenrolar deste ensaio, de modo a atingir uma plena perceção das potencialidades, fragilidades, condicionantes e características do local e do projeto.

Assim, podemos dizer que esta dissertação se assume como ferramenta e instrumento de trabalho para o estudo e compreensão do local de intervenção do arquiteto em geral e em particular na intervenção da Quinta da Conceição.

Antes de mais deve referir-se que o objeto de estudo é o Parque Municipal da Quinta da Conceição em Leça da Palmeira, local marcado pela transição entre diferentes realidades urbanas. Aqui encontramos uma enorme tensão entre as malhas do aglomerado urbano, e os diferentes equipamentos, serviços e vias de circulação que marcam a periferia da freguesia.

O Porto de Leixões, a rede Viária IC1, e o complexo da Exponor surgem com maior destaque, como elementos delimitadores do objeto de estudo, como tal deverão receber mais relevo nesta pesquisa.

É toda a diversidade de acontecimentos urbanos atípicos que despertam em mim um sentimento de curiosidade e acalentaram o esforço de realizar investigações múltiplas. Assim, este estudo surge da vontade de assimilar todo o processo de desenvolvimento da envolvente da Quinta da Conceição, compreender a sua própria evolução, entendendo, também, a importante intervenção do Arquiteto Fernando Távora.

**Objetivos**

Esta dissertação de mestrado pretende abranger um conjunto de pesquisas e metodologias de análises do território urbano já citado, assumindo-se como uma ferramenta de compreensão e projeto.

Pretende-se analisar a cartografia existente, e perceber quais os instrumentos de planeamento urbano existentes para este local, assim como suas influências e marcas no processo de desenvolvimento urbano.

As malhas do aglomerado urbano de Leça da Palmeira, o Porto de Leixões, a IC1, e o complexo da Exponor serão alvo de um estudo aprofundado. Numa avaliação individualizada, é certo que estes, são elementos independentes da Quinta da Conceição. Contudo numa análise ao conjunto, a interdependência urbana é inegável, pois as trocas de influências e condicionantes entre estes é constante ao longo de toda a sua evolução urbana.

Como se deduz do exposto, pretende-se assim, uma compreensão individualizada de cada elemento, de forma a perceber quais as suas relações como o objeto de estudo, o Parque Municipal da Quinta da Conceição.

Pretende-se também a plena compreensão do próprio objeto de estudo, percebendo qual a sua relação com a cidade ao longo da história, passando pela interpretação das intervenções do Arquiteto Fernando Távora em suas obras

Contudo, a escala de análise do território deverá variar entre o conjunto urbano, e o elemento individual, como por exemplo o edifício. Pretende-se elaborar neste estudo uma vertente menos generalizada, com o papel de arquiteto, e não de urbanista. E isto porque na fase final desta reflexão haverá uma procura em relacionar toda a análise urbana ao objeto de estudo, percebendo-se de que forma se assume uma possível intervenção neste local.

Pretendo compreender de que forma e porquê este local, dotado de elementos urbanos com diferentes características, assume a forma que conhecemos hoje em dia.

**Metodologia**

Para o desenvolvimento de tal reflexão é necessário uma organização prévia e faseada da metodologia a adotar, que passa por um processo de reflexão e organização de ideias e a definição de objetivos para o plano geral do conteúdo de trabalho e abordagens de temáticas conducentes à eficácia do trabalho.

Portanto procedeu-se o trabalho de pesquisa e recolha de documentação sobre a história de Leça da Palmeira, do porto de Leixões e o projeto de reabilitação de Fernando Távora para a Quinta da Conceição, e outros elementos a abordar no trabalho.

Também a recolha e análise de planos urbanísticos, e cartografia de Leça da Palmeira, o que permitiu a compreensão do crescimento urbano após o processo de sobreposição de mancha do edificado nas diferentes datas cartografadas.

Na conjugação de toda a documentação recolhida está a interpretação e sintetização, de forma a criar uma fundamentação teórica capaz da elaboração, redação e apresentação de todos os temas do trabalho.

Contudo, procedeu-se também uma reflexão de autocrítica e descrição do Projecto da escola de dança, de modo a interligá-lo com a Quinta da Conceição e envolvente urbana.

## Capítulo II

## Capítulo II: Estudo urbanístico da zona envolvente à Quinta da Conceição

### 2.1. Análise dos planos urbanísticos para o Concelho de Matosinhos

Efetua-se em seguida a interpretação do plano urbanístico de Matosinhos de 1944, o primeiro plano urbanístico proposto para o concelho de Matosinhos. Este plano tem como objetivo perceber a situação em que se encontrava o objeto de estudo e também o aglomerado urbano de Leça da Palmeira, na época da criação do mesmo.

Juntamente com a consulta e análise do próprio plano de 1944, (aprovado ministerialmente em 1945) disponibilizado no arquivo Marques da Silva, pretende-se entender os motivos que levam à criação deste plano, assim como as propostas de resolução dos principais problemas existentes na época.

Posteriormente, procede-se à análise dos seguintes planos urbanísticos, também realizados para o concelho de Matosinhos, nomeadamente o Plano Geral Regulador de Concelho de Matosinhos de 1966 e o Plano Diretor Municipal de Matosinhos, publicado no D.R. através do Despacho nº92/92 de 03/09/1992. A necessidade de análise e interpretação destes planos surge com o objetivo de perceber o nível de desenvolvimento do objeto de estudo e o aglomerado urbano de Leça da Palmeira nas épocas de criação dos planos.

#### Anteprojeto do plano de Urbanização da Vila da Matosinhos (1944)

Arqº Urbanista David Moreira da Silva e Arqtª Maria José Marques da Silva



Figura 1: Anteprojeto de urbanização do aglomerado de Leça da Palmeira de 1944, sem escala.

No culminar dos anos 30, Moreira da Silva consagra-se como um dos primeiros Urbanistas Portugueses especializados, tendo sido aluno de *Étienne de Groer* em França, defensor da ideologia de planeamento do território na base da Cidade Jardim. Entendia que o anteplano de um projeto geral de urbanização deveria agrupar um conjunto de medidas teóricas, propostas desenhadas, não pormenorizadas, com base no estudo do desenvolvimento histórico, estado atual e necessidades dos habitantes, prevendo a possível expansão territorial e o aproveitamento do solo do local específico. [1]

Matosinhos, outrora já reconhecida como uma importante sede administrativa, comercial e industrial, tratava-se de um concelho de grande potencial agrícola, em que do centro urbanizado, faziam parte duas freguesias com caraterísticas bastante distintas, sendo elas Leça da Palmeira e Matosinhos.

Ambas as freguesias eram servidas pelo porto marítimo, com grande importância para o desenvolvimento das atividades portuárias da cidade vizinha – Porto.

Na época haveria já a ligação da doca nº1 do Porto de Leixões ao rio Leça, por meio de um canal de comportas, tendo o rio sido desviado do seu curso natural, de modo a não prejudicar a navegação portuária.

Pela análise do crescimento demográfico da cidade de Matosinhos, outrora vila de Matosinhos, é possível entender a importância desta região na época, assim como o seu notável desenvolvimento. Sabe-se que o crescimento populacional desta região apenas seria ultrapassado pelas cidades de Lisboa, Porto, Setúbal e Braga.

A área conjunta de Matosinhos e de Leça da Palmeira apresentava, em 1864, um total de 4091 indivíduos e, em 1940, o número de pessoas já ultrapassa os 30000, excluindo os 12500 indivíduos que se deslocavam à região entre os meses de junho e dezembro para as atividades piscatórias.

A partir da análise das problemáticas levantadas no Plano Urbanístico em questão, podemos sintetizar as principais, relacionadas diretamente com a área envolvente à Quinta da Conceição, assim como o aglomerado urbano de Leça da Palmeira.

Em termos paisagísticos, o plano exibe uma grande vontade de preservação e arranjo de zonas como as colinas de Santa Ana, a quinta de S. Tiago e, ainda, a Quinta da Conceição.[2]

[1] Barbosa, P. (2003) “Independência Urbana; Porto de Leixões”. FAUP. Faup. Porto.
[2] Moreira da Silva, D. (1944). “Anteprojeto do plano de Urbanização da Vila de Matosinhos”.

Em termos de organização de quarteirões e arruamentos, o plano frisa a existência do número de vias bastante maior do que o necessário, mostrando-se uma excessiva área de quarteirões edificados, sendo ainda notável a desordem e o modo de crescimento a grande ritmo e sem planeamento prévio.

É notável a incoerência na dimensão dos arruamentos marcados no plano, sendo, na maioria dos casos, demasiado estreitos, tendo em conta as necessidades e as suas principais funções.

A área urbana mais recente de Leça da Palmeira, malha ortogonal, seria conforme visível no plano em questão, a zona menos bem concretizada, uma vez que os arruamentos canalizavam os ventos predominantes do litoral e suas ruas ficavam desconfortavelmente poeirentas devido ao pavimento arenoso. Assim, um local que deveria ser uma "*risonha zona residencial e balnear*", "*pitoresca zona de habitação e agricultura, esplendidamente exposta a Sul*" levava a um local com aspeto de "*grande bairro*", tornando-se notavelmente antiestético e antieconómico.[3]

De um modo geral, os talhões (terrenos agriculta) e quarteirões seriam demasiado pequenos, acentuando o número de arruamentos e percursos pedonais, aumentando consequentemente, a desorganização viária.

Ainda deve ser assinalada a problemática da grande zona pantanosa a Este da 1ª doca do porto de Leixões, como grande impedimento da expansão territorial, uma vez que se tratavam de terrenos muito desadequados para construção.

Através desta análise torna-se bastante notório o intuito e a necessidade de elaboração deste plano, de 1944. Era, de facto, essencial, controlar a evolução urbana deste concelho, definindo e planeando o seu crescimento urbano, assim como definir prioridades e colmatar erros, resultantes de um crescimento a grande ritmo e descontrolado, sem planeamento e organização prévia.

Este plano define, portanto, como principal objetivo a "*criação e retificação ou estabelecimento da ordem urbana, sobre os aspetos económicos, higiene social estética, nas aglomerações*" e "*reúne um conjunto de medidas capazes de disciplinar e facilitar a organização e o desenvolvimento da atividade material e espiritual dos indivíduos nas aglomerações*."[4]

[3] Silva, D, M. (1944) "Anteprojeto do plano de Urbanização da Vila de Matosinhos" pg. 23.
[4] Silva, D, M. (1944) "Anteprojeto do plano de Urbanização da Vila de Matosinhos" pg. 24.

Desta forma, o plano propôs uma distribuição do solo organizada por diferentes funções:

- Zona de indústria;
- Zona portuária;
- Zona industrial especial;
- Zona mista de comércio e indústria;
- Zona balnear; Zona comercial central;
- Zona comercial local;
- Zona residencial,
- Zona de espaços livres públicos,
- Zona de arqueologia;
- Zona rural.

Moreira da Silva propôs para Leça a maior parte das áreas residenciais, defendendo que as habitações deveriam ser unifamiliares, com três pisos no máximo. Tais áreas deveriam assumir arruamentos pouco sinuosos, um pouco diversificados, criando pequenas praças para a promoção de atividades públicas.[5]

Para além disso, foram propostas soluções para um desenvolvimento coerente e organizado de Matosinhos e Leça da Palmeira, tais como:

- Ampliação da doca atual e criação da 2ª doca;
- Ligação entre Leça da Palmeira e Matosinhos;
- Ligação de Leixões ao Douro;
- Supressão ou remodelação do Ramal de Leixões;
- Esgotos e canalização do Ribeiro do Prado;
- Ligação entre as freguesias: O plano propôs três soluções: 1) Caminho a contornar a doca; 2) Ponte móvel; 3) Criação de dois tuneis de comunicação sobe a doca, sendo esta a solução mais defendida na época.[6]

[5] Barbosa, P. (2003) "Independência Urbana; Porto de Leixões". FAUP. Porto
[6] Pires, M, C, M. (2012) "O Ateliê da Arquitetura/Urbanismo de David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva Martins; Visibilidade da Memoria" FLUP. Porto.

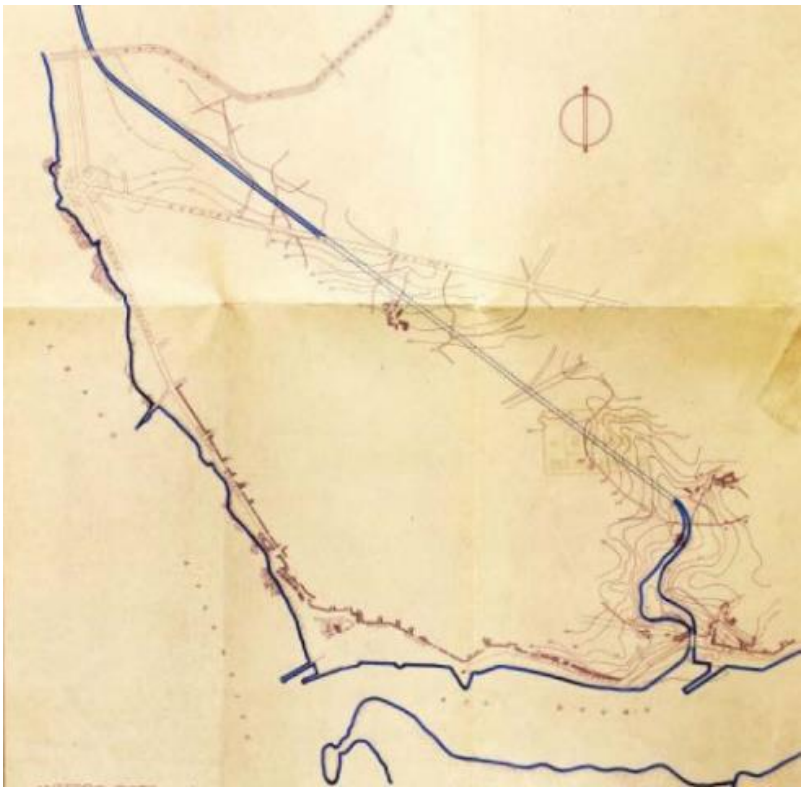


Figura 2: Proposta de canal Maritimo que ligaria Leixoes ao rio  Douro de 1944, sem escala.



Figura 3: Planta esquemática do concelho e respetivas vias de comunicação de 1944, sem escala

Segue-se a análise e interpretação da informação que se refere ao segundo plano urbanístico efetuado para o concelho de Matosinhos, de 1966, com o objetivo de perceber quais as necessidades que levaram à sua criação, assim como as soluções propostas.

Toda a análise é acompanhada pela interpretação da informação relacionada com o objeto de estudo e o aglomerado urbano de Leça da Palmeira.

**Plano Geral Regulador do Concelho de Matosinhos (1966)**

Arqº Arménio Losa

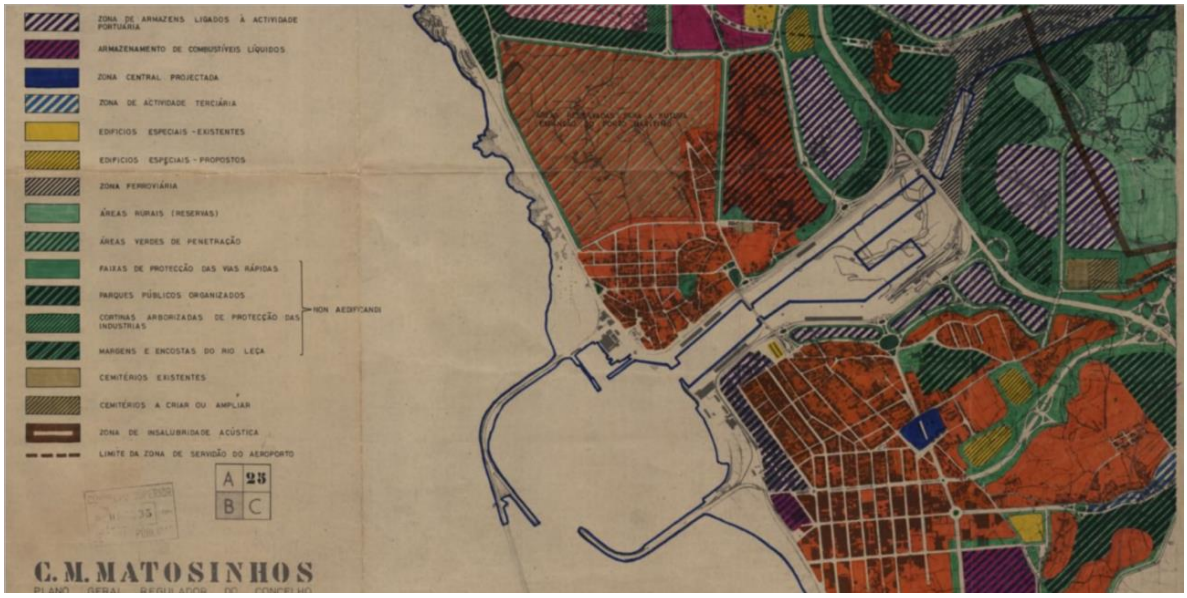



Figura 4: Plano geral regulador do Concelho de Matosinhos, de 1966, sem escala.

No plano regulador do concelho de Matosinhos de 1966, o Arqº Arménio Losa relata uma marcante expansão do concelho nos anos anteriores e, consequentemente, uma alteração notável da fisionomia dos antigos aglomerados de território rural.

Pois nessa época, Matosinhos mantinha-se ainda, um dos concelhos com desenvolvimento territorial mais acelerado de todo o país. Segundo censos de 1960, a população do concelho era, em 1966, de 90.554 indivíduos, sendo o décimo concelho mais populoso do país.[7]

Algumas grandes obras municipais já concluídas ou em via de conclusão na época, são exemplo da prosperidade deste concelho.

Tais estruturas, como a ponte móvel, a expansão da 2ª doca (1º fase), a intervenção na Quinta da Conceição, novos acessos viários como o viaduto, a via rápida e a via Norte, entre outras, seriam obras de maior influência na contemporaneidade do plano em questão.

[7] Barbosa, P. (2003) "Independência Urbana; Porto de Leixões". FAUP. Porto.

Outro aspeto importante que viria a influenciar fortemente o crescimento do concelho seria a constante presença de novos empreendimentos e moradias privadas por todo o território.

Assim, surgiu a necessidade de repensar sobre o antigo plano, criando novos instrumentos capazes de coordenar a expansão territorial de forma ordenada e adaptada às novas necessidades da época. Em 1966, o plano urbanístico dá-se por concluído, prevendo zonas de expansão territorial com diferentes vertentes funcionais e propondo novos acessos viários.

O plano abrangia todo o concelho de Matosinhos, sendo que, nesta análise, estará em foco, tal como na análise do plano de 1944, a zona envolvente ao objeto em estudo (Quinta da Conceição), dando ainda especial atenção ao centro urbano de Leça da Palmeira. Desta forma, segue-se, uma análise e interpretação do plano em questão:

Em termos paisagísticos, a Quinta da Conceição recebe especial atenção, uma vez que se encontra nos limites da expansão das docas portuárias.

Tal expansão ocuparia a zona pantanosa referida anteriormente, aproveitando os terrenos não úteis para a construção. A Quinta da Conceição, inicialmente propriedade da A.P.D.L (Administração dos Portos do Douro e Leixões) é posteriormente adquirida pela Câmara Municipal de Matosinhos,

> *"é um admirável parque, organizado equipado para várias finalidades – alamedas de passeio, cortes de ténis, piscinas, etc. – enriquecida com preexistências arqueológicas ali arrumadas, para se não perderem, e bem enquadradas. É também uma agradável varanda debruçada sobre as docas."*[8]

A quinta de S. Tiago é também citada como espaço de grande interesse municipal como miradouro sobre o porto.

No que diz respeito ao sistema viário, o plano pretendia satisfazer todas as necessidades de comunicação rodoviárias entre o equipamento portuário e toda a região. Assim, destaca-se a construção da via rápida e do viaduto sobre Leça, prolongando o troço já existente no porto.

Esta proposta, interligada com a ampliação da 2ª doca do porto de Leixões, viria a ser, sem dúvida, a obra mais marcante na história do concelho de Matosinhos.

Ainda a nível do sistema viário, destaca-se a proposta de requalificação da En.107 e, também, a via norte que viria a criar uma rápida ligação entre o Porto e a Maia. Para além destas, propunha-se a requalificação da En.13 e En.14, estando estas últimas um pouco mais afastadas da região em estudo.

[8] Losa, A. (1966) "Plano Geral regulador do Concelho de Matosinhos" pg. 19.

A forte presença de acessos com grande tráfego rodoviário pelo concelho, como é o caso da via Norte, incentivava a uma urbanização descontrolada ao longo dos mesmos, e intensificava também a urbanização das zonas rurais. Este plano procura controlar esta forma de crescimento urbano descontrolado, pois, tal fenómeno não constava das preocupações do plano geral de urbanização de Moreira da Silva.[9]

Em termos de malha urbana, o concelho apresentava vários aglomerados, denotando-se um crescimento contínuo de interligação de Leça da Palmeira e Matosinhos com o Porto. Outras freguesias, como por exemplo são Mamede Infesta e Senhora da Hora devem o seu grande crescimento nos últimos anos apenas à proximidade do Grande Porto, sendo notavelmente zonas residenciais.

Com vista à resolução de todos estes problemas de organização, surgem novas propostas mais abrangentes, prevendo também o crescimento das periferias. Tais propostas, como por exemplo plano de orla marítima e da zona Sudoeste, que viriam a controlar a construção das zonas mais afastadas dos centros urbanizados.

É, ainda, criado o plano de Leça da Palmeira, prevendo a expansão para norte do aglomerado do centro, assim como a zona industrial de Matosinhos que receberia novos parâmetros de expensão.

*"Em conclusão mais evidente é a de que urge criar zonas reservadas em locais adequados e promover a libertação dos necessários terrenos para que haja uma oferta correspondente á procura. Só assim se poderá conseguir a arrumação de cada sector e a organização dos respetivos serviços e equipamentos. E não só para a indústria. Também para armazéns e oficinas, haverá que criar zonas bem estruturadas e diferenciadas de sectores ou zonas da habitação*."[10]

Assim, após levantamento e análise das fragilidades estruturais do concelho de Matosinhos, surge, para um coerente desenvolvimento do concelho, a necessidade de solucionar:

- Expansão do porto marítimo, a 2º doca e arranjos circundantes;
- Via rápida e viaduto de ligação entre Leça e Matosinhos;
- Via Norte, novas estradas e arranjos nas existentes
- Novos planeamentos de crescimento urbano;
- Intervenção na Quinta da Conceição.

[9] Barbosa, P. (2003) "Independência Urbana; Porto de Leixões". FAUP. Porto
[10] Losa, A. (1966) "Plano Geral regulador do Concelho de Matosinhos" pg.26

Segue-se a análise e interpretação do primeiro Plano Diretor Municipal de Matosinhos, realizado em 1992. Também esta, com os objetivos de perceber quais as razões da elaboração do mesmo, assim como as soluções apontadas. Passa pela consulta do próprio P.D.M., disponibilizado no arquivo web da Direção Geral do Território.

**Plano Diretor Municipal do Concelho de Matosinhos (PDM 1992)**

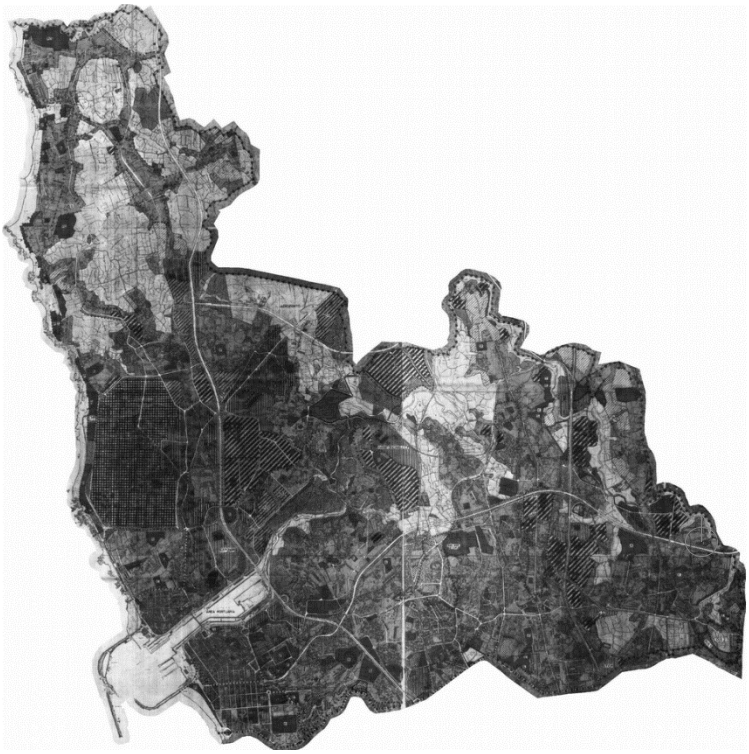


Figura 5: Plano diretor Municipal de Matosinhos de 1992, sem escala.

Na época de 1992 o concelho de Matosinhos abrange uma área de 61,8km2 que se divide em dez freguesias onde habitam cerca de 175000 habitantes.

Apesar de se mostrar já bastante urbanizado e organizado no aglomerado urbano de que faz parte Matosinhos e Leça da Palmeira, existiam mais áreas rurais, essencialmente nas periferias do concelho que ainda padeciam de algum crescimento não controlado.

O Plano Diretor Municipal de Matosinhos (PDM) foi aprovando em 1992, com vista á solução dos dois principais problemas apontados, que se referem a fábricas abandonadas que quebram a consistência da cidade e a incapacidade de resposta dos principais eixos viários.

Assim, o PDM, pretende o ordenamento dessas zonas, reorganizando o tecido urbano, as redes viárias, os usos do solo e possíveis zonas de crescimento.

Procura ainda atenuar as características de subúrbio, assim como o fator dormitório, com o intuito de revitalizar o concelho, tornando-o atrativo e cómodo para seus habitantes. Pretende também organizar programas de reabilitação, como por exemplo áreas industrializadas ao abandono, como nos deixou o legado das conserveiras que perderam a capacidade comercial e foram ficando ao abandono. Neste caso, o plano foca-se na substituição de funções, demolição e planeamento de quarteirões e ruas adjacentes. No caso dos edifícios em degradação com interesse arquitetónico, é proposta a reabilitação, com vista a valorização patrimonial.

Todas estas estratégias prendem-se com o objetivo de redesenho da malha urbana, unificando-a e tornando a cidade continua e dotada de qualidade e conforto urbano.

Neste sentido o P.D.M. apresenta os seguintes programas que pretendem controlar diferentes zonas com diferentes funções:

- Plano de urbanização a Norte da Avenida da república
- Plano de urbanização Matosinhos Sul (Siza Vieira)
- Plano de reconversão da marginal de Matosinhos (Souto Moura)
- Para além disto, o plano pretende assumir-se como um meio de orientação para o planeamento urbano, traçando estratégias de desenvolvimento a seguir e podendo sofrer alterações no sentido de se encontrar a melhor coerência na gestão e sustentabilidade urbana.

Pretende-se criar uma malha urbana que abranja as diferentes funções, comércio, residência e indústria, de forma unificada, sem aglomerados distintos. Esta malha seria dividida em três grandes grupos, sendo eles: zonas urbanas e urbanizáveis, zonas não urbanizáveis e zonas de salvaguarda estrita.

De todas as regras impostas em prol de uma cidade homogénea e regular, destaca-se uma especial atenção a problemáticas de valores ambientais dos espaços públicos, como percentagens de impermeabilização dos edificados e criação de espaços verdes.

Para além disso, destaca-se a regulação de alinhamentos do edificado, a cércea a respeitar, o tratamento dos arruamentos e, ainda a obrigatoriedade de criação de estacionamentos adjacentes a novos edificados habitacionais. [11]

A proposta impõem as seguintes áreas:

- Área predominantemente residenciais;
- Área exclusiva de Moradia Isola;

[11] Plano Diretor Municipal do Concelho de Matosinhos, (1992)

- Áreas predominantemente de serviço e armazenagem;
- Área de equipamentos;
- Área exclusiva de armazenagem de combustível;
- Área exclusiva de armazenagem a descoberto;
- Área predominantemente industrial;
- Áreas verdes de parque e cortina de proteção ambiental;
- Conjunto arquitetónico/paisagístico e salvaguarda;
- Zona não urbanizável;
- Zona de salvaguarda estrita.

**Conclusão:**

A análise dos três planos em questão permitiram-me concluir que, no plano de Moreira da Silva, há um foco especial para o tratamento do quarteirão e arruamentos adjacentes. É, notória, a sua intenção de reabilitar as zonas antigas, criar boas ligações com as novas zonas de habitação. É, sem dúvida, um plano com especial atenção ao centro das freguesias e zonas litorais, havendo grande preocupação com a expansão portuária.

Já no caso do plano de Arménio Losa, duas décadas posteriores, está presente uma realidade diferente, que, em grande parte, se prende pela proporção das malhas urbanas, bastante maior do que na época do plano urbanístico de Moreira da Silva.

Neste caso, o centro urbano já se encontra nos limites de densificação e, assim, o crescimento periférico aumenta drasticamente. As vias principais vão se tornando zonas de construção descontroladas, sendo este fenómeno prejudicial à utilização do território. Assim, o seu plano foca-se essencialmente no controlo dos acessos viários, áreas residenciais e industriais das periferias da cidade.

No caso do PDM, elaborado três décadas depois do Plano Urbanístico de Arménio Losa, a realidade urbana era bastante diferente, pois os aglomerados urbanos densificaram-se e ganharam maior extensão.

Neste sentido o PDM, prevê a regularização para as zonas periféricas do concelho, mas dá um relevo especial à requalificação das malhas urbanas centralizadas, uma vez que prevê um conjunto de medidas de reabilitação ou demolição de edifícios, quarteirões e acessos adjacentes, baseado num conjunto de regras a respeitar.

Este plano impõe também um conjunto de parâmetros e regras de edificabilidade, que promove a uniformidade urbana.

## Capitulo II: Estudo urbanístico da zona envolvente á Quinta da Conceição
## 2.2. Análise cartográfica e desenvolvimento urbano de Leça da Palmeira

Neste capítulo realiza-se o estudo da evolução da malha urbana de Leça da Palmeira, a partir de cartografia de oito datas distintas, iniciando-se no ano 1896, e finalizando-se no ano 2013. Os esquemas realizados a partir da sobreposição dos mapas marcam o crescimento do edificado e da rede viária, assim como as principais alterações no território em estudo.

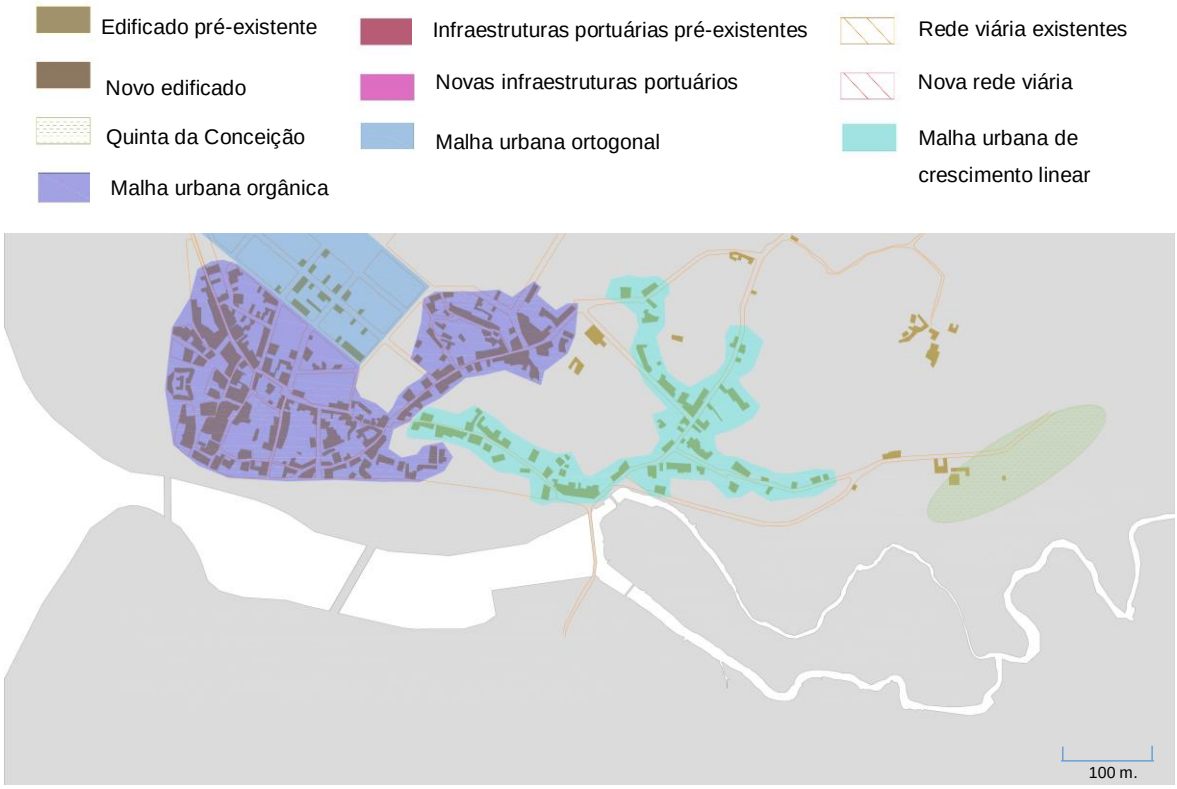



Figura 6: Malha urbana de 1896.




Figura 7: Malha urbana de 1942.




Figura 8: Malha urbana de 1952.




Figura 9: Malha urbana de 1957.




Figura 10: Malha urbana de 1965.

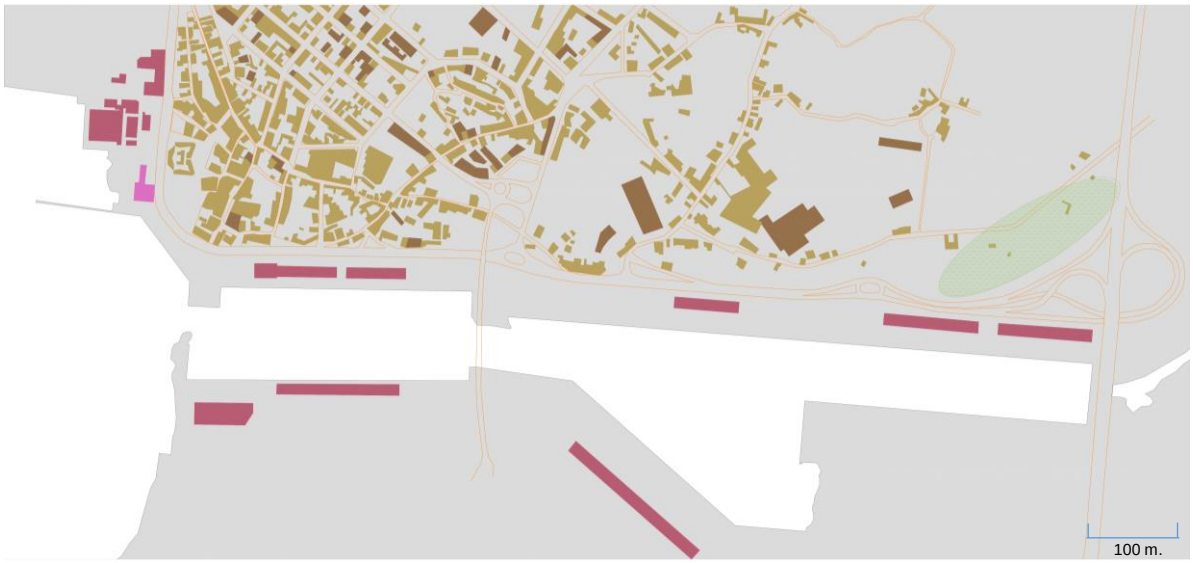



Figura 11: Malha urbana de 1983.

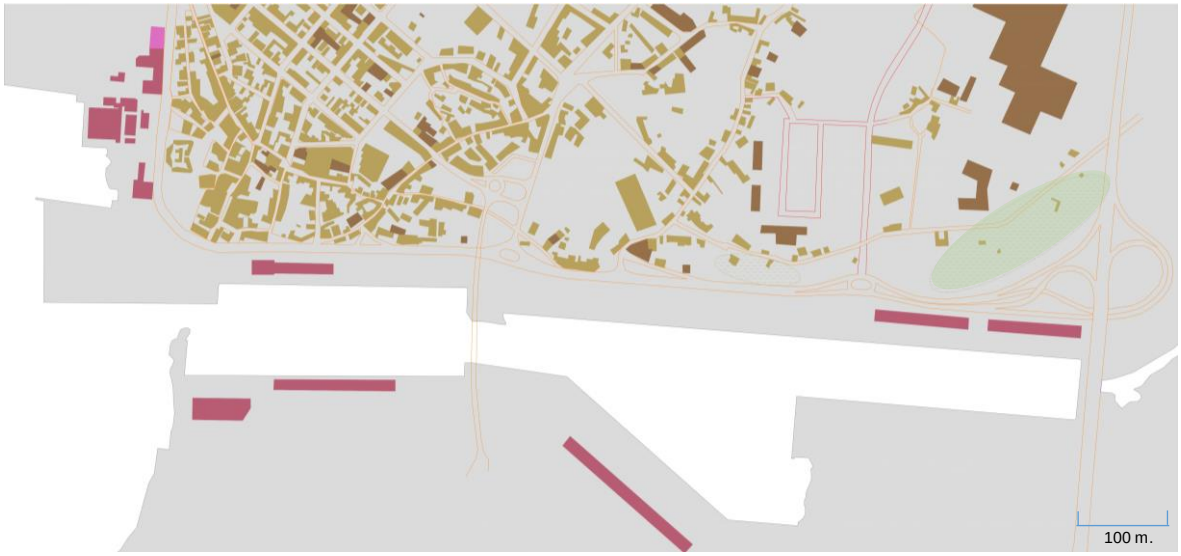



Figura 12: Malha urbana de 2003.

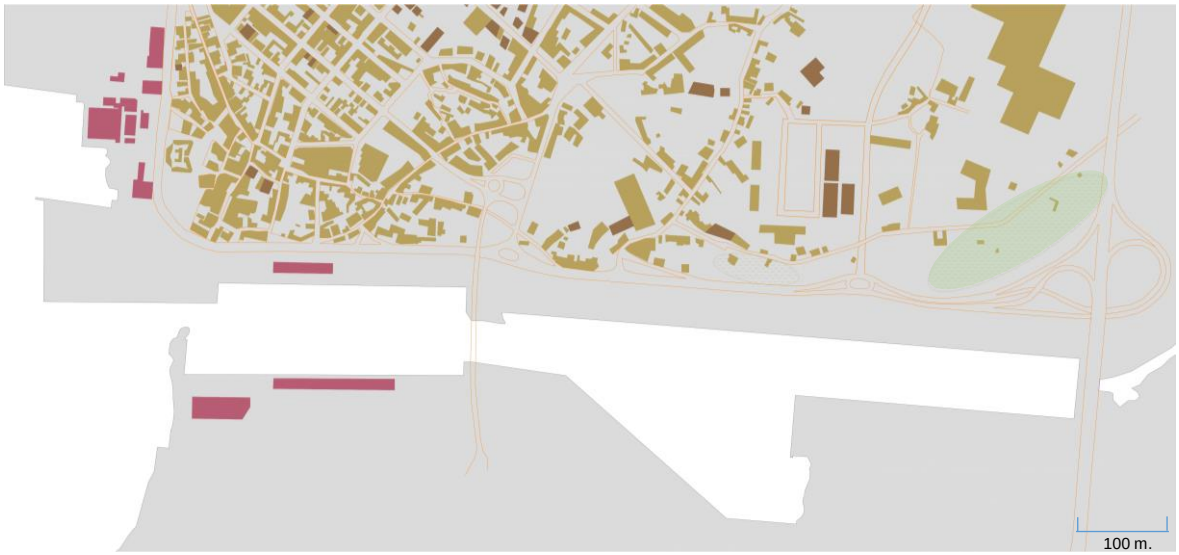



Figura 13: Malha urbana de 2013.

Após toda a pesquisa e levantamento de informação cartográfica viável, iniciou-se uma análise mais profunda do crescimento urbano de Leça da Palmeira no ano de 1896.

**Na figura 6 do ano de 1896**, percebe-se com clareza a forma do rio Leça após a construção do Porto de Leixões (1895) e antes de qualquer expansão das docas.

Percebe-se também que a malha urbana já apresenta bastante solidez no tecido orgânico, sendo esta a zona mais antiga da cidade, assim como nas proximidades do Forte.

Esta malha vai perdendo solidez ao longo das margens do rio e apresenta tecidos de frente urbana contínua em consolidação, ao longo das principais redes viárias que ligam a cidade ao Norte e interior do país.

O sistema viário já apresenta bastantes ramificações, sendo percetível algum planeamento de malha urbana ortogonal na zona Norte.

**Na Figura 7 do ano 1942**, destaca-se a expansão do 1º doca e o aparecimento dos primeiros equipamentos portuários.

A malha urbana tem crescimento no tecido ortogonal na zona a norte. No sistema viário dá-se a criação de um acesso a Matosinhos de maior escala.

**Na figura 8 de 1952**, verifica-se o aparecimento de bastantes equipamentos portuários, e alguma densificação da malha urbana.

Destaca-se também o aparecimento de duas vias de maior escala numa zona central.

**Na figura 9 de 1957**, denota-se pouca densificação da malha urbana e surgem três vias de circulação na zona centralizada.

**Na figura 10 de 1965,** já se percebe a influência do plano urbanístico de Moreira da Silva.

Dá-se o início da expansão da 2ª doca, a criação de novos equipamentos portuários e alguma densificação da malha urbana, de modo a colmatar e retificar os quarteirões.

No sistema viário dá-se um grande desenvolvimento que passa pelo arranjo da zona marginal das docas e a criação de novas vias na zona centralizada. Dá-se, também, a criação da ponte móvel que faz a nova ligação a Matosinhos e surge a grande estrutura viária IC1, com várias ramificações que colmatam na via marginal, e dão novos limites à Quinta da Conceição.

Relativamente ao parque municipal da Quinta da Conceição, percebe-se a demolição de edifícios junto ao atual edifício da G.N.R. (terreno de implantação da escola de dança) e o aparecimento do pavilhão de ténis e das piscinas.

**Na figura 11 de 1983,** é percetível a criação de um novo equipamento portuário, assim como alguma densificação da malha urbana, principalmente no tecido ortogonal.

É também notável a grande dimensão de novos edifícios que representam a expansão industrial vivida na época.

Aqui não se torna muito percetível a influência do Plano Urbanístico de Arménio Losa, pois as suas maiores influências estão essencialmente nas periferias dos aglomerados urbanos.

**Na figura 12 de 2003**, denota-se alguma densificação das malhas urbanas, orgânica e ortogonal. Há uma continuação do aparecimento de edifícios de fim industrial e económico, destacando-se a Exponor.

Surgem também os primeiros grandes edifícios de habitação coletiva e respetivos acessos viários.

**Na figura 13 de 2013**, Verifica-se pouca densificação urbana. Apesar disso, a que surge é bastante distribuída, de forma a colmatar os espaços vazios dos quarteirões, o que reflete os interesses do PDM.

Destaca-se a demolição de equipamentos portuários e contínuo aparecimento de grandes edifícios de habitação coletiva.

## Capítulo II: Estudo urbanístico da zona envolvente à Quinta da Conceição
## 2.3. Desenvolvimento Territorial e Histórico dos equipamentos da zona envolvente à Quinta da Conceição, Influências e inter-relação.

Com o objetivo de um enquadramento espacial do parque municipal da Quinta da Conceição com sua envolvente, segue-se uma análise do desenvolvimento territorial e histórico dos elementos com maior influência no mesmo.

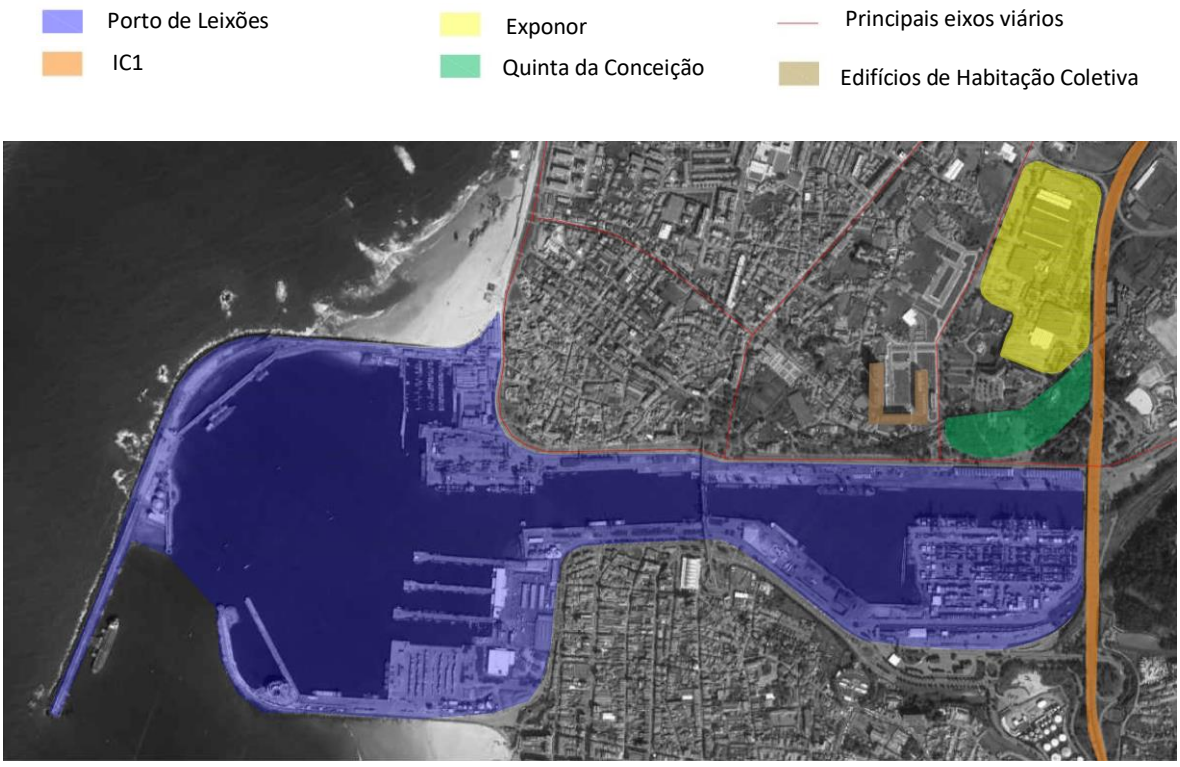



Figura 14: Esquema de elementos envolventes da quinta da Conceição, sem escala.

### 2.3.1. Porto de Leixões

A história de Matosinhos e Leça da Palmeira está inteiramente ligada com o Porto de leixões e, por consequente, com a vizinha cidade do Porto, a 5 km de distância do antigo porto do Douro.

Todas as atividades portuárias desta zona de grande escala eram feitas neste porto, uma vez que as alternativas se restringiam a Lisboa e Vigo. Com o aumento do comércio e com a utilização de navegações maiores, começa a pensar-se numa alternativa para este porto, pois eram apontadas varias fragilidades.

Assim, foram construídos vários cais ao longo da costa norte da cidade do Porto, com ligações de estradas para o transporte de mercadorias que, devido ao tráfego intenso,

dimensão das cargas e ausência de equipamentos de cargas e descargas, mostraram-se incapazes de satisfazer as necessidades.[12]

Por outro lado, o antigo porto do rio Douro também apresentava fragilidades na resposta ao tráfego naval existente, pois estava muito dependente das variações do leito do rio, como os constantes assoreamentos e variações no caudal e velocidade da corrente das águas. A sua reduzida área impossibilitava a navegação de grandes embarcações e também dificultava a construção de armazéns e equipamentos no seu leito, pelas constantes variações no caudal do rio. Por estas razoes naturais, sucederam-se vários naufrágios e, portanto, tornou-se essencial encontrar alternativas com vista à prosperidade e desenvolvimento da cidade.

Nas imediações da foz rio Leça, era conhecida uma zona de refúgio devido às características naturais cedidas pelos rochedos que formavam um círculo e, assim, criavam um local protegido de tempestades. Este era um local muito conhecido e utilizado por pescadores, mas também por barcos comerciais, quando precisavam de aguardar por condições de navegação favoráveis, antes de prosseguir paro o porto do Douro. Nesse local, parecia estar a solução para o novo porto, mas comerciantes e famílias ricas das imediações do antigo porto defendiam a ideia de requalificar o mesmo. Esta proposta fica sem efeito devido aos elevados custos de obra e, também, pela falta de garantias na resposta às futuras necessidades.

*"… é evidente que o comércio geral do reino e não menos interesse das províncias do norte, as mais industriosas e ricas do pais, exigem a criação de um porto de abrigo entre Lisboa e Caminha…"*[13]

Assim surgem várias propostas para a construção do novo porto, algumas delas até utópicas como a criação de canais de navegação que rasgariam o litoral até ao antigo porto. Outras defendiam criação de caminhos-de-ferro para a mesma ligação. É pedido ao Engenheiro inglês Jonh Code uma avaliação das potencialidades de cada um dos portos e, então, a criação do novo porto de Leixões foi fortemente valorizada. Finalmente, em 1881, é apresentado um projeto pelo Engenheiro acima referido, que viria a sofrer alterações a cargo do Engenheiro Nogueira Soares, iniciando-se a construção em 1884 até 1895, data em que a obra se finalizou.

Sucederam-se anos prósperos, com um grande aumento da população, devido a mão-de-obra, mas também do crescimento da indústria, principalmente conserveira. Assim se verificava cada vez mais a necessidade de criar acessos viários e ferroviários que

[12] Barbosa, P. (2003) "Independência Urbana; Porto de Leixões". FAUP. Porto
[13] Espregueira, M, A. (1874) "Memória descritiva do Projecto de um Porto de Abrigo em Leixões" Lisboa. Pg. 33.

ligassem esta comunidade e toda mercadoria que lá chegava, tanto ao Porto, como ao centro e norte do país.

Em 1932, surge também uma nova intervenção no complexo portuário, originando a criação da primeira doca, que expande a área portuária por terra dentro, pela foz do rio Leça.

Ocupou um local com características de baldio caracterizado por fracas condições para a construção de edifícios. Após o grande sucesso comercial desta doca, a expansão continua e é iniciada, em 1956, a abertura da segunda doca, que só nos fins dos anos 70 fica concluída. Esta viria a ter duas áreas, um terminal de acostagem petroleira e um terminal de contentores. Esta expansão visava ainda as constantes necessidades de acessos viários, e, assim, foram definidos os seus limites de acordo com a implantação da IC1.

Tais obras tiveram um impacto enorme no território, descaracterizando drasticamente o rio Leça e toda a sua envolvente natural. Matosinhos e Leça passam de um pequeno aglomerado de pescadores, a um dos dois maiores aglomerados urbanos, de importante cariz económico, comercial e habitacional, divididos pelo grande complexo portuário.

A zona em estudo, mais concretamente a Quinta da Conceição, é também fortemente marcada por este elemento, e, daí, surge a necessidade de a reabilitar, assim como todos os espaços circundantes.[14]

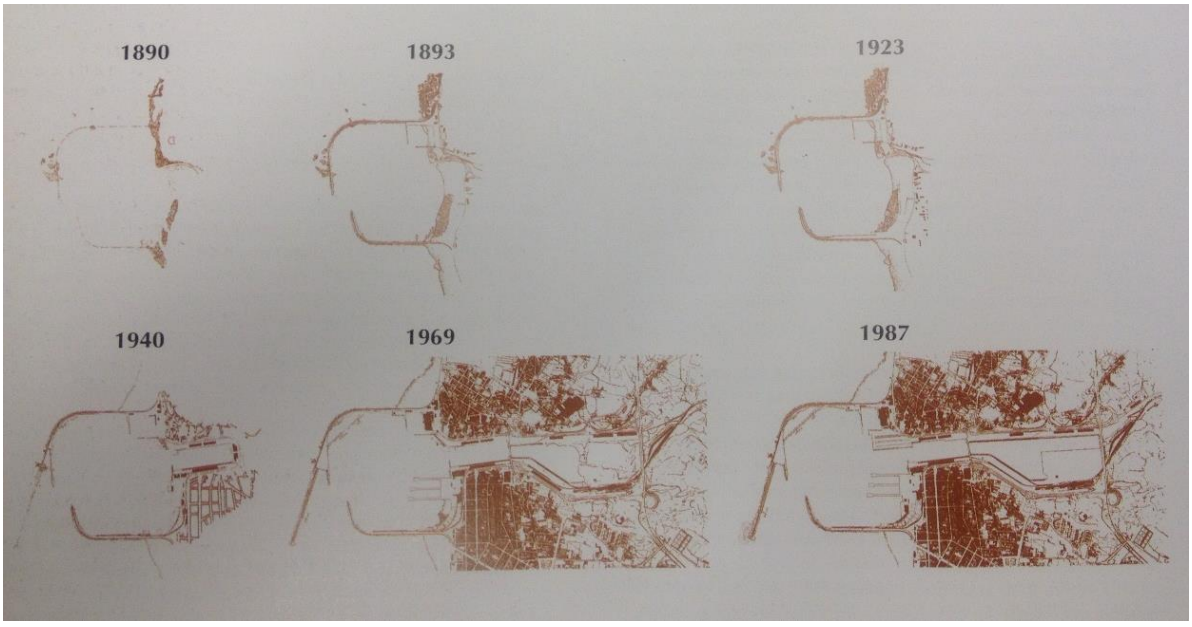



Figura 15: Evolução esquemática do complexo portuário de Leixões, sem escala.

[14] Espregueira, M, A. (1874) "Memória descritiva do Projecto de um Porto de Abrigo em Leixões". Lisboa.

### 2.3.2. Acesso viário IC1

A partir da análise da cartografai, percebe-se que a IC1 (itinerário complementar nº 1), é construída entre os anos de 1957 e 1965, sendo um troço de via rápida que liga o Sul o Porto ao Minho Litoral e Galiza.

Esta via faz também a ligação da cidade do Porto com Matosinhos e Leça da Palmeira, distribuindo-se por articulações pontuais. Grandes estruturas viárias como esta dão ao território uma nova dinâmica, tornando a ocupação do território mais distribuída. Assim, a acessibilidade de territórios outrora rurais, torna-se facilitada, promovendo a sua ocupação para habitação e também para a indústria.

Os grandes equipamentos como o Porto de Leixões, a Exponor, ou até a nova zona de edifícios de habitação coletiva, são dependentes de uma via com estas características, para satisfazer suas necessidades de acessibilidade.

Encontra-se na periferia da malha urbana tradicional e em nada tem coerência espacial ou volumétrica, criando assim uma transição desregulada, fruto das necessidades económicas e sociais.

Esta transformação territorial é, em grande parte, influenciada por um fenómeno da época, a grande adesão das pessoas à utilização do automóvel. Este fenómeno, promove a liberdade da ocupação do território de forma dispersa, mas também cria dependência, "*pois a distância criada por ele, não pode ser vencida sem ele*"15

Tal equipamento satisfaz necessidades a nível internacional e nacional, mas torna-se incapaz de organizar o território local, pois une localidades pontualmente, de forma a não comprometer a fluidez do trafego com demasiadas artérias distribuidoras.

Desta forma, é promovida a descontinuidade espacial, produzido pelo "efeito túnel" quebrando as malhas urbanas e retirando-lhe o cariz de crescimento tradicional.

Esta estrutura rodoviária faz o limite Este do parque municipal da Quinta da Conceição, rasgando o território e alterando drasticamente as suas características naturais.

Outros acessos à quinta são também alterados, como é o caso da avenida do Porto de Leixões, acesso que faz o limite sul da área da quinta que acaba por ganhar novos limites com esta obra.

Surgem, de facto, bastantes constrangimentos sonoros e visuais que marcam este parque, mas que, ao mesmo tempo, motivaram Fernando Távora a intervir, propondo estratégias naturais, que passam pela criação de uma malha verde que bloqueia a visão e

15 Peixoto, M, A, C. (2004) "A cidade como evento cenográfico: A morfologia do IC1 segundo a relação com os componentes estruturais de paisagens territoriais" FAUP, Porto. Pg.28

atenua as ondas sonoras que acompanha os limites do parque e, assim, o tornam mais sossegado e silencioso.16

### 2.3.3. Exponor

A Feira Internacional do Porto é uma empresa da Associação Empresarial de Portugal, sendo um organismo fundado no Porto em 1849. Destina-se à criação de feiras comerciais, expositivas, sendo também um centro de difusão de conhecimento e inovação, servindo as empresas na abertura de canais de comercialização.

Inicialmente, estas aconteciam no Palácio da Bolsa ou no Palácio de Cristal, mas com o grande crescimento da empresa, surge a necessidade de criar uma sede fixa e salas de exposição adequadas para o seu fim.

Em 1987, foi inaugurado o parque de exposições Exponor em Leça da Palmeira, Matosinhos, com 20 mil $m^2$ de área coberta. Três anos mais tarde, assistiu-se à primeira fase de expansão, com a ampliação do centro de congressos e construção de mais um pavilhão. Nos anos seguintes, o crescimento verificado no número de feiras e na área de exposição ocupada, obrigou a Exponor a crescer e a levar a cabo numerosos programas de melhoria e alargamento do espaço físico.

Este grande equipamento comercial encontra-se numa zona periférica da cidade, em que a mancha de urbanismo tradicional já se difundiu em pequenos aglomerados. Assume-se como um conjunto de grandes volumes que quebram completamente a morfologia da cidade e impõe uma nova dinâmica.

Para a acessibilidade de grande fluxo, é criada a rua D. António Macedo, que vem servir este equipamento, mas também a nova zona de edifícios de habitação coletiva. Este conjunto de elementos fazem o limite Norte do parque municipal da Quinta da Conceição e proporcionam a esta zona uma identidade semelhante a uma zona industrial que em nada conjuga com os objetivos sociais da quinta.

A Exponor proporciona vantagens económicas à cidade mas, em termos urbanísticos e sociais, o seu grande complexo de edifícios acarreta um conjunto de inconvenientes espaciais e organizadores da mesma.17

16 Peixoto, M, A, C. (2004) “A cidade como evento cenográfico: A morfologia do IC1 segundo a relação com os componentes estruturais de paisagens territoriais” FAUP, Porto

17 http://www.exponor.pt/historia.aspx

## Capítulo III

## Capítulo III: Parque Municipal da Quinta da Conceição

### 3.1. História e antecedentes à intervenção

Para entender o desenvolvimento histórico da Quinta da Conceição, e sua morfologia espacial, é necessário recuar até ao séc. XIII / XIV, período em que o território em questão é, em 1476/8, marcado pela construção do Convento de Nossa Senhora da Conceição de Leça, como apoio ao ermitério de S. Clemente das Panhas. [18]

O local escolhido para fundação do edifício, foi a quinta da Granja, nas proximidades norte do caudal do antigo rio Leça, um bom local para atividades agrícolas, ocupado atualmente pela segunda doca do Porto de Leixões.

*"A quinta da Granja com acesso direto ao rio, possuía pomares, vinhas e boas terras para o cultivo, uma propriedade tranquila, umas espécies de paraíso na terra"*[19]

Outrora esta área seria dotada de uma planície, com terrenos algo pantanosos, limitada a Norte por uma zona montanhosa e a Sul pelo rio Leça. Ficaram assim reunidas as condições naturais para a criação de um conjunto religioso que viria a albergar no máximo 20 religiosos, composto pelo Convento, com claustro e dormitórios no piso sopeiro, a igreja, celas de apoio a atividades quotidianas, e 4 capelas implantadas nos limites da cerca.[20]

Posteriormente, em 1822, com a implantação do liberalismo em Portugal, surge uma nova gestão de equipamentos religiosos e o Convento de Nossa Senhora da Conceição de Leça da Palmeira fica comprometido á suspensão de atividades. Esta ameaça é justificada pela elevada proximidade do Convento de S. Francisco ao Porto, mas também pelas características demasiado rurais do local.

O convento de Leça resiste à suspensão das atividades, mantendo-se apenas como residência de religiosos até ao dia 30 de maio de 1834, data em que todas as funções foram completamente extintas.

Em consequência, a 12 de dezembro de 1837, todos os bens do convento foram vendidos em praça pública, assim como o próprio convento. A igreja foi adquirida pela paróquia de Leça da Palmeira, sendo o território adjacente, adquirido por privados.

[18] Pinto, M, I, A. (2011) "O Convento da Conceição de Leça, espaço, administração e património". Porto.
[19] Pinto, M, I, A. (2011) "O Convento da Conceição de Leça, espaço, administração e património". Porto. Pg.42.
[20] Furtado, J, M, C. (2015) "Percorrer, Habitar, Representar; Estratégias de Projecto de Fernando Távora par a Quinta da Conceição". FAUP. Porto.

Tendo em conta a urgência no arranjo do território sobrante das expansões portuárias, a camara de Matosinhos adquire os terrenos circundantes das novas docas, que até então eram maioritariamente propriedade do A.P.D.L. [21]

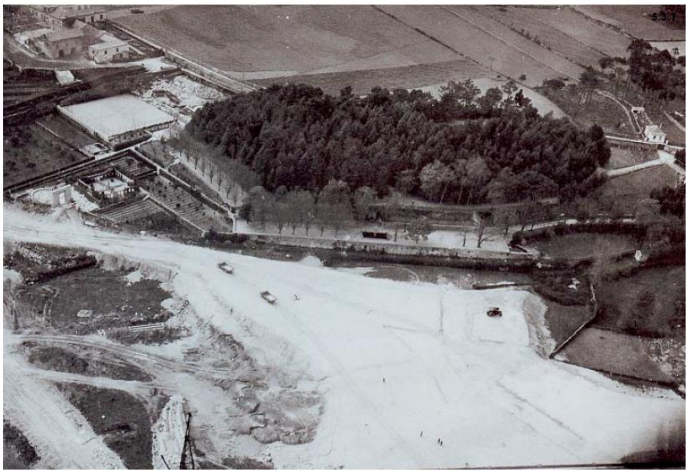


Figura 16: Foto aérea da quinta da Conceição antes da expansão da 2ª doca.

No ano 1955, a equipa de Moreira da Silva, Arquiteto e Urbanista da Camara Municipal de Matosinhos, planeava alterações nos planos do município em vigor, nomeadamente ligações viárias entre esta zona e a cidade do Porto. Foram previstos arruamentos que viriam a interferir com a área da Quinta da Conceição, assim como a delimitação da expansão do Porto Marítimo. Foi também proposto para esta zona a criação de equipamentos de armazenamento em espaços circundantes doas docas portuárias. Em 1956 a Câmara Municipal de Matosinhos já com o devido reconhecimento da importância paisagística estrutural da cidade deste parque encomenda uma reproposta e estrutural da proposta do Arqº Fernando Távora e iniciam-se os trabalhos de recuperação da quinta.[22]



Figura 17: Área conventual, hipótese de implantação do convento, e hipótese da forma do rio, sem escala.

[21] Pinto, M, I, A. (2011) "O Convento da Conceição de Leça, espaço, administração e património". Porto.
[22] Furtado, J, M, C. (2015) "Percorrer, Habitar, Representar; Estratégias de Projecto de Fernando Távora par a Quinta da Conceição". FAUP. Porto.

O seguinte excerto do *Jornal de Noticias*, de 25/08/1997 (adquirido na Fundação Marques da Silva, Porto), é um bom comprovativo da importância e expectativas que este projeto despertou tanto a nível local como nacional.

*"Está em construção no concelho de Matosinhos um parque maravilhoso e sem igual no Pais"*

*Pois, dito em duas palavras que definam a obra, o que vai fazer-se daquela magnífica quinta é pura e simplesmente o melhor parque municipal do País! Por muita admiração que a novidade produza (provavelmente causará uns sorrisos de dúvida) É esta a verdade: Não há no País obra semelhante à que está a ser projetada*

*O Parque Municipal de Matosinhos estará concluído dentro de seis anos. Disso são garantia bastante as disposições do presidente do seu Município, Sr. Dr. Fernando Aroso,e do presidente da Comissão de Turismo, Sr. Eng. Fernando Pinto de Oliveira*

*CINCO FASES DE OBRAS ATÉ À SUA CONCLUSÃO*

*Certos de que mais não fazíamos do que o cumprimento de um dever para com os nossos leitores e o público em geral, decidimos entrar tão fundo quanto possível nos pormenores desta obra grandiosa, transmitindo através das nossas colunas aquilo que nos parecesse essencial para bem se ajuizar do que vai ser este Parque Municipal modelar, de características ainda não atingidas no país. Assim, fomos bater a fonte segura, de informação precisa, clara e firme.*

*Era, na verdade, o Sr. Eng. Fernando Pinto de Oliveira essa fonte onde poderíamos matar melhor do quem em parte alguma a nossa sede informar e que foi mitigada através de preciosa elucidação em face de projetos e fotografias, com o delicioso acrescento de uma visita aos trabalhos já executados ou que estão em curso. Tivemos assim, pode dizer-se, como que uma visita ao grandioso Parque Municipal. Antevimo-lo, sem dúvida.*

*Claro que, em obra de tal grandiosidade, havia que estabelecer um plano de acção, para o qual entrariam fatalmente em linha de conta as disponibilidades financeiras e a sua inversão. Daqui resultou a necessidade (e houve também conveniência) de dividir os trabalhos em cinco fases.*

*A primeira fase (em curso) compreende:*

*COURTS DE TÊNIS, já prontos quanto ao terreno de jogo, e aos quais serão adstritos pavilhões com uma área coberta de 4.428 metros quadrados;"*

***"**PAVILHÕES **–** Referimo-nos ainda aos dos «courts» de ténis. Terão dois pavimentos, ficando no rés-do-chão as instalações sanitárias, balneários para ambos os sexos e uma arrecadação. No pavimento superior haverá amplo espaço aberto para a assistência aos jogos.*

*As entradas para os «courts» serão constituídas por um pátio limitado por paredes altas, com um pequeno parque de estacionamento.*

*Segunda fase**:***

*PISCINA **-** Já construída. Tem renovação constante de água. Prevê-se a possibilidade de aquecimento da água e será completada com chuveiro exterior e uma prancha de saltos;*

*PAVILHÃ**O**, para a piscina, a construir numa área de 11.550 metros quadrados. Também com dois pisos, um dos quais a nível inferior ao da piscina, porque as condições do terreno assim o determinam. No superior, ficarão o bar, uma arrecadação, vestiários e instalações sanitárias para senhoras. No inferior, instalações idênticas para homens.*

*Terceira fase**:***

*PARQUE INFANTIL **–** Ficará situado em nível inferior ao da Alameda da Fonte de S. João (artéria do Parque), de modo que, dali, estarão as crianças permanentemente sob o olhar de quem tenha de velar por elas.*

*Ficará dividido em pequenos parques, que serão pequenos mundos infantis, com vários divertimentos. Terá piscina privativa, com um edifício de formas caprichosas, contendo vestiários e as instalações sanitárias.*

*RINQUE DE PATINAGEM **–** Em forma circular, com um diâmetro de 20 metros.*

*Quarta fase:*

*TEATRO AO AR LIVRE* **-** *Em anfiteatro, com capacidade para cerca de 1.500 espectadores. Disporá duma sala oval, ou pequeno «foyer», com arrecadação e camarins, ocupando uma área coberta aproximada de 4.200 metros quadrados, servindo a sua cobertura também para o palco. Os espectadores terão acesso por um túnel sob as bancadas"*

*"Quinta fase:*

*MUSEU-BIBLIOTECA* **–** *Esta será a construção mais cara e mais difícil de todo o Parque. Por si só, despenderá mil contos aproximadamente, isto é, metade de todo o custo do Parque Municipal.*

*O museu-biblioteca ficará em torno do claustro já existente, ocupando uma área de 130.670 metros quadrados. Terá sete salas grandes, gabinete da direção, secretaria, instalações sanitárias, etc., ficando-lhe anexo num terreno destinado a sala de leitura ao ar livre, com um grandioso arco trabalhado inteiramente em estilo manuelino.*

*Eis aqui, em linhas gerais, as realizações a executar e que constituirão os motivos de maior valia do grandioso Parque. Não deverá, porém, esquecer-se que a capela e sacristia. Já existentes estão a passar por obras de inteiro restauro. Por outro lado, há que lembrar que tudo será rodeado de frondoso arvoredo.*

*Três entradas servirão o Parque, sendo a principal feita pela avenida que circundará a futura doca de Leixões e situada entre o claustro e o tanque da Alameda de S. João. As outras, pela Rua Gonçalves Zarco, e todas elas com largura bastante para estacionamento de automóveis e com gradeamentos imponentes. Assim, do exterior será já visível uma grande parte do Parque.*

*Teve-se em conta o problema sempre delicado do estacionamento dos automóveis de quem vá ao parque, estando previstos dois recintos que comportarão 200 carros, com acesso ao futuro viaduto de Leixões, sem cruzamentos com quaisquer faixas de rodagem. Este projeto está, necessariamente, conjugado com o viaduto, já em construção.*

*A Quinta da Conceição tem já de si alguns pequenos parques, e em parte deles fizeram-se beneficiações que os valorizaram, tornando-os mais alegres e aprazíveis. De encarecer é ainda a iluminação. Fizeram-se minuciosos estudos para que haja luz bastante em toda a parte.*

*Assim será, pois, o belíssimo Parque Municipal de Matosinhos. Pelo pouco que dissemos, será possível, assim o cremos, avaliar do muito que aquilo tem de excecional e surpreendente.*

*Dir-se-á, como remate, que vão gastar-se ali 2.100 contos, verba importante, sem dúvida, mas que, no futuro (um futuro de seis anos apenas), não será considerada muito alta em relação àquilo que ficou realizado e ao legítimo orgulho que os matosinhenses vão ter, muito justificadamente, repita-se, do seu monumental Parque."*

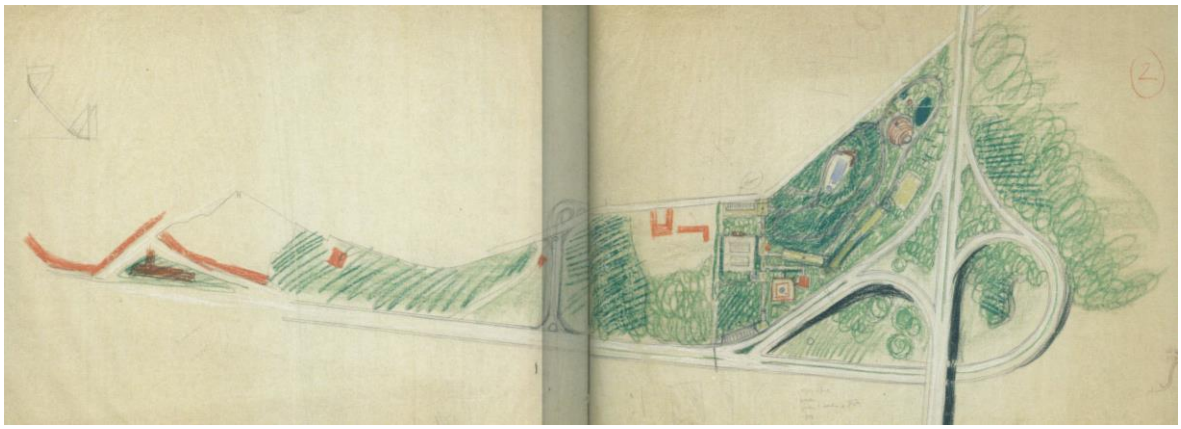


Figura 18: Esquema/esquiço do anteprojeto, 1956.

## 3.2. A Intervenção do Fernando Távora

### 3.2.1. Contextualização

Após a Segunda Grande Guerra, a Europa presencia um avanço notável do movimento moderno e o Arqº Fernando Távora surge em Portugal como um dos maiores impulsionadores destas novas tendências. O final dos anos 40 marcam um importante avanço no raciocínio da Arquitetura moderna em Portugal. A queda do fascismo e a imposição da democracia na Europa, promove o fervilhar de ideologias com influências em intervenções urbanísticas exteriores ao Pais, trazendo para Portugal uma vaga de novas tendências e vontades no campo das artes.[23]

O crescimento de liberdade traz novas formas de estética nas construções, mas também uma forte consciência e respeito pela Carta de Atenas. Assim nasce um movimento de jovens Arquitetos com ideais funcionalistas, raciocínio realista, adaptados às características sociais, económicas e políticas vigentes na época.

Assim, Fernando Távora, indiscutivelmente um impulsionador do racionalismo modernista na Arquitetura, marca a cidade do Porto tanto em obra construída, como projetista e, ainda, professor, promovendo o ensino de Arquitetura em Portugal.

Relativamente à intervenção na Quinta da Conceição, são notórias as tendências modernistas de Fernando Távora, marcando o espaço com diversas intervenções nomeadamente na construção, como o do pavilhão de ténis, na reabilitação, no caso da capela e no traçado de novos percursos e espaços exteriores.[24]

O projeto passa por duas fazes principais, o anteprojeto (1956) e o projeto (1957), e vai sofrendo várias alterações ao longo do processo de desenvolvimento, sendo o último registo de intervenção, o projeto da piscina (1966).

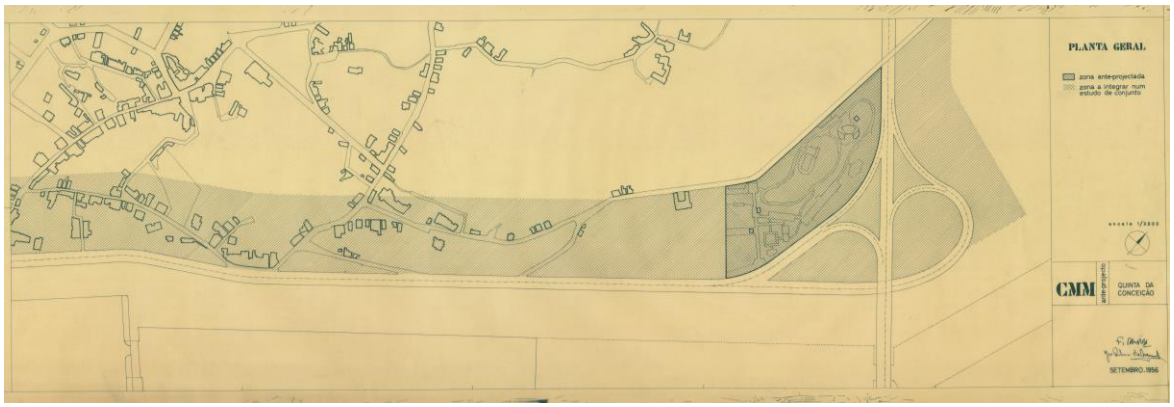



Figura 19: Planta geral cm zona de anteprojeto e zona integrar no estudo do conjunto,1956, sem escala.

[23] Lima, S, R, M. (2012) "Fernando Távora e o espaço público Português" FAUP. Porto.
[24] Tostões, A (1997) "Os Verdes anos na Arquitetura Portuguesa dos anos 50" Porto

### 3.2.1. Propostas de intervenção
### Anteprojeto do plano geral

Da consequência da extensão do porto marítimo de Leixões e criação da segunda doca é, em 1956, encomendado a Fernando Távora o projeto de reabilitação da área da Quinta da Conceição, pela Câmara Municipal de Matosinhos.

Esta expansão traz a toda a zona envolvente novas características e necessidades, sendo, portanto, indispensável uma intervenção que promova a coesão urbana. Desta forma, surge a necessidade de rematar e reabilitar as zonas circundantes do Porto e, assim, se afirma a necessidade do novo plano criado pelo referido Arquiteto.

*"O aproveitamento dos terrenos sobrantes de uma propriedade, expropriada para construção de uma nova doca, leva a Câmara Municipal de Matosinhos a encarregar Távora de redigir o plano para a transformação da Quinta em Parque Público".*[25]

Na encomenda feita a Távora é bem explícito a importância histórica e cultural da Quinta da Conceição para o município, alertando para a promoção da preservação de todos os elementos físicos, assim como o espírito e o caráter particular do lugar.

O anteprojeto apresentado a 10 de novembro de 1956 na Câmara de Matosinhos, é, desde logo, aprovada com muito contentamento. [26]

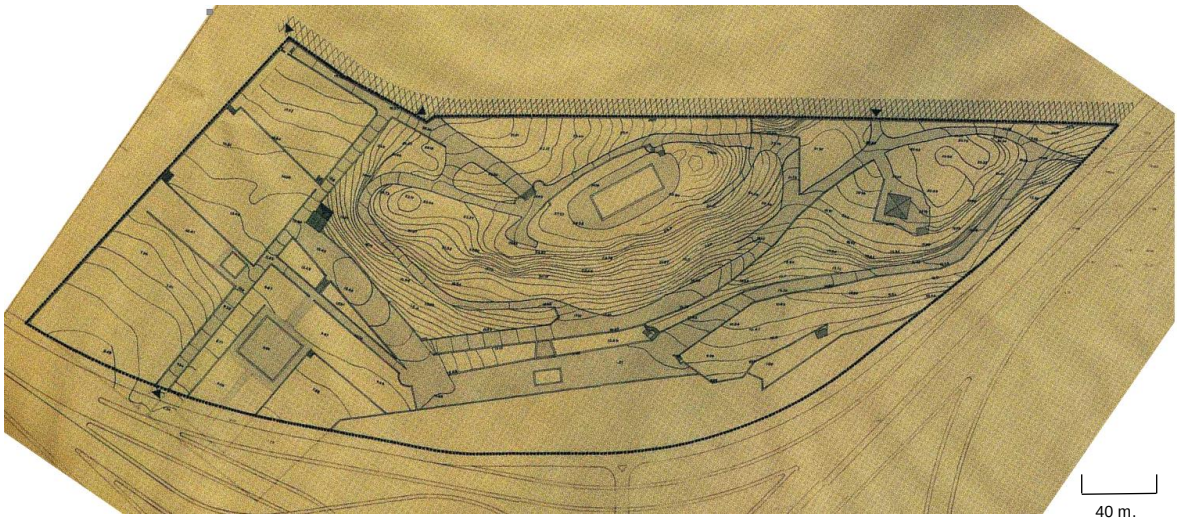



Figura 20: Planta do estado atual do anteprojeto, 1956.

[25] Morais, C, C. (2009) "Alvaro Siza – Textos" Porto. Pg. 285.
[26] Távora, F. (1956) "Anteprojeto da Quinta da Conceição" Matosinhos.

Este previa várias intervenções a nível do sistema viário, como arranjo de percursos no seu interior, mas também no exterior, tanto para automóveis como pedonais. Contava, ainda, com duas zonas de estacionamento para servir os visitantes do parque municipal.

Távora não só pensava na recuperação da quinta e na sua relação com a envolvente urbana, como planeava, simultaneamente, uma ligação com a quinta de São Tiago, desenhando um arruamento que seguiria a marginal da nova doca. Nos seus planos era, ainda, evidente a preocupação com a implantação da grande via IC1, evidenciando que esta marcaria fortemente o espaço e toda a sua organização.

É apresentado o novo plano de circulação interior da quinta e os seus três acessos ao exterior, assim como o plano de iluminação e captação e abastecimento de água. É planeada a densificação vegetação, a partir da implantação de exemplares semelhantes aos já existentes no local, como cedros, pinheiros, carvalhos, entre outras, sendo também redesenhado o pomar já existente.[27]

Foi ainda proposto a criação de dois courts de ténis, a expansão da piscina e anexos, um parque infantil e um teatro ao ar livre e anexos, assim como uma casa de guarda.

No que toca à recuperação de edifícios, é proposta a reabilitação completa da capela e a construção de uma nova sacristia e um adro. Por fim, a reabilitação do claustro, atualmente em ruinas, adaptando-o a um museu e biblioteca.[28]

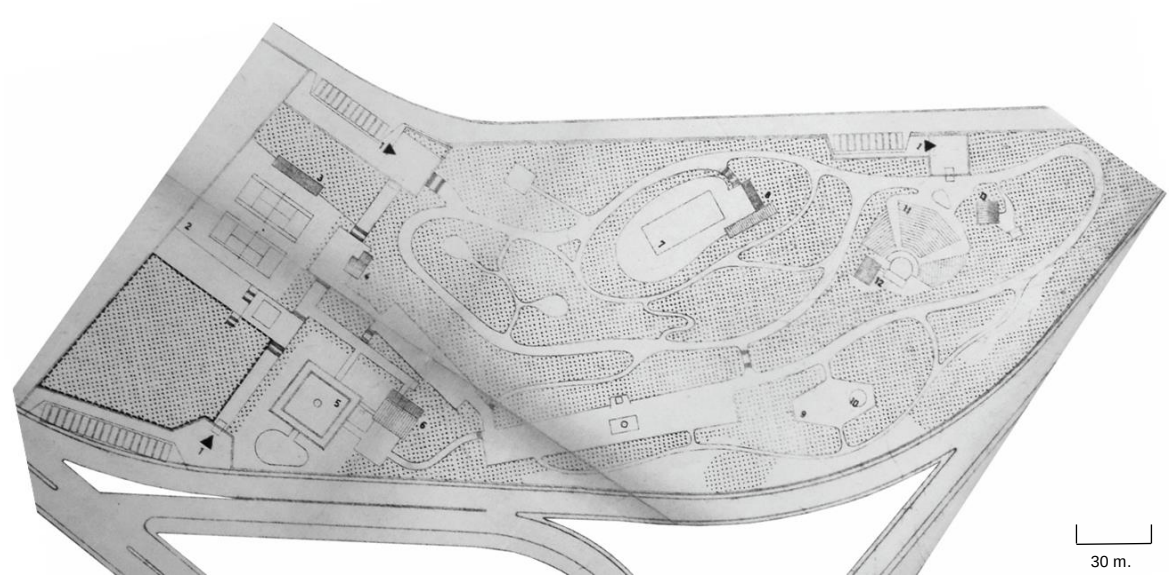



Figura 21: Anteprojeto da Quinta da Conceição, 1956.

[27] Távora, F. (1956) "Anteprojeto da Quinta da Conceição" Matosinhos.
[28] Furtado, J, M, C. (2015) "Percorrer, Habitar, Representar; Estratégias de Projecto de Fernando Távora par a Quinta da Conceição". FAUP. Porto.

## Projeto do plano geral

A segunda fase surge a 1957, com a intenção de continuidade e melhoramento das intervenções primordiais, assim como alguns estudos de pormenor dos edifícios que permitiriam mais exatidão nos orçamentos.

Este plano surge com o objetivo de reestruturar toda a área, a partir do melhoramento de acessos, novos percursos, implantação de mobiliário urbano e, ainda, alguns equipamentos e formas esculturais. Passa também por um cuidado trabalho de reabilitação de certos elementos já existentes, tema onde se destacam a capela, e o claustro.

Surgem novas propostas que visam o enriquecimento da quinta, como um ringue de patinagem e um pavilhão de apoio aos cortes de ténis. O parque infantil e o teatro são redesenhados com maiores dimensões e o museu-biblioteca passaria a ser apenas um museu, previsto no mesmo local.[29]

Participaram nesta enorme obra os Arquitetos José Pacheco, Alberto Neves, Vasco Cunha, e, ainda, Álvaro Siza Vieira que, posteriormente, iria conceber a piscina da quinta da Conceição.

Neste projeto, Távora lida constantemente com a força histórica da preexistência, de forma a criar uma harmonia constante entre o preexistente e o novo. Assim, executa um jogo entre o novo traçado do séc. XX com o desenho utilizado há cinco séculos atrás.[30]

As preexistências mais relevantes neste plano são o claustro, a capela, a alameda vermelha e o tanque, elementos que formam o conjunto orientador da proposta de intervenção. Távora pretende compor uma narrativa que é lida a partir das sensações que são percetíveis ao longo dos percursos planeados. Os elementos citados anteriormente, foram mantidos no local original e todos os acontecimentos propostos estão condicionados e interligados pela sua posição. Assim surge uma simbiose entre o passado e o presente, planeada pelo arquiteto no intuito de incutir ao visitante uma viagem temporal. É proporcionado um conjunto de sensações causadas por elementos de diferentes épocas que geram a riqueza impar que caracteriza este parque municipal.

Távora assume o papel de paisagista na primeira fase de projeto, levando a cabo uma modelação do terreno, a partir de uma variada manipulação das cotas pré-existentes. Daqui surge um jogo entre plataformas completamente niveladas, contrastando com escadarias, declives de terreno ajardinado e muros de suporte. Estes elementos são

[29] Távora, F. (1957) "Projeto da Quinta da Conceição" Matosinhos.

[30] Furtado, J, M, C. (2015) "Percorrer, Habitar, Representar; Estratégias de Projecto de Fernando Távora par a Quinta da Conceição". FAUP. Porto.

responsáveis por interligar cada intervenção idealiza no seu plano. Este trabalho entre cotas está bastante explícito na escadaria que liga a porta norte do parque (pátio vermelho) ao adro inferior que serve a capela, sendo este "pátio" um ponto de distribuição para outras zonas da quinta, como o claustro e as alamedas, amarela e vermelha.

Távora procura também criar uma rede de percursos por toda a quinta, assumindo diferentes formas e proporções, com variações na densidade e tipo de vegetação. As alamedas assumem formas ortogonais com escala de pátio, locais de circulação, mas também com intenção de criar espaços de repouso e contemplação. Outros caminhos assumem formas biomórficas e são apenas elementos de circulação e ligação entre os diferentes espaços. Nesta categoria temos o caminho que arranca do portal Fernandino na zona inferior da quinta e circunda toda a periferia da zona sul, até se unir com a alameda vermelha.

Ao longo do desenvolvimento das obras na Quinta da Conceição vão surgindo alterações e mudanças no plano, sendo que algumas construções acabaram por nunca ser realizadas até aos dias de hoje.[31]

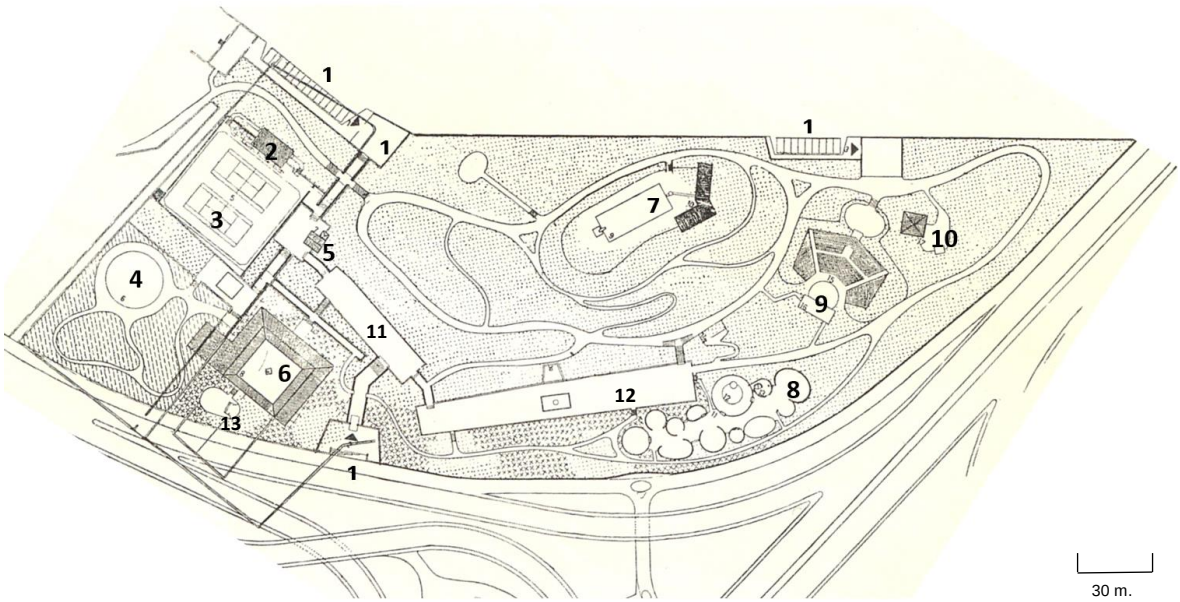



Figura 22: Plano do projeto da Quinta da Conceição de 1957.

1. Entradas
2. Pavilhão de Ténis
3. Cortes de Ténis
4. Ringue de Patinagem
5. Capela
6. Museu-Biblioteca
7. Piscina
8. Parque infantil
6. Museu-Biblioteca
7. Piscina
8. Parque infantil
9. Teatro
10. Casa da Guarda
11. Alameda Amarela
12.Alameda vermelha
13. Portal Fernandino

[31] Furtado, J, M, C. (2015) "Percorrer, Habitar, Representar; Estratégias de Projecto de Fernando Távora par a Quinta da Conceição". FAUP. Porto.

### 3.2.3. Obra não construída

Existe conjunto de projetos não realizados, mas propostos e desenhados por Fernando Távora, no qual fazem parte o teatro exterior, o museu, o restaurante, o ringue de patinagem e o parque infantil.

O parque infantil, foi construído com dimensões bastante mais pequenas e um pouco mais a nordeste do que era previsto na segunda proposta de Távora.

O ringue de patinagem assumiria uma forma circular e estaria localizado a este dos cortes de ténis. Atualmente foi construído em sua vez um espelho de água com um chafariz, que marca a entrada da zona inferior da Quinta.

O teatro ao ar livre iria localizar-se a norte das piscinas, junto à casa do guarda, de modo a aproveitar uma zona com bastante declive para facilitar o assentamento das bancadas.

O museu foi previsto como uma reabilitação do antigo claustro, atualmente em ruinas. O edifício desenvolvia-se em volta do claustro, criando um percurso continuo por todas as salas de exposição.

O restaurante iria localizar-se numa zona elevada, marcada pelos muros de suporte, que fica entre a antiga casa da quinta e os cortes de ténis. Este projeto tem especial importância para a reflexão desta dissertação, uma vez que se encontra no exato local proposto para a criação da escola de dança, que irei abordar no 3º capítulo. Para este local, Távora chegou a desenvolver plantas e cortes a escala 1:200.[32]

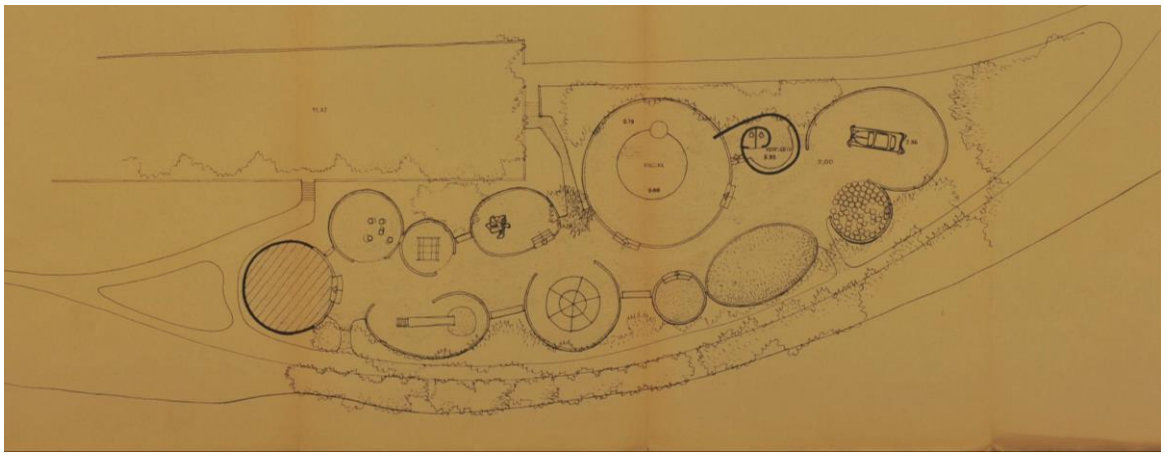


Figura 23: Planta do parque infantil, 1957, sem escala.

[32] Furtado, J, M, C. (2015) "Percorrer, Habitar, Representar; Estratégias de Projecto de Fernando Távora par a Quinta da Conceição". FAUP. Porto.

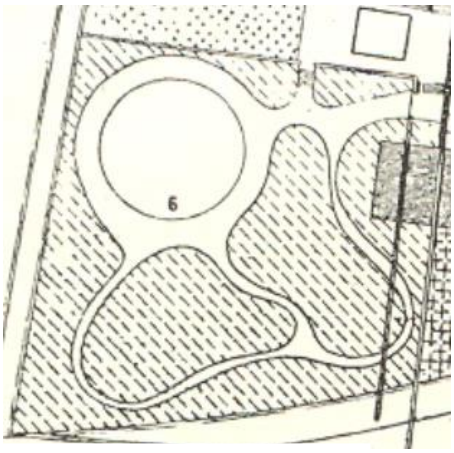



Figura 24: Planta do Ringue de patinagem, 1957, sem escala.

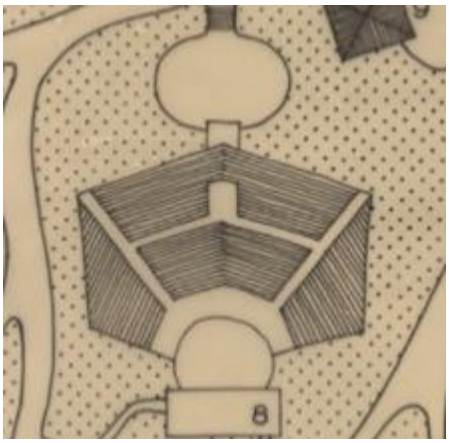



Figura 25: Planta do teatro, 1957, sem escala.

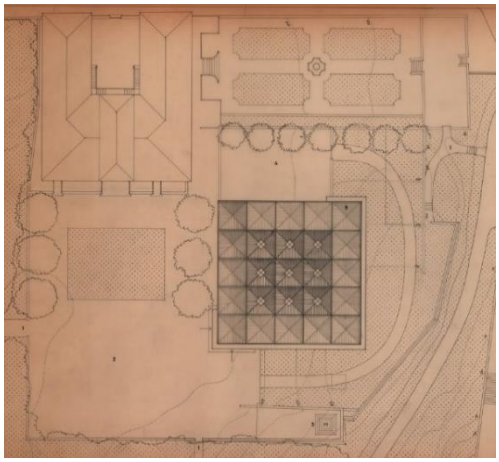


Figura 26: Planta de cobertura do restaurante, 1957, sem escala.

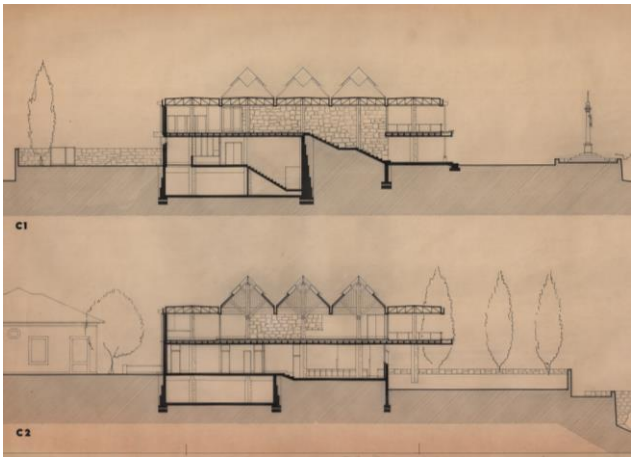



Figura 27: Curtes do restaurante, 1957, sem escala.

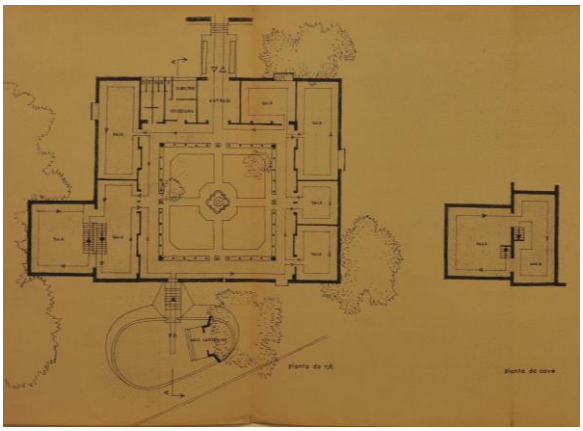


Figura 28: Planta do piso 0 e piso 1 do museu, 1957, sem escala.

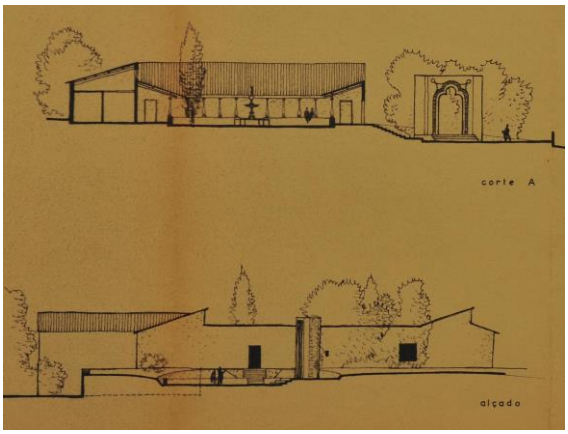



Figura 29: Cortes do museu, 1957, sem escala.

### 2.2.2 Obras construídas

No que toca aos edifícios contruídos, este trabalho dará especial atenção a duas obras que ficaram como referência na Arquitetura portuguesa: O pavilhão de ténis, projetado por Fernando Távora, e a piscina, projetadas pelo Arqº Siza Vieira.

### Pavilhão de Ténis

Concluído em 1959, surge uma esplêndida obra de arte com fantástica capacidade de adaptação à envolvente, um edifício que pode ser criticado pela funcionalidade, mas irrepreensível em proporções e materialidade. Não só espelha as tendências da arquitetura internacional moderna, como fortes tradições da arquitetura tradicional portuguesa e ainda um toque da arquitetura religiosa Japonesa. [33]

É, na minha opinião, uma obra que conjuga a vontade de experimentação, os valores do Arquiteto e as novas influências adquiridas nas muitas viagens realizadas a ver, analisar e interpretar a Arquitetura. É certo que o projeto foi feito anteriormente à sua viagem ao Japão, mas durante a sua construção tiveram, notavelmente, seu peso.

Távora assume a influência da arquitetura asiática em algumas alterações em obra, não só no Pavilhão mas também noutras intervenções na Quinta da Conceição. Esta obra resulta num marco incontornável na carreira de Fernando Távora, deixando ao arquiteto um carinho especial. [34]

*"Devo dizer que há muitas obras que fiz e de que não gosto porque foram realizadas com pressa (o tempo é bom conselheiro) ou porque o meu momento ou as condições não eram favoráveis, mas vejo-as sempre com muita saudade como acontece com as mulheres outrora amadas. O Pavilhão de Ténis é uma das obras de que ainda gosto (…) O problema que se colocava era o de marcar o parque com um edifício, criando ali um objeto dotado de presença, que afirmasse o eixo dos campos de ténis e que servisse como ponto de referência."* [35]

O edifício é, tal como exigência imposta pela Câmara de Matosinhos, um ponto de referência e remata-se o eixo dos cortes de ténis. Com o clima de constante vontade de renovação da arquitetura, Távora faz a sua interpretação, conjugando os simples materiais tradicionais com as novas técnicas de construção impostas pelo modernismo.[36]

[33] Lima, S, R, M. (2012) "fernando Távora e o Espaço Público Português" FAUP. Porto.

[34] Clementino, L, L, R (2013) "Fernando Távora. De O Problema da Casa português ao Da Organização do Espaço" FCTUC. Coimbra.

[35] Clementino, L, L, R (2013) "Fernando Távora. De O Problema da Casa português ao Da Organização do Espaço" FCTUC. Coimbra. Pg 117.

[36] Távora, F. (1957) "Memória descritiva e justificativa do Pavilhão de ténis e respetivo muro de suporte" Camara Municipal de Matosinhos

É necessário perceber que esta obra surge pouco depois da construção da famosa Casa de Ofir, onde esta experiência entre o moderno e o tradicional tem também grande relevância. Não podemos também deixar de reparar em todo o conjunto de envolvências que este edifico está inserido. Tal como a inclinação do terreno, os dois cortes de ténis a sul, os muros de granito a oeste, a antiga capela a este, assim como toda a densa vegetação que o envolve.

O edifício procura uma inserção adaptada ao terreno, não se impondo, mas sim, absorvendo as características das preexistências. Assume dois pisos, o inferior a nível dos cortes de ténis recebe as casas de banho para ambos os sexos, e uma arrecadação, o piso superior uma tribuna aberta mas coberta para boa visibilidade dos mesmos cortes. A varanda superior assenta num muro de suporte em alvenaria de granito que resolve o desnível do terreno, mas também faz o alçado do piso inferior. Aqui encaixado, faz um balanço sobre o plano de granito criando um plano de horizontal de betão, que recebe a grande guarda de madeira da varanda.

A cobertura é de uma água, com telhas de barro, e assume-se como um plano inclinado para sul, como que suspenso. Apoia em quatro pilares de granito que aparentemente não tocam no chão, nem na cobertura, e uma viga de betão poisada em duas paredes brancas que por sua vez fazem a os remates laterais que pousam no solo em tijoleira de barro. Outra parede branca na face norte do edifício faz o bloqueio de acesso posterior recebendo os quatro pilares citados.[37]

As forma e aparência deste edifício funcionam como um conjunto de linhas e planos que parece não se intercetarem, dando uma ideia de leveza da construção. Isto torna os materiais menos pesados, dando à forma geométrica rígida uma aparência mais orgânica e quente. Percebe-se neste edifício as influências do Arqº Alvar Alto na Finlândia e de James Stirling em Inglaterra, uma vertente moderna que repensa as formas rígidas e duras de utilizar o betão, tal como era característico em França por parte de Le Corbusier.[38]

[37] Delecave. J. (2011) identidade e subjetividade na obra de fernando Távora: o segundo Pós-Guerra e a Quinta da Conceição" EAU/UFF. Brasília.
[38] Clementino, L, L, R (2013) "Fernando Távora. De O Problema da Casa português ao Da Organização do Espaço" FCTUC. Coimbra. Pg 117.

Távora mostra aqui uma grande capacidade plástica, mas também conceptual, conjugando toda a nova ideologia dos CIAM, com a cultura e materialidade do local, como ainda influencias individualizadas.[39]



Figura 30: Fotografia Pavilhão de Ténis e Cortes de Ténis, 2016.



Figura 31: Fotografia do Pavilhão de Ténis,2016.

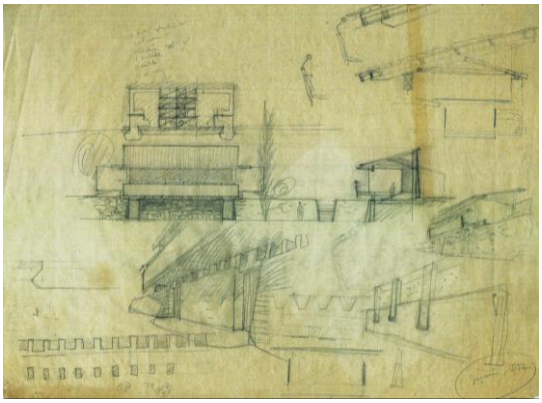


Figura 32: Esquiços de Fernando Távora, 1957.

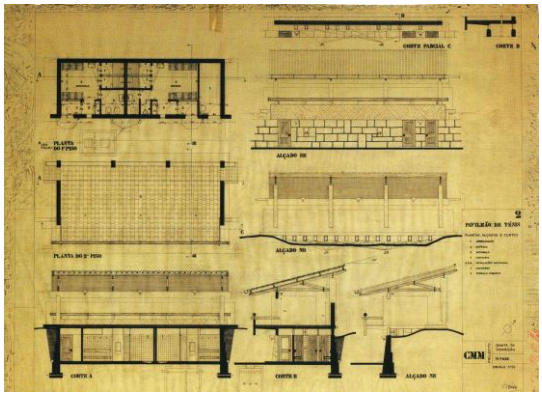


Figura 33: Plantas, Alçados e Cortes, 1957, sem escala.

[39] Clementino, L, L, R (2013) "Fernando Távora. De O Problema da Casa português ao Da Organização do Espaço" FCTUC. Coimbra. Pg 119.

## Piscina

No seguimento do plano Geral da Quinta da Conceição seguem-se outros elementos não menos importantes, como a piscina prevista para o ponto mais elevado do terreno, onde já existia um tanque de rega "Ninguém se lembraria de deslocar a piscina já existente".[40] Távora na época dividia o seu tempo entre o ensino na escola do Porto, viagens de participação nos CIAM e o trabalho de escritório, desta forma em 1957, decide convidar seu aluno, Siza Vieira para participar no anteprojeto desta obra. O jovem aluno, com o curso ainda pendente, leva a cabo várias experiências "procurando a expressão arquitetónica magistralmente concebida no Pavilhão de Ténis"[41]

É demonstrada uma enorme motivação e empenho neste projeto por parte de Siza, experimenta inúmeras possibilidades, o que é próprio de jovens arquitetos, "A minha ignorância era igual à minha vontade de aprender."[42] Távora decide confiar por completo o projeto ao jovem aluno, "O melhor é você levar isso para casa, desenvolvê-lo por si, prometo acompanhar o trabalho, sempre que julgue necessário"[43] . Em 1961 o projeto é entregue na Câmara Municipal de Matosinhos, e desde logo é notável o desprendimento com o Pavilhão de ténis, talvez consequência da constante intenção de renovação da arquitetura portuguesa que se vivia na altura. Este projeto surge logo depois da construção do restaurante da Boa Nova, e o início das Piscinas da Maré, mas apenas em 1966 é aprovado com a assinatura de Siza, recém-formado.

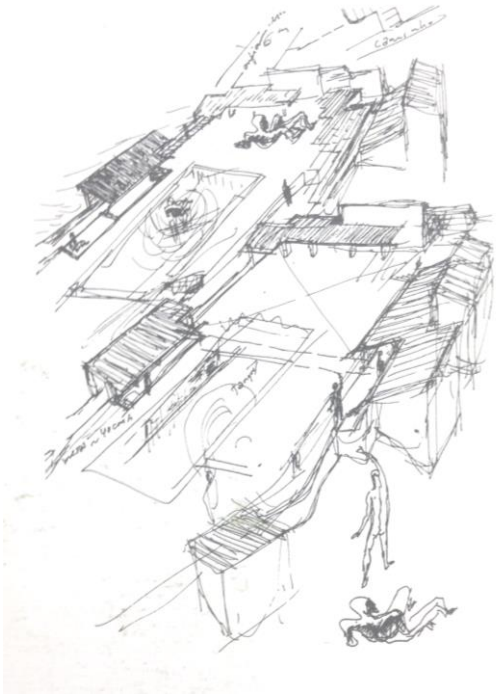


Figura 34: Esquiço de Siza, Piscinas da Quinta da Conceição.

[40] Távora, F. (1956) "Anteprojeto da Quinta da Conceição" Matosinhos. Pg.6.
[41] Morais, C, C. (2009) "Textos 01; Álvaro Siza" Barcelos. Pg.284.
[42] Morais, C, C. (2009) "Textos 01; Álvaro Siza" Barcelos. Pg.284.
[43] Morais, C, C. (2009) "Textos 01; Álvaro Siza" Barcelos. Pg.284.

A implantação baseia-se no controlo do declive do terreno a partir de plataformas niveladas, que recebem um tanque para adultos e outro mais pequeno para crianças. Estas plataformas são suportadas por longos muros caiados, criando três cotas diferentes que permitem simultaneamente a deambulação interior, e o bloqueio visual a partir do exterior.[44] Estas formas geométricas vão gradualmente se adaptando à topografia do terreno, até se fundirem por completo com os elementos naturais.

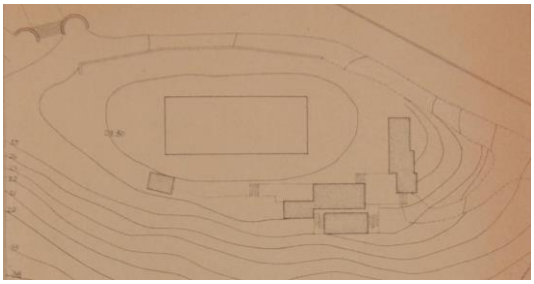


Figura 35: Planta de implantação, piscinas da Quinta da Conceição, 1961, sem escala.

O recisnto da picina é constituido por dois volumes irregulares, que estão dispostos em forma de L. O ponto de viragem (ligação) é um pátio quadrangular exterior que recebe a entrada principal, a norte, e por sua vez distribui para a plataforma superior que engloba os tanques. Este acesso é formado por  escadarias que ligam o terreno natural às plataformas elevadas. Toda a volumetria do complexo é concebida de forma a criar privacidade interior, como se desprende-se do resto da quinta e se fechasse sobre suas paredes. Tem um forte cariz de individualidade, pois funciona virando-se sobre si mesma, destacando na paisagem, o jogo entre o branco dos muros e os verdes da vegetação.

O edifício norte engloba a bilheteira, cafetaria , arrecadaçoes, enquanto o edifíco este albergaas casas de banho, cacifos  e vestiários. Ambos os volumes assumem coberturas de uma água em telha de barro, e no caso do volume este, estas viram-se para o interiro, diminuindo a escala do todo, e dando-lhe uma certa dualidade entre a tradição rural e a modernidade.[45]

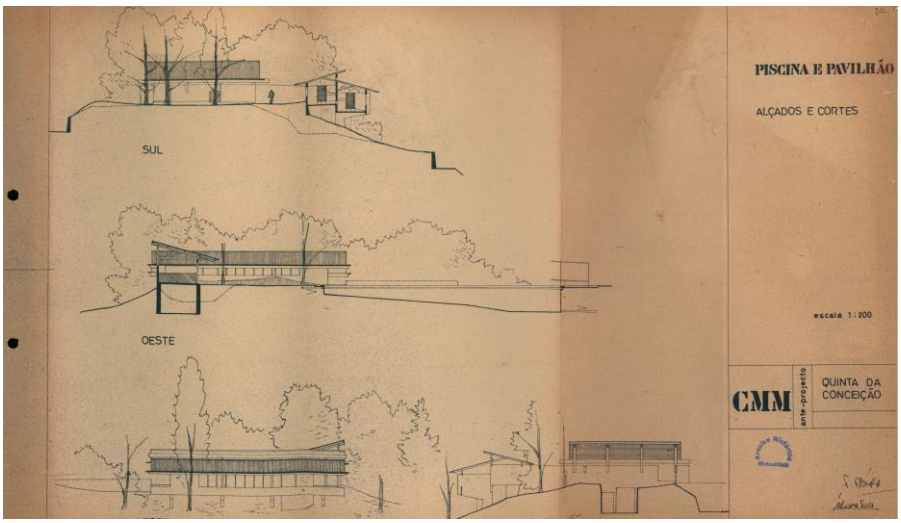



Figura 36: Cortes e alçados das Piscinas da Quinta da Conceição, 1961, sem escala.

[44] Távora, F. (1958) “Memoria descritiva da piscina da Quinta da Conceição”
[45] Trigueiros, P, M, B. (2007) “Alvaro Siza 1954-1976”



Figura 37: Fotografia do acesso ao interior das piscinas.



Figura 38: Fotografia do alçado sul das Piscinas 2016.

## Capítulo IV

O capítulo que se segue aborda as temáticas relacionadas com o projeto e reflete o trabalho do Arquiteto para além das funções de urbanista, intervindo e desenhando o espaço em resposta às suas condicionantes e necessidades dos seus utilizadores.

Este trabalho é diretamente influenciado por todo o processo de interpretação refletido nos capítulos anteriores, nomeadamente pela análise do próprio parque municipal a nível da sua morfologia, sistema de circulação, equipamentos existentes, etc.

Todo o processo de projeto aborda, numa fase inicial, uma visita ao terreno, de modo a fortalecer a perceção dos diversos espaços e ambientes existentes no objeto de estudo. Neste seguimento, elabora-se ainda uma descrição de um percurso no local em estudo, com características espaciais e sensoriais, de modo a fortificar a relação do leitor com este espaço público.

Neste capítulo pretende-se, acima de tudo, refletir sobre os principais parâmetros do modo de projetar a escola de dança, nomeadamente a implantação no parque municipal da Quinta da Conceição e também a definição de acessos e sistema de circulação, volumetria, materialidades, organização, estrutura, entre outros.

De forma geral, o edifício proposto pretende integrar-se harmoniosamente com o edifício existente da G.N.R e o cruzeiro, com uma forma que não ultrapasse em demasia as proporções volumétricas dos restantes equipamentos existentes na quinta.

1. Terreno de implantação 2. Escola de dança 3. Edifício da G.N.R. 4. Pavilhão de ténis 5. Piscina

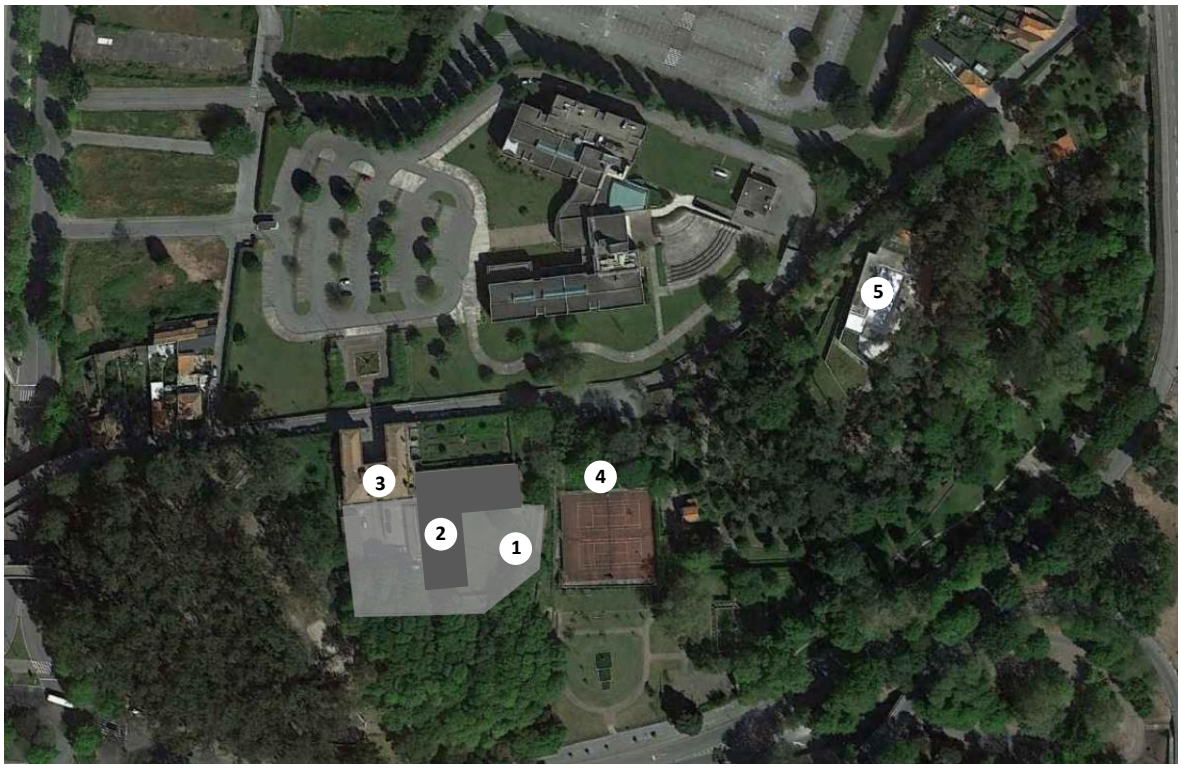



Figura 39: Esquema representativo da área de implantação, sem escala.

## Capítulo IV: Implantação e relação com a envolvente da Escola de Dança

### 4.1. Análise sensorial

Chegando à Quinta da Conceição pela entrada a Noroeste, observo uma estrada de microcubo de granito, entre muros onde mal passam dois carros. Salta à vista a densa vegetação da quinta, mas também os edifícios da Exponor. O Pátio Vermelho funciona como entrada, não diria principal, uma vez que Fernando Távora cria neste parque um percurso livre e com várias possibilidades de circulação, mas foi esta entrada que escolhi para iniciar este percurso. Este pátio é dotado de paredes cor-de-rosa com cerca de quatro metros de altura que lhe dão uma forma quadrangular e que não passam indiferentes pela sua escala e imponência, chamando, sem dúvida, a atenção de qualquer visitante, como se nos avisassem que algo está para vir!



Figura 40: Acesso a Quinta da Conceição do percurso



Figura 41: Escada de acesso ao terreno da escola de dança



Figura 42: Portal do pátio vermelho, com enfiamento da escadaria da Capela.

Logo na passagem deste pátio, onde se é obrigado a passar por baixo de uma grande pedra de granito monolítico com um aspeto um pouco suspenso, deparo-me com um ponto de distribuição. Este oferece três opções: Um caminho pela direita de acesso ao pavilhão de ténis, ou o contorna e sobe por um grande muro de suporte que leva até um parque de merendas que fica fora da zona projetada por Távora. Outra opção refere-se a uma bonita escadaria que vence a altura de outro muro de suporte, dando acesso a um relvado que contem o antigo cruzeiro e umas instalações sanitárias.

Este espaço é cercado pela antiga casa da quinta da Conceição, atual edifício da polícia e seu terreno, destinado a estacionamento de automóveis. Foi este relvado o local escolhido por Fernando Távora para implantar o restaurante que não chegou a ser construído, sendo também o local escolhido para desenvolver o projeto da escola de dança, desenvolvido durante todo o ano letivo do quinto ano de Arquitetura da Universidade Lusófona do Porto.

Ainda no mesmo ponto de distribuição, podemos escolher um caminho pela esquerda, que nos permite subir umas escadas até um percurso em gravilha que, por sua vez, nos faz chegar às piscinas projetadas pelo Arquiteto Siza. Este será o ponto de chegada para finalizar o passeio pela quinta.



Figura 43: Ponto de distribuição



Figura 44: Escadaria da Capela



Figura 45: Pavilhão de Ténis

Seguindo o passeio pelo caminho em frente, na minha opinião o mais atrativo, observo uma escadaria repleta de vegetação que vai descendo até um pátio mais baixo, onde acabam os cortes de ténis com um muro de suporte para a grande plataforma que nivela o terreno. Esta escadaria cria um enfiamento fantástico, intercepta vários acontecimentos do parque e finaliza num pequeno arco em granito que Távora localizou ali especificamente. É, neste ponto, percetível o Porto de Leixões, exibindo grandes gruas em movimento e contentores coloridos, tendo este elemento grande impacto na quinta, tanto a nível visual, como também a nível sonoro. Pode ser considerado um constrangimento bastante forte neste espaço público, mas, na minha opinião, Távora conseguiu criar uma diversidade de elementos atrativos que nos mantem focados na beleza do parque, fazendo assim esquecer esta presença desagradável.

Volto a focar a minha atenção para a escadaria que me leva a um pátio exterior com uma área semelhante à do pátio vermelho, acima referido. Este serve a capela e recebe, à sua direita, uma pequena alameda com muros amarelos que, por sua vez, nos encaminha à grande alameda de muros vermelhos. Este dá também acesso a um caminho repleto de buchos, fazendo lembrar labirintos românticos e que escondem, por trás de si, as ruínas do claustro.



Figura 46: Escadaria da capela



Figura 47: Capela



Figura 48: Pátio exterior



Figura 49. Muros de suporte

Chegando ao final da escadaria, encontro-me num terceiro pátio aberto, desta vez de forma retangular, tendo à sua direita uma fonte com um tanque quadrangular e um relvado que se estende até ao limite de um muro, assim como umas pequenas escadas que seguem caminho.

À esquerda, salta à vista um enorme eucalipto que preenche este espaço de sombra e, portanto, aproveito para observar as escadas que, então, desci, deparando-me novamente com o belo enfiamento, agora com a perspetiva inversa, que finaliza na pedra suspensa do pátio vermelho. Esta escadaria é uma linha organizadora muito bem planeada no projeto de recuperação deste parque, funcionando como elemento distribuidor dos espaços e elementos próximos.

Sendo conduzido pela escada junto ao tanque, deparo-me com outro contexto. É visível que Fernando Távora deixa aqui de lado a ortogonalidade e desenha caminhos com formas orgânicas que circundam o espelho de água em degraus que presenteia a entrada Sul do parque. Sigo por esse caminho circular para ter perspetiva do lado oposto de onde vim, alcançando uma clareira, onde a densa vegetação desaparece e temos melhor noção do todo que nos rodeia. Aqui apercebo-me do grande desnível do terreno e, assim, compreendo a necessidade de trabalhar com os muros de granito que criam plataformas de diferentes dimensões e cotas, de modo a receber os equipamentos propostos no projeto, como por exemplo os cortes de ténis, o pavilhão, as alamedas e vários caminhos.

Prosseguindo o caminho circular, acabo por encontrar umas pequenas escadas que me levam novamente à densa vegetação e, por de trás dela, aparece discretamente o claustro que pertencia ao antigo convento. Este foi idealizado pelo Arquiteto Távora como uma reabilitação, a fim de receber um museu, projeto que nunca passou do papel, tal como o restaurante.

Voltando um pouco para trás e descendo novamente as escadas para seguir outro caminho que me chamou a atenção, sou conduzido a passar pela grande porta Fernandina.



Figura 50: Fonte e entrada Sul da Quinta da Conceição



Figura 51: Claustro

Esta foi movida para este local especificamente para se tornar como um convite ao percurso que se segue, talvez também para deixar uma marca atrativa ao visitante da quinta, assim como faz na zona do Pátio vermelho.

Ao passar a porta Fernandina apercebo-me imediatamente do aumento da densidade arbórea, seguindo-se um relvado quase plano, com aspeto bastante selvagem, como a aparência de um bosque natural. Sou conduzido por um caminho ondulante que me leva pelo limite Sul do parque, acompanhando seus limites físicos. Aqui é bastante percetível o grande fluxo automóvel do lado exterior às grades, causado pela IC1 e os acessos locais, outro constrangimento sonoro e visual que não passa despercebido. Uns metros à frente surge um pormenor de Paisagismo e Arquitetura bastante interessante: a junção das duas alamedas, a menor, amarela, e a maior, vermelha. Este é um ponto de destaque no projeto de Távora, um momento de tensão entre diferentes matérias, como o controlo da cota do terreno, a ligação entre as alamedas e o contraste das cores amarela e vermelho. Os pormenores decorativos também se destacam, como é o caso das estátuas e da árvore que, atualmente morta, interrompe o muro, sendo este um pormenor bastante orgânico que enriquece o projeto e tão bem caracteriza a sensibilidade do Arquiteto para com a Natureza.



Figura 52: Portal Fernandino, banco circular e pórtico



Figura 53: Interceção da alameda amarele com a vermelha

Afasto-me do caminho ondulante em cimento e sou atraído a subir à alameda vermelha a partir de umas pequenas escadas. Deparo-me com um espaço bastante árido, um pátio aberto, com forma retangular e com dois alinhamentos de árvores e, no centro, uma fonte. Do meu lado esquerdo, a noroeste, segue, no alinhamento da alameda, um grande muro de suporte em alvenaria de granito que tem a particularidade de se assemelhar a uma muralha de castelo com as suas ameias. Por curiosidade, Távora faz um esquiço do pavilhão de ténis também com ameias no seu alçado. Este muro estende-se para lá do pátio, suportando um caminho em gravilha que liga o primeiro ponto de distribuição referido anteriormente, até à casa do guarda, no limite Norte do parque.

Já quase no final da alameda, avisto do lado direito outra entrada, dando esta acesso à estrada que circunda a quinta. Esta está em frente a um túnel que permite passar por baixo do acesso a IC1. Mais uma vez, apercebo-me dos constrangimentos que toda a envolvente traz a este parque. Parece-me que Távora tenta fazer uma barreira vegetal ao longo de seus limites para bloquear o som vindo da IC1, mas o seu forte fluxo automóvel torna-se muito difícil de contornar.

Ao sair da alameda, volto aos caminhos biomórficos, desta vez em terra batida, que me conduz a um ponto de distribuição, oferecendo quatro opções de percurso. Á esquerda avisto o acesso ao parque infantil, um espaço ao ar livre, com um banco em betão que circunda todos os equipamentos destinados as crianças. Este parque infantil parece um fragmento do projeto que Távora tinha idealizado, apenas possuindo um dos nove círculos propostos e ocupa uma área bastante mais pequena. O mesmo ponto de distribuição oferece a opção de seguir em frente, um percurso que nos leva a circundar a casa do guarda e que passa no limite Norte do parque. Também oferece dois acessos à direita que levam ao caminho que se desenvolve ao longo do topo do muro acastelado, sendo este o percurso que escolhi.



Figura 54: Parque infantil



Figura 55: Alçado sul da piscina

Subo um pouco, até um nível onde o tal muro se dissolve com o solo do terreno e deparo-me com um elemento fantástico, escondido por trás da vegetação. As piscinas de Siza Vieira, um grande volume branco, formado por vários alinhamentos de muros que se vão adaptando ao terreno, de forma a criar plataformas para servir o espaço interior. O muro mais alto, voltado a Este, exibe uma grande abertura com barras verticais, de madeira de tom escuro, que trazem a esta forma tão abstrata, alguma adaptação à forte vegetação envolvente. Apesar desta perspetiva ser bastante agradável, é notável o forte contraste das formas



Figura 56: Alçado norte da piscina

geométricas brancas com todos os elementos naturais e irregulares ao longo do percurso que circunda o edifício.

O percurso, desta vez em pedras de granito, leva-me a passar pela casa do guarda que atualmente engloba também uma área de merendas com pérgulas e acaba na entrada Noroeste do parque.

Contornando as piscinas, finalizo o meu percurso no primeiro ponto de distribuição. Encontro-me no ponto mais alto da quinta e, de seguida, desço em direção a Sudoeste, passando pela entrada das piscinas e prosseguindo o caminho entre as grandes e irregulares paredes envolventes. Na minha opinião, Siza também quis dar a este local um pouco da sua arte, impondo alguma tensão entre sua a intervenção e a envolvente.

Assim, após seguir por todas as plataformas e muros das piscinas, alcanço o ponto final do percurso, mais concretamente o local que me serviu, inicialmente, como ponto orientador de todo o percurso.



Figura 57: Alçado oeste da piscina

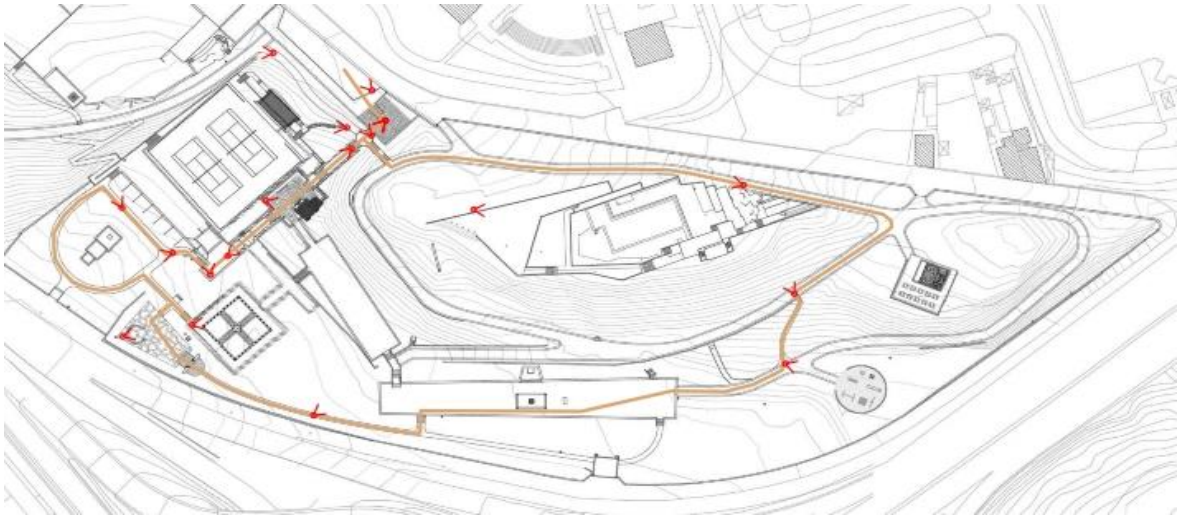



Figura 58: Planta atual da Quinta da Conceição, 2015,sem escala.

## Capítulo IV: Implantação e relação com a envolvente da Escola de Dança

### 4.2. A Escola e Dança

Segue-se uma análise de autocrítica sobre o edifício proposto, para a função de escola de dança, e com o limite de implantação indicado na imagem 39. O edifício em forma de U junto ao terreno, é antiga casa da Quinta da Conceição, e atual edifício da G.N.R., foi proposta a reabilitação para adaptar a uma escola de música. O projeto que proponho deve prever ligações entre as duas escolas, de modo a que se tornem um complexo funcional. A azul estão indicados os acessos possíveis ao terreno. Esta proposta não deverá ultrapassar a área total de 1070 m2, e a área bruta máxima de 1400m2.



Imagem 59: Esquema representativo da área de implantação e acessos ao terreno, sem escala.

- A escola de dança deve responder a um programa que englobe as seguintes áreas:
- Áreas gerais: receção(1), casa de banho(2), arrumos(3) e cafetaria(4);
- Áreas técnicas(5) e arrumos;
- Serviços administrativos: gabinetes(6), sala de reuniões(7), arrumos e casas de banho;
- Salas para ensaios(8), arrumos, balneários para alunos(9) e professores(10);
- Auditório(11), arrumos, camarins(12), sala de projeção(13), sala de ensaios(14).

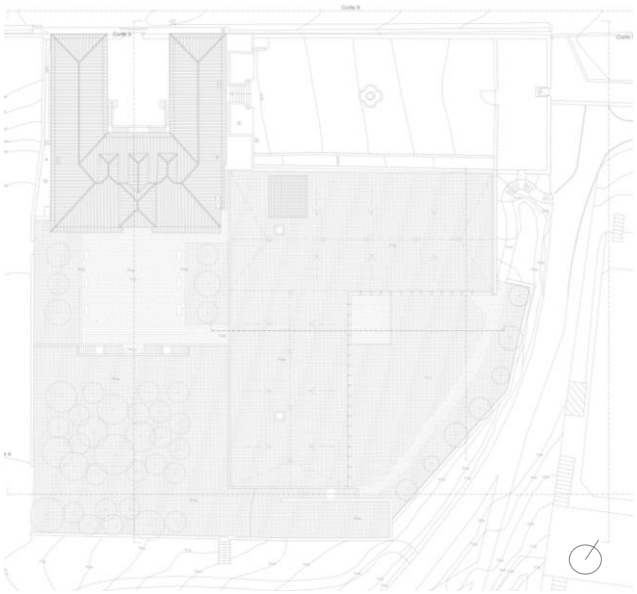


Figura 60: Planta de implantação, escola d dança; sem escala.

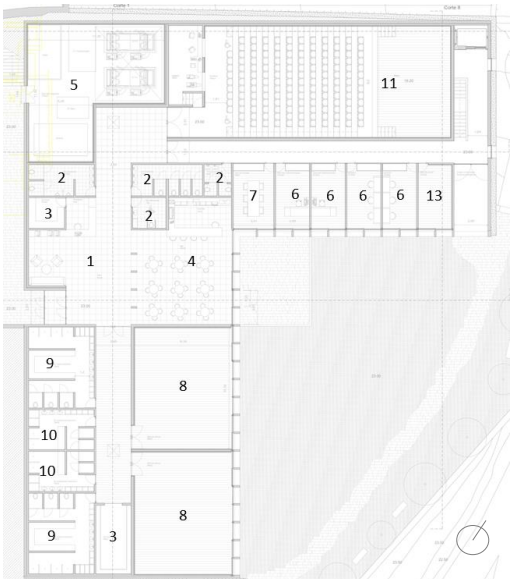



Figura 61: Planta do piso 0, escola de dança, sem escala.

Reflexões anteriores desta dissertação tornam-se elementos fundamentais nesta fase da análise, pois dão forma a uma nova perspetiva sobre a proposta efetuada.

Criam assim uma base de conhecimento capaz de reflexão de toda a ação de Projecto desenvolvida durante o ano letivo.

É certo que no desenvolvimento do projeto, desde a sua fase inicial, foram desempenhadas várias fases de trabalho, também elas capazes de criar uma base de conhecimento que justifique a ação do projeto. Contudo, com o passar do tempo, e o acumular de conhecimento do local e sua envolvente, a perceção do espaço torna-se diferente, assim com a perceção de suas valias, ou constrangimentos.

Com esta pequena introdução pretendo contextualizar o leitor da variação temporal entre a ação do projeto, e a criação desta dissertação.

O Projecto da Escola de Dança passa por varias propostas chegando por fim a uma forma que reúne de melhor forma as prematuras vontades do aluno, com o consistente conhecimento dos professores. Um constante jogo de autossuperação na busca de uma proposta o mais adequada as necessidades do programa e do terreno em que se insere.

Estes projeto é invariavelmente influenciado pela energia natural da grande mancha verde que é o Parque Municipal da Quinta da Conceição, mas também pelos elementos não naturais, como os edifícios, monumentos e caminhos. Um aglomerado de elementos que formam a beleza, que tão bem caracteriza este Parque municipal.

Em todas as fases de projeto sempre tive especial atenção a alguns elementos essenciais, na minha opinião, para uma boa implantação e adaptação ao terreno. Elementos estes, como os caminhos de acesso, os muros de suporte, o cruzeiro, a antiga casa da Quinta, as cérceas dos volumes em geral, entre outros.

Por outro lado, mas não menos importante, temos a uma grande influência indireta por dois edifícios presentes na Quinta, o Pavilhão de Ténis de Fernando Távora, e as Piscinas de Siza Vieira. Dois imponentes edifícios no panorama da arquitetura moderna portuguesa, que não podem ser esquecidos no desenvolvimento deste projeto, isto no sentido que deve existir coerência entre a minha proposta e estes.

Desta forma a presente proposta pretende adaptar-se ao terreno de modo subtil e discreto perante sua envolvente, no intuito de que nunca comprometa o destaque dos elementos citados anteriormente, caracterizantes deste espaço.

Para este efeito, procurei desenvolver um edifício que não se destacasse em altura, não sendo avistado da rua pública, nem se sobrepusesse em altura, sobre a casa da G.N.R. O Pavilhão de ténis de Fernando Távora influenciou bastante a minha opção de implantação, pois o declive do terreno é trabalhado de uma forma que se adapta aos meus interesses e necessidades. Pois controla o declive do terreno com muros de suporte, de forma a utilizá-los como fachada, dando ao edifício a capacidade de se fundir com o terreno.

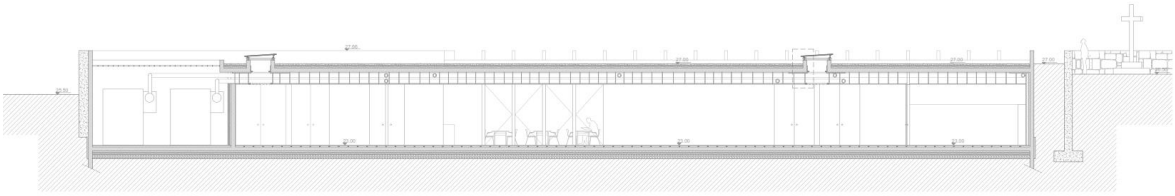


Figura 62: Corte longitudinal, piso 0, escola de dança, sem escala.

Com isto, pretendo controlar as cotas do terreno que dão acesso ao edifício, coordenando-as com as cotas dos pisos do próprio edifício, para que não comprometa o acesso de deficientes. A cota 27, simultaneamente é a cota da cobertura do edifício, assim como a cota ao acesso exterior do segundo piso da casa da G.N.R. Esta cota é a mais elevado do terreno, e faz ligação a um parque de merendas a oeste da Quinta, assim como ao Claustro, e ao piso inferior do edifício a partir de escadas ou rampa. Esta altura é elevada até a cota 27.66, de moda a criar uma guarda que segue um alinhamento regular ao logo de toda silhueta do edifício, a mesma altura da guarda o claustro, que se alinha perfeitamente á altura da guarda preexistente do segundo piso da casa da G.N.R.

Esta altura implica um acréscimo do muro em que o edifício encosta, o mesmo que faz de alçado para a rua pública, para que esconda o edifício, tornando praticamente impercetível nessa vista. Isto no objetivo de manter a aparência original do conjunto da casa da G.N.R. e seu jardim, o muro de alvenaria de pedra de granito, e os muros cor-de-rosa implantados por Fernando Távora.

No que toca ao piso principal do edifício, este assenta no terreno de modo a assumir a cota 23, o que permite a ligação quase plana, entre a entrada principal da casa da G.N.R. Permite também que o primeiro piso se estenda a dois espaços exteriores aplanados, nas faces este e oeste do edifício.

O edifício assenta no terreno de modo a respeitar as características citadas anteriormente, e de forma a criar três pisos, o piso exterior da cobertura a cota 27, o piso principal e de acesso ao edifício á cota 23, e o piso inferior, subterrâneo que recebe o auditório à cota 19.20.

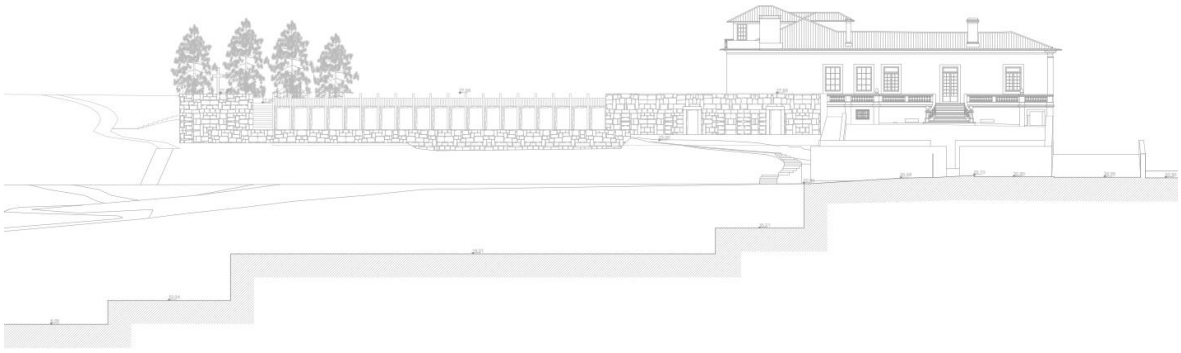


Figura 63: Alçado este, escola de dança, sem escala.

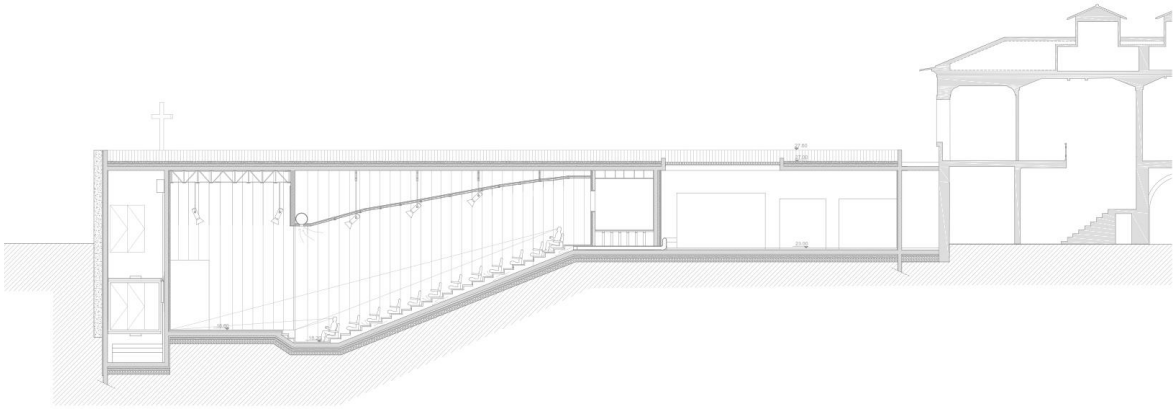


Figura 64: Corte longitudinal, piso 0 e piso -1,sem escala.

No que diz respeito à volumetri**a** do edifício, surge um corpo em forma de L, que em termos funcionais pode ser dividido em dois retângulos. A receção é o elemento responsável pela interceção e união entre eles, encontra-se na extremidade do volume A que recebe também as áreas dedicadas a escola de dança, como salas de ensaio e balneários. O volume B recebe todas as outras áreas descritas no programa, dessa forma, na consequência da inclinação da bancada do auditório, assume também um piso inferior que é aproximadamente um terço do piso superior. A união dos dois volumes ocupa uma

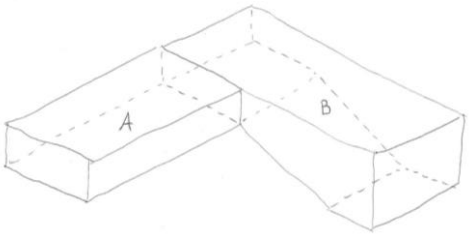



Figura 65: Esquema volumétrico, sem escala.

área total de 1339m2, que é também a área do desaterro necessário no terreno para possibilitar esta implantação parcialmente soterrada.

A fachada do edifício é completamente envidraçada nas duas faces interiores, as únicas com aberturas, que se abrem para nascente. Isto na busca da entrada de luz natural de modo controlado, para uma melhor eficiência térmica, e consequentemente melhorias no desempenho energético. As faces exteriores do L ficam soterradas, com exceção de certa parte da face poente, que fica exposta para o pátio exterior, e exibe a entrada principal do edifico, e também o acesso a área técnica.

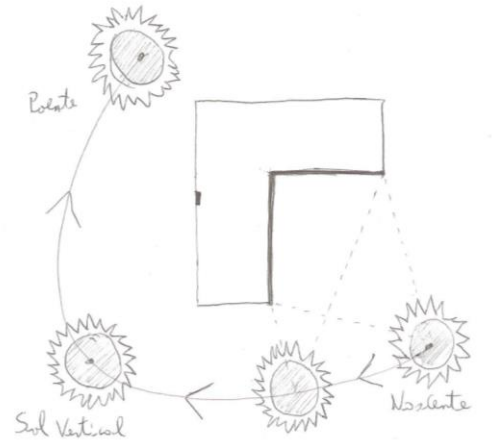


Figura 66: Esquema de incidência solar, sem escala.

A forma em L é também utilizada por Siza Viera nas piscinas da Quinta da Conceição, a variação na implantação dos edifícios, está na orientação solar. Siza faz sua implantação inversamente à que proponho, talvez no intuito de privilegiar a luz da tarde, e não da manhã, expondo assim as faces interiores do edifício a poente. Talvez procure cria sombreamento pela manhã e deixar o sol penetrar completamente pela tarde, nas zonas da piscina e seu recinto exterior. É certo que os programas e finalidade dos edifícios são completamente distintas, mas nesta comparação cria-se uma problemática, capaz de evidenciar a necessidade de controlo da luz natural consoante as necessidades do edifício.

O edifício assume uma estrutura assente em paredes de betão aparente no exterior, com 20 cm de largura em toda a periferia das faces exteriores do L, mas nas faces interiores assume uma métrica de pilares também de betão com espaçamento de 1.35 m entre eles. Estes elementos estruturais, com 15 cm de largura e 30 de comprimento, numa perspetiva frontal são como lâminas verticais, mas à medida que a perspetiva visual se torne lateral, a sua profundidade ganha destaque e bloqueia a visão para interior. Isto não só dá uma dinâmica interessante ao edifício, como o torna aparentemente mais alto e também mais curto na sua profundidade. Esta técnica construtiva também permite o controlo solar, quanto à sua incidência no interior das salas, pois cria pequenos rasgos de luz que vão girando consoante o movimento solar.

No interior do edifício existem também paredes estruturais num alinhamento central, para o assentamento das lajes. Apenas existe a exceção na zona de separação entre o átrio e a cafetaria, aqui os pilares exteriores referidos anteriormente, são transportados para o interior no mesmo alinhamento com o intuito de suporte das lajes, mas também para criar uma barreira física, mas não visual entre estes dois espaços distintos.

Esta solução construtiva deriva da vontade de assumir a estrutura na fachada, mas também de associar este elemento à proteção solar *brise-soleil* (técnica muito utilizada no modernismo para controlar a incidência solar e temperatura dos edifícios, teve grande divulgação por Le Corbusier). Esta vontade surgiu da observação de uma edifico na Foz do Porto da autoria de Souto Moura, visitei-o em âmbito escolar, com o acompanhamento do Professor Sergio Koche. Com o edifício ainda em construção, os elementos construtivos destacavam-se, principalmente a estrutura que na fachada marcava uma simetria perfeita com um especto muito atrativo. No seguimento desta ideia, desenvolvi uma pesquisa de soluções arquitetónicas semelhantes, das quais se destacou o Museu de literatura moderna, na Alemanha, da autoria do arquiteto David Chipperfield. Esta obra reúne as características que pretendo, tem um especial relevo no tratamento da luz natural, manipulando-a em rasgos de luz verticais que alteram consoante a incidência solar.



Figura 67: Edifício em construção, na Foz do Porto, Souto Moura.

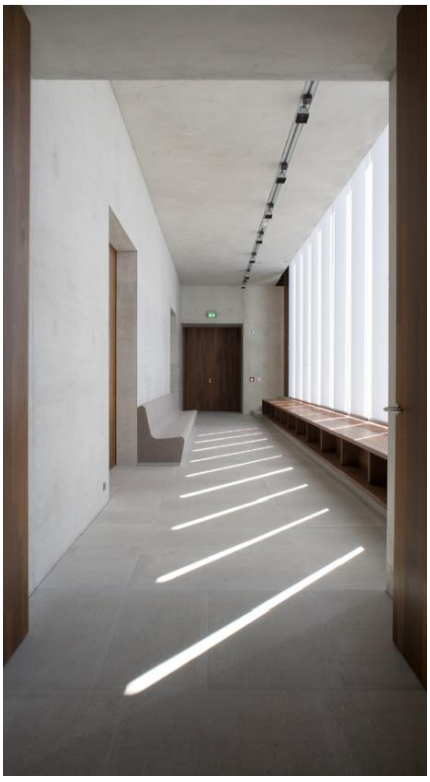


Figura 68: Museu de literatura moderna, Alemanha, David Chipperfield..



Figura 69: Fotografia do Museu de literatura moderna, Alemanha, David Chipperfield.



Figura 70: Estereotomia do betão com cofragem de placas de madeira.

A materialidade da proposta é também baseada na vontade de adaptação coerente, contínua e respeitante da envolvente, como foi citado anteriormente. Nesse sentido proponho um especto exterior, que é possível a partir da utilização do betão armado com pigmentação cinza claro, e com uma estereotomia de pequena escala, dala pela cofragem com placas de madeira de 15 cm, distribuídas na horizontal. Esta técnica construtiva dá ao edifício uma aparência, que na minha opinião coincide harmoniosamente com a pedra de granito dos muros circundantes. Também no exterior temos a presença de planos horizontais de vidro, já citados anteriormente, que permitem transmitir alguma leveza, e contrastaram com solidez do betão e da pedra. Já no interior, predomina a cor branca das paredes e teto, assim como a madeira e pedra de granito dos pavimentos. O betão apenas surge em dois elementos, uma parede que limita o átrio, transportada do exterior para interior, e também os pilares que dividem o átrio e cafetaria já citados. O auditório detém também a particularidade de expor a aparência do material utilizado para o controlo acústico, cortiça de cor natural comprimida.

O edifício tem uma lógica de distribuição bastante simples, baseia-se na organização em cruz, tendo no centro a receção, átrio, e cafetaria. Este ponto centralizado não só tem a função de receber todo o fluxo pedonal, como também o distribui consoante a função necessária, não misturando o público visitante com os alunos. Pois quando entramos no edifício, temos à direita as duas salas de dança, e os balneários para alunos e professores, essa zona é independente de todas as outras do edifício, de modo a evitar o acesso de pessoas, que não alunos, professores ou funcionários. À esquerda, passando pelo átrio da receção temos o acesso a outro pequeno átrio, que tem duas funções. Faz a distribuição do público para o auditório, assim como dos funcionários para a zona dos gabinetes, salas de apoio ao auditório, a saída de emergência e monta-cargas. Tem também a função de lóbi para evitar demasiada acumulação de público em alturas de grande fluxo.

No que toca à circulação exterior, a implantação do edifício possibilita a criação de percursos que circundam o mesmo, vencendo os desníveis com escadas e rampas. Possibilita um percurso junto á cobertura que permite a visualização da cobertura ajardinada ajardinada, com *sedum sp*. O acesso principal á escola de dança é feito a partir dos portões da futura escola de música (atual casa da G.N.R.), que tem ligação direta com a rua pública. Com esta inter-relação das escolas, surge a necessidade de criar uma área que marque a separação das mesmas, evidenciando e organizando a divisão dos espaços. Assim surge um pátio com 517 m2, com pavimento de pedra de granito e vegetação pontual, este simultaneamente organiza a ligação entre as escolas, mas também serve de recreio para os alunos. Faz a articulação entre a escola de dança e a escola de música, que deveram funcionar mutuamente.

O Projecto proposto para a Quinta da Conceição, tem uma função reabilitadora, pretendendo dinamizar e promover o próprio parque municipal, atrair novos usuários para utilizarem regularmente os equipamentos dispostos no parque e também usuários de esporádicas visitas lúdicas.

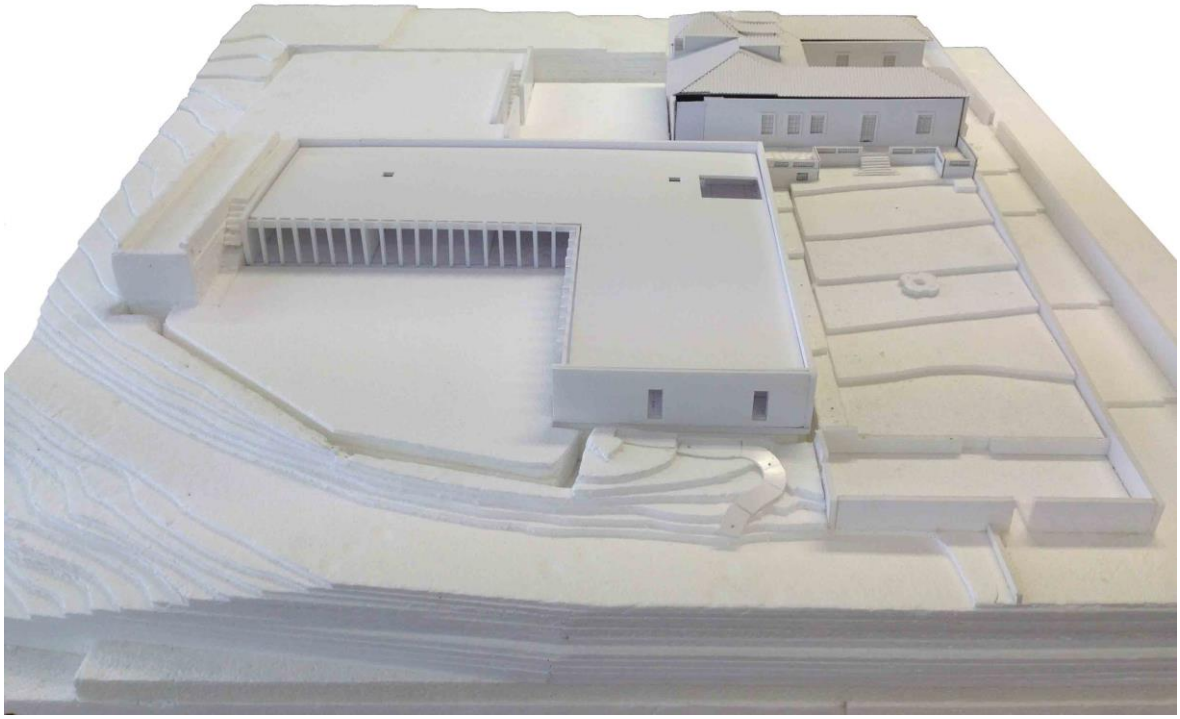


Figura 71: Maqueta da escola de dança e envolvente, vista este, escala 1:100, 2016.

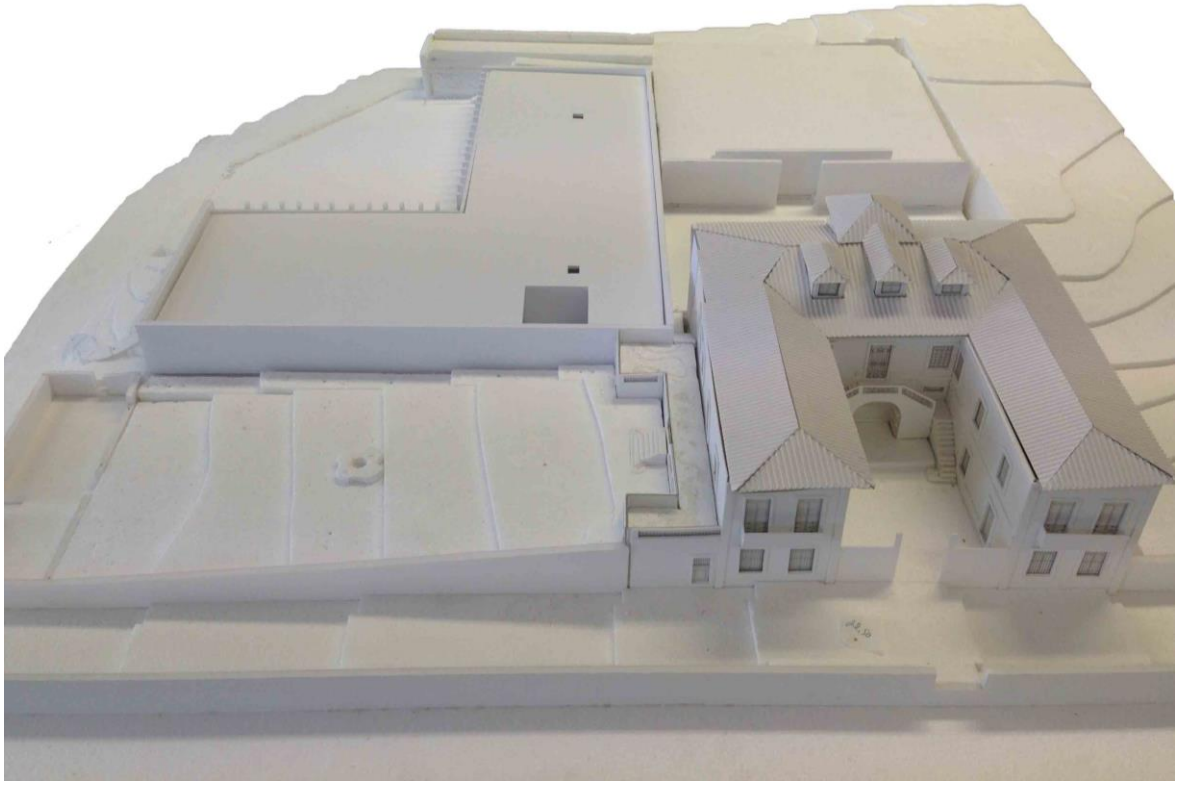


Figura 72: Maqueta da escola de dança e envolvente, vista norte, escala 1:100, 2016.

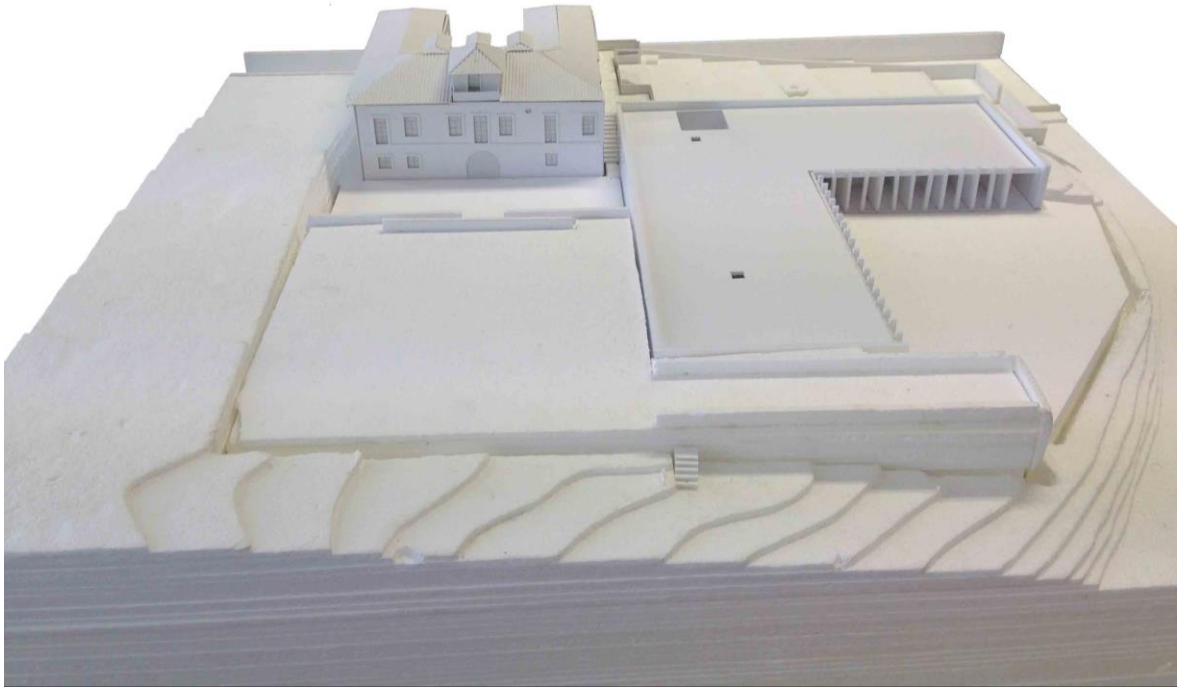


Figura 73: Maqueta da escola de dança e envolvente, vista sul, escala 1:100, 2016.

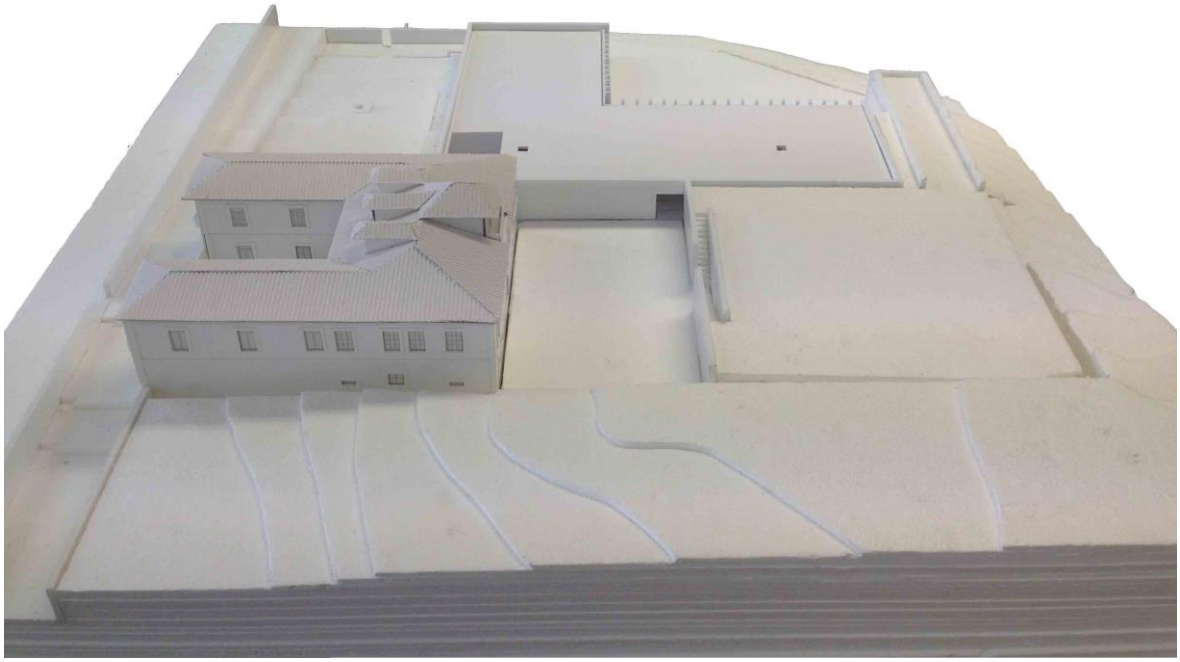


Figura 74: Maqueta da escola de dança e envolvente, vista oeste, escala 1:100, 2016.

## Capítulo V

**Consideração finais**

A partir da aprovação do plano urbanístico de 1944, o concelho de Matosinhos, e consequentemente, Leça da Palmeira, ganham um novo dinamismo e controlo no desenho do tecido urbano. O planeamento urbano da vila de Leça da Palmeira passou também pelo vigor do plano de 1966, e atualmente é regido pelo P.D.M.

Estes planos, ao longo dos anos, influenciaram o desenvolvimento urbano da envolvente ao objeto de estudo desta dissertação de mestrado, ou seja, da Quinta da Conceição.

Podemos afirmar que o Parque Municipal da Quinta da Conceição funciona como um pulmão para a Vila de Leça da Palmeira. Tem a particularidade de criar um ambiente resguardado, quase florestal, que enriquece e contrasta com a envolvente bastante urbanizada.

A Quinta apresenta-se diretamente influenciada pelo aglomerado urbano em que se insere, destacando-se ainda o Porto de Leixões, a IC1, e a Exponor.

O parque Municipal foi projetado e reabilitado por Fernando Távora, de forma a criar barreiras sonoras e visuais com o exterior, privilegiando a privacidade, encontrando-se praticamente desligado da envolvente.

Estas particularidades dão grande liberdade no processo criativo do projeto de intervenção, pois a escola de dança está intimamente relacionada com a Quinta e seus elementos estruturantes. No que toca à envolvente urbana o contacto e influências são muito reduzidas, uma vez que não existem constrangimentos a nível de elementos exteriores, limitador no respeito a alinhamentos ou cérceas obrigatórias contidas no P.D.M., o que multiplica as possibilidades no projeto.

Já no que diz respeito ao contacto da escola de dança com a envolvente urbana, apenas se destaca a vista do edifício, sobre o Porto de Leixões e o acesso á via pública, que por sua vez, também dá acesso ao edifício.

O novo equipamento pretende integrar-se no conjunto da Quinta da Conceição de forma harmoniosa e respeitante das características existentes, incrementando a qualidade global do conjunto, e promovendo a utilização regular.

## Bibliografia


Barbosa, P. (2003) “Independência Urbana; Porto de Leixões”. FAUP. Faup. Porto.
Clementino, L, L, R (2013) “Fernando Távora. De O Problema da Casa português ao Da Organização do Espaço” FCTUC. Coimbra.
Delecave. J. (2011) identidade e subjetividade na obra de fernando Távora: o segundo Pós-Guerra e a Quinta da Conceição” EAU/UFF. Brasília.
Espregueira, M, A. (1874) “Memória descritiva do Projecto de um Porto de Abrigo em Leixões” Lisboa.
Furtado, J, M, C. (2015) “Percorrer, Habitar, Representar; Estratégias de Projecto de Fernando Távora par a Quinta da Conceição”. FAUP. Porto.
Lima, S, R, M. (2012) “Fernando Távora e o espaço público Português” FAUP. Porto.
Losa, A. (1966) “Plano Geral regulador do Concelho de Matosinhos”.
Morais, C, C. (2009) “Textos 01; Álvaro Siza” Barcelos.
Moreira da Silva, D. (1944) “Anteprojeto do plano de Urbanização da Vila de Matosinhos”.
Peixoto, M, A, C. (2004) “A cidade como evento cenográfico: A morfologia do IC1 segundo a relação com os componentes estruturais de paisagens territoriais” FAUP, Porto.
Pinto, M, I, A. (2011) “O Convento da Conceição de Leça, espaço, administração e património”. Porto.
Pires, M, C, M. (2012) “O Ateliê da Arquitetura/Urbanismo de David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva Martins; Visibilidade da Memoria” FLUP. Porto.
Plano Diretor Municipal do Concelho de Matosinhos, (1992).
Silva, D, M. (1944) “Anteprojeto do plano de Urbanização da Vila de Matosinhos”.
Távora, F. (1956) “Anteprojeto da Quinta da Conceição” Matosinhos.
Távora, F. (1956) “Anteprojeto da Quinta da Conceição” Matosinhos.
Távora, F. (1957) “Memória descritiva e justificativa do Pavilhão de ténis e respetivo muro de suporte” Camara Municipal de Matosinhos.
Távora, F. (1958) “Memoria descritiva da piscina da Quinta da Conceição”.
Tostões, A (1997) “Os Verdes anos na Arquitetura Portuguesa dos anos 50” Porto.
Trigueiros, P, M, B. (2007) “Alvaro Siza 1954-1976”.
Manuel, T. (2016) “Traços urbanos portugueses, simbiose de culturas” UC. Coimbra.
(2015) “Proposta de delimitação da área de reabilitação urbana de Leça da Palmeira”
Costa, A, A. (2016) “A obra de Fernando Távora – Um caso de coerência conceptual e metodologia”
Correia, B, M, R. (2013) “A experiencia do espaço público: paisagem, urbanismo, arquitetura e design”
Cabral, J, P, R, F. (2013) “Análise urbana da cidade de Ponta Delgada”


## Fontes de sites:

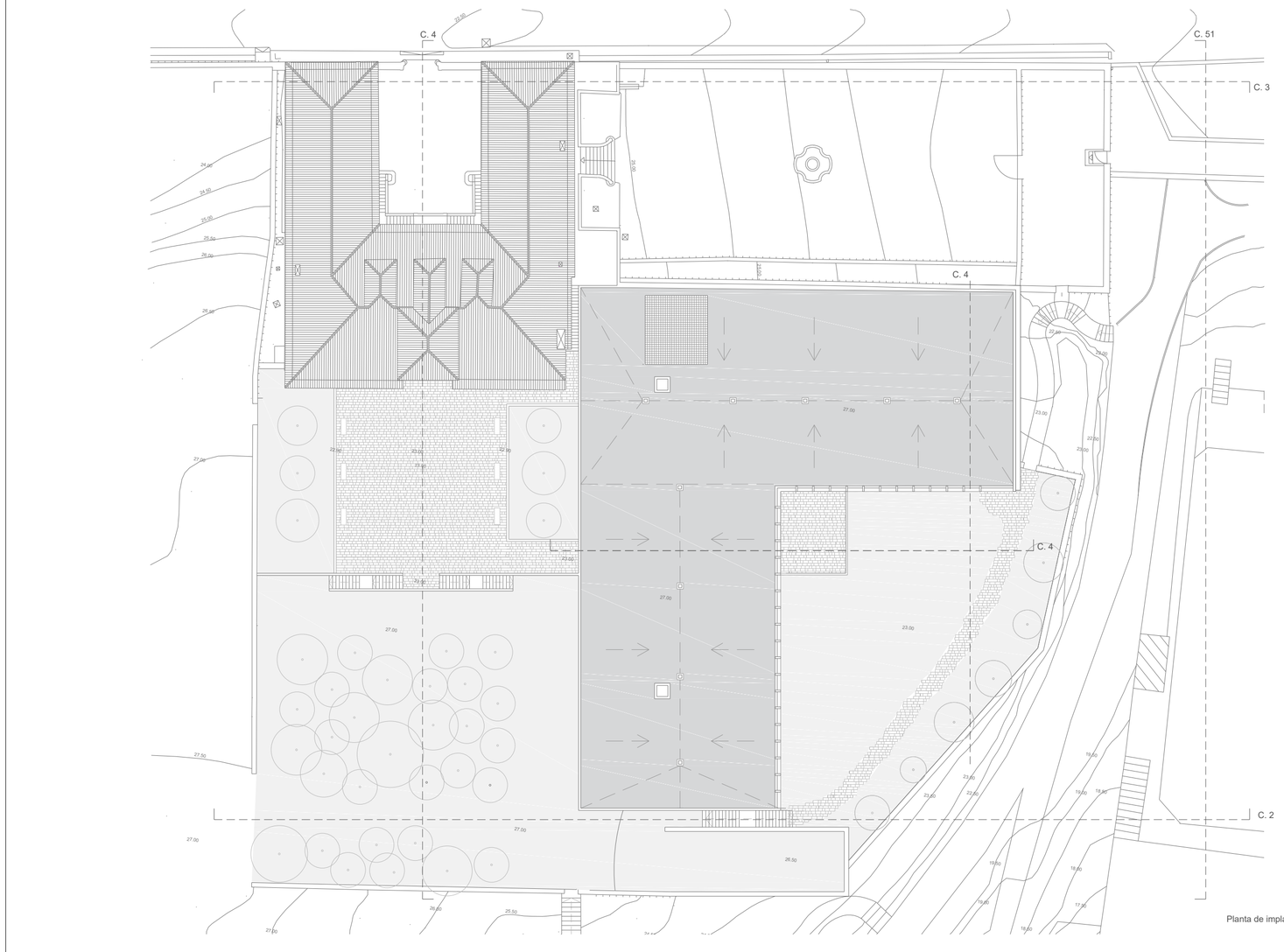

http://www.exponor.pt/historia.aspx
http://www.dgterritorio.pt/
http://www.fpx.pt/escc2014/index.php/about/matosinhos
https://vakkum.com/2014/06/20/1956-60-parque-municipal-quinta-da-conceicao-fernando-tavora/
www.faceboock.com/ ImagensAntigasDoConcelhoDeMatosinhos

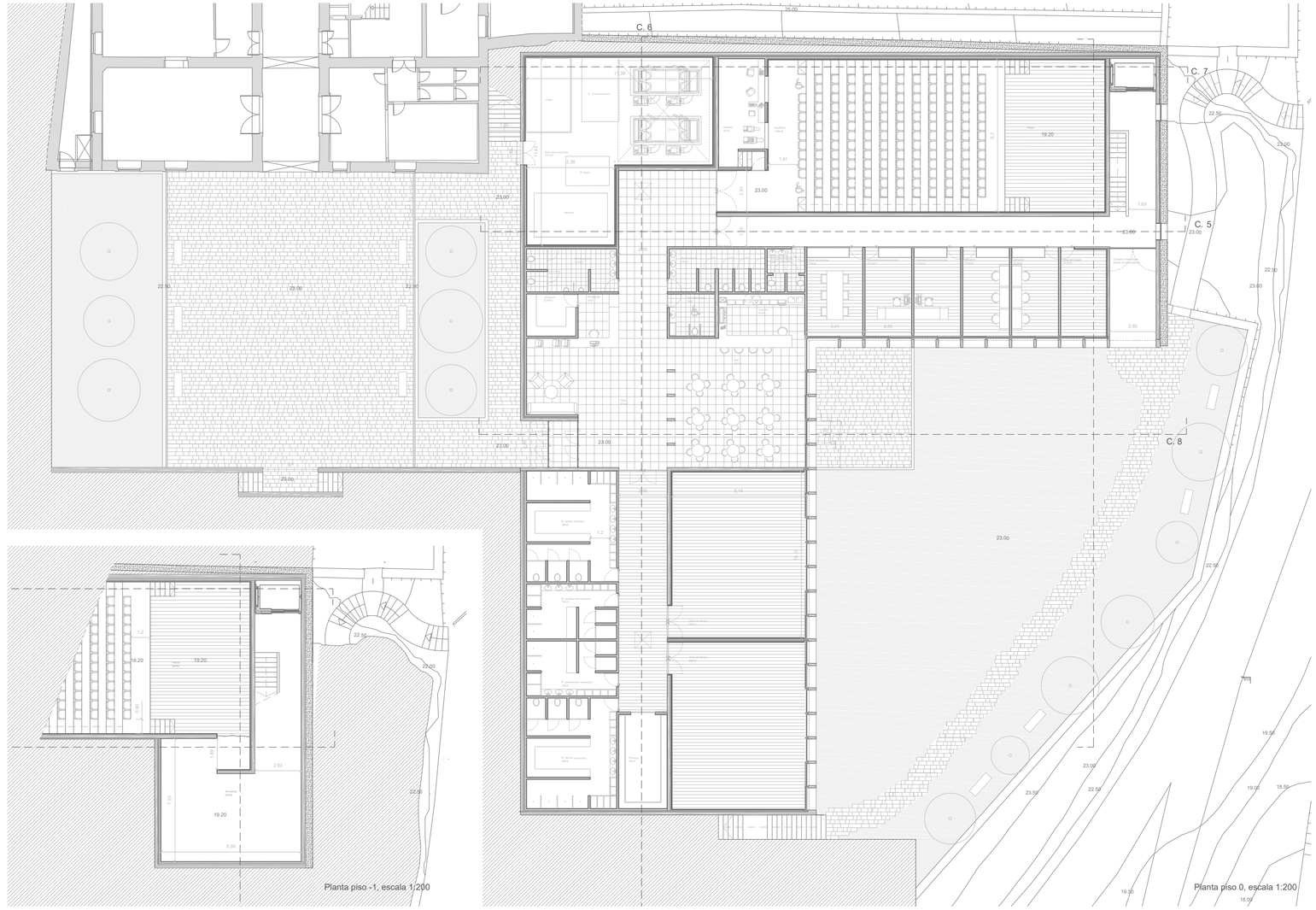
**Créditos de figuras:**

Figura 1 – Anteprojeto de Urbanização da Vila de Matosinhos, 1944, Mario José Moreira da Silva. (1944)
Figura 2 – Anteprojeto de Urbanização da Vila de Matosinhos, 1944, Mario José Moreira da Silva. (1944)
Figura 3 – Anteprojeto de Urbanização da Vila de Matosinhos, 1944, Mario José Moreira da Silva. (1944)
Figura 4 – Plano geral regulador de Concelho de Matosinhos, 1966, Arménio Losa. (1966);
Figura 5 - Plano Diretor Municipal do Concelho de Matosinhos de 1966.
Figura 6 – Imagem do autor, com base no mapa cartográfico de 1896, arquivo da Camara Municipal de Matosinhos.
Figura 7 – Imagem do autor com base no mapa cartográfico de 1942, arquivo da Camara Municipal de Matosinhos.
Figura 8 – Imagem do autor com base no mapa cartográfico de 1952, arquivo da Camara Municipal de Matosinhos.
Figura 9 – Imagem do autor com base no mapa cartográfico de 1957, arquivo da Camara Municipal de Matosinhos.
Figura 10 – Imagem do autor com base no mapa cartográfico de 1965, arquivo da Camara Municipal de Matosinhos.
Figura 11 – Imagem do autor com base no mapa cartográfico de 2083, arquivo da Camara Municipal de Matosinhos.
Figura 12 – Imagem do autor com base no mapa cartográfico de 2003, arquivo da Camara Municipal de Matosinhos.
Figura 13 – Imagem do autor com base no mapa cartográfico de 1013, arquivo da Camara Municipal de Matosinhos.
Figura 14 – Esquema do autor, Google Earth.
Figura 15 – Alvão, D. e Biesl D. “Porto de Leixões, Arquivo da APDL.
Figura 16 – www.faceboock.com/ ImagensAntigasDoConcelhoDeMatosinhos
Figura 17 – Furtado, J, M, C. (2015) “Percorrer, Habitar, Representar; Estratégias de Projecto de Fernando Távora par a Quinta da Conceição”. FAUP. Porto.
Figura 18 – Anteprojeto de Fernando Távora para a Quinta da Conceição. (1956) Arquivo da fundação Marques da Silva, Porto.
Figura 19 – www.vakkum.com
Figura 20 – Anteprojeto de Fernando Távora para a Quinta da Conceição. (1956). Arquivo da fundação Marques da Silva, Porto.
Figura 21 - Anteprojeto da Quinta da Conceição, 1956, sem escala. Fonte: Furtado, J, M, C. (2015) “Percorrer, Habitar, Representar; Estratégias de Projecto de Fernando Távora par a Quinta da Conceição”. FAUP. Porto.
Figura 22 - Furtado, J, M, C. (2015) “Percorrer, Habitar, Representar; Estratégias de Projecto de Fernando Távora par a Quinta da Conceição”. FAUP. Porto.
Figura 23 - Projeto de Fernando Távora para a Quinta da Conceição. (1957). Arquivo da fundação Marques da Silva, Porto.
Figura 24 - Projeto de Fernando Távora para a Quinta da Conceição. (1957). Arquivo da fundação Marques da Silva, Porto.
Figura 25 - Projeto de Fernando Távora para a Quinta da Conceição. (1957). Arquivo da fundação Marques da Silva, Porto.
Figura 26 - Projeto de Fernando Távora para a Quinta da Conceição. (1957). Arquivo da fundação Marques da Silva, Porto.
Figura 27 - Fonte: Projeto de Fernando Távora para a Quinta da Conceição. (1957). Arquivo da fundação Marques da Silva, Porto.
Figura 28 - Projeto de Fernando Távora para a Quinta da Conceição. (1957). Arquivo da fundação Marques da Silva, Porto.
Figura 29 - Projeto de Fernando Távora para a Quinta da Conceição. (1957). Arquivo da fundação Marques da Silva, Porto.
Figura 30 - Fotografia do autor.
Figura 31 - Fotografia do autor.

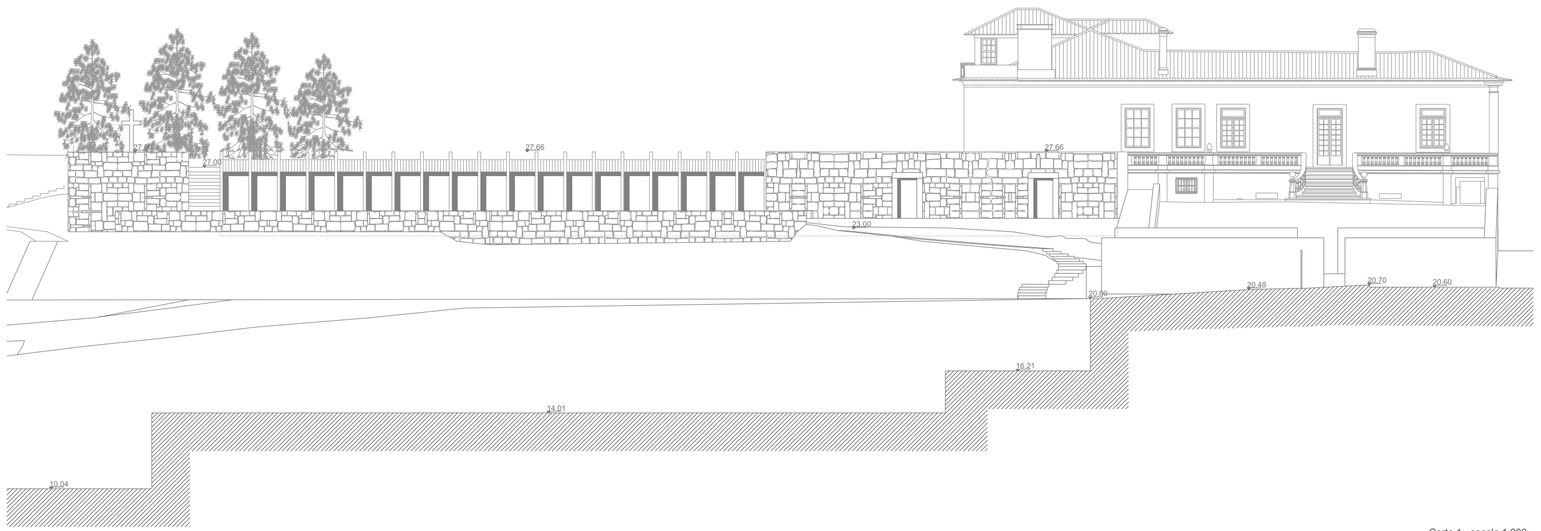
Figura 32 - Projeto de Fernando Távora para a Quinta da Conceição. (1957). Arquivo da fundação Marques da Silva, Porto.
Figura 33 - Projeto do Pavilhão de Ténis, para a Quinta da Conceição, Fernando Távora. (1957). Arquivo da fundação Marques da Silva, Porto.
Figura 34 - Fonte desconhecida
Figura 35 - Projeto de Fernando Távora para a Quinta da Conceição. (1957). Arquivo da fundação Marques da Silva, Porto.
Figura 36 - Projecto de Siza par as piscina da Quinta da Conceição, 1961. Arquivo da fundação Marques da Silva, Porto.
Figura 37 - Carlos Campos Morais; 2009; “Álvaro Siza teixtos”; CEM. Artes graficas
Figura 38 - Fotografia do autor.
Figura 39- Imagens do autor, Google earth.
Figura 40- Imagens do autor.
Figura 41- Imagens do autor.
Figura 42- Imagens do autor.
Figura 43- Imagens do autor.
Figura 44- Imagens do autor.
Figura 45- Imagens do autor.
Figura 46- Imagens do autor.
Figura 47- Imagens do autor.
Figura 48- Imagens do autor.
Figura 49- Imagens do autor.
Figura 50- Imagens do autor.
Figura 51- Imagens do autor.
Figura 52- Imagens do autor.
Figura 53- Imagens do autor.
Figura 54- Imagens do autor.
Figura 55- Imagens do autor.
Figura 56- Imagens do autor.
Figura 57- Imagens do autor.
Figura 58- Furtado, J, M, C. (2015) “Percorrer, Habitar, Representar; Estratégias de Projecto de Fernando Távora par a Quinta da Conceição”. FAUP. Porto.
Figura 59 - Imagens do autor, Google earth.
Figura 60 - Imagem do autor.
Figura 61 - Imagem do autor.
Figura 62 - Imagem do autor.
Figura 63 - Imagem do autor.
Figura 64 - Imagem do autor.
Figura 65 - Imagem do autor.
Figura 66 - Imagem do autor.
Figura 67 - fotografia Ricardo Perira.
Figura 68 - http://www.davidchipperfield.co.uk/project/museum_of_modern_literature
Figura 69 - http://www.davidchipperfield.co.uk/project/museum_of_modern_literature
Figura 70 - https://pt.pinterest.com/pin/381187555934967289/
Figura 71 - Imagens do autor.
Figura 72 - Imagens do autor.
Figura 73 - Imagens do autor.
Figura 74 - Imagens do autor.

## Anexos

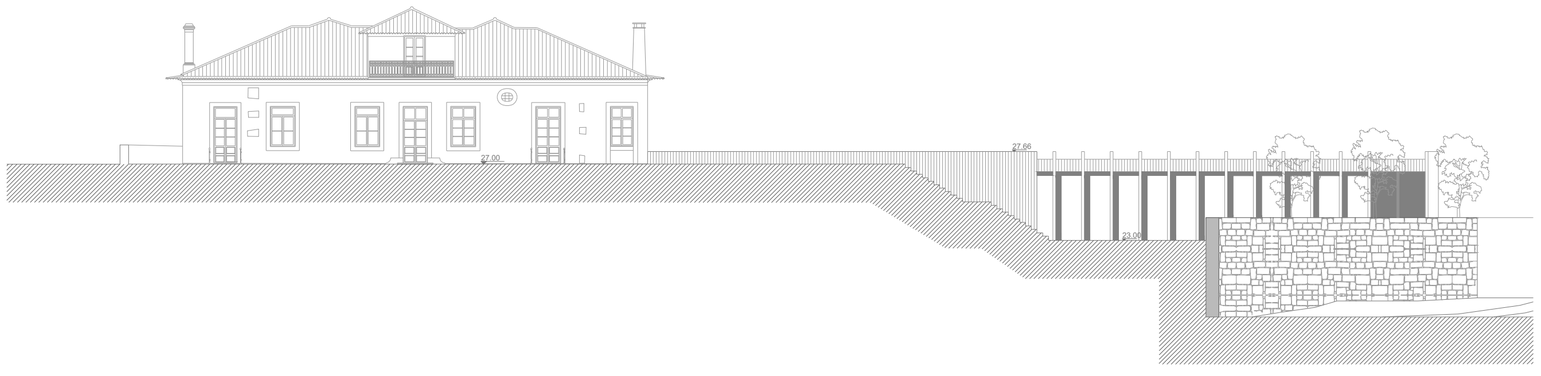

C. 4
C. 51
C. 3
C. 4
C. 4
C. 2
27,50
24,00
25,00
25,00
25,50
26,00
26,50
27,50
27,00
27,00
27,00


C. 6
C. 7
C. 5
C. 8
25.00
23.00
22.50
19.20
Planta piso -1, escala 1:200
Planta piso 0, escala 1:200

Anexo 2

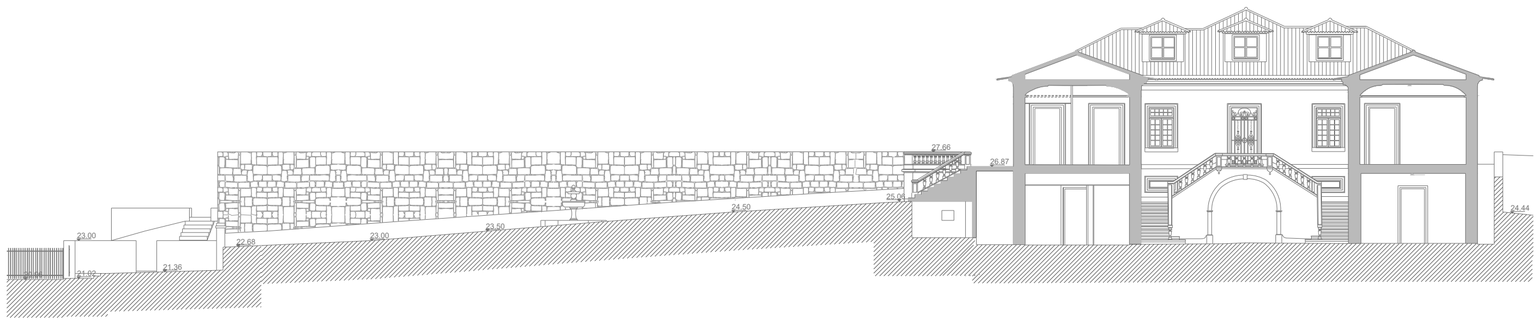



Corte 1 , escala 1:200

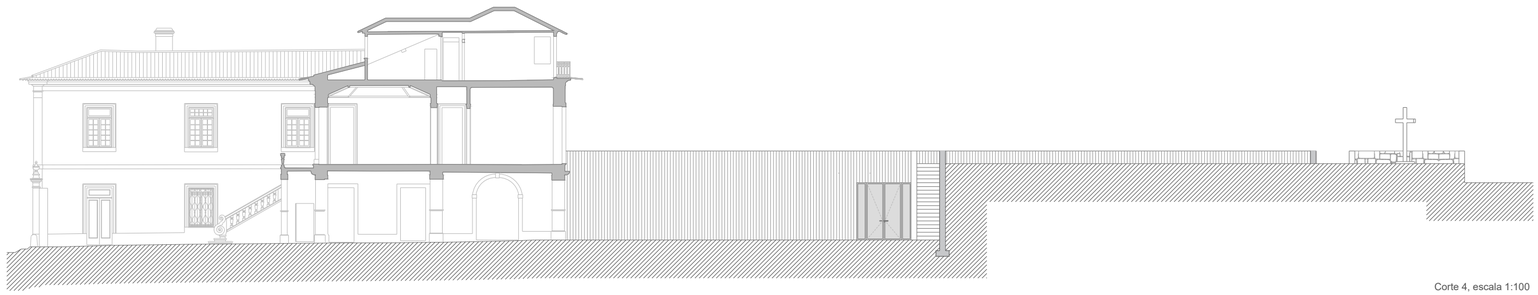



Corte 2 , escala 1:200

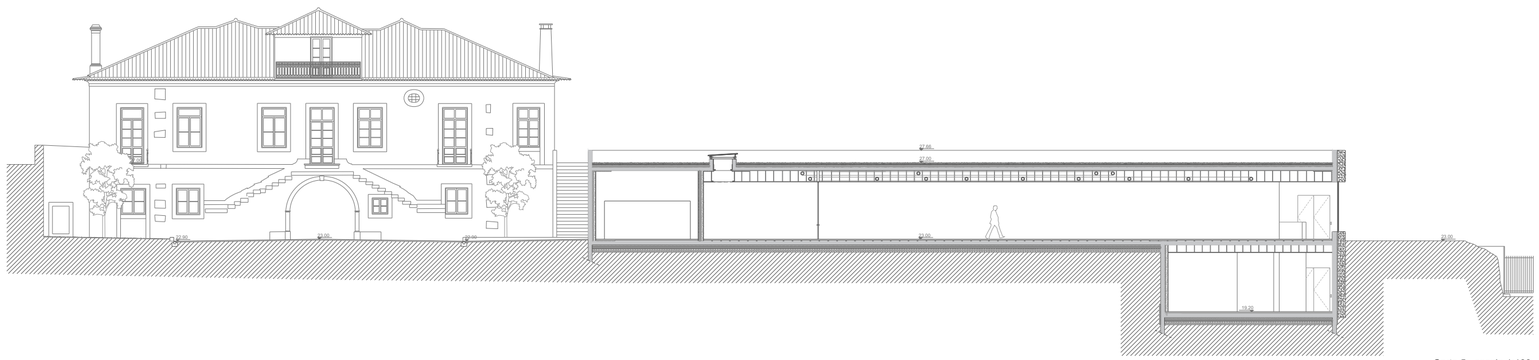
Anexo 3




Corte 3, escala 1:100

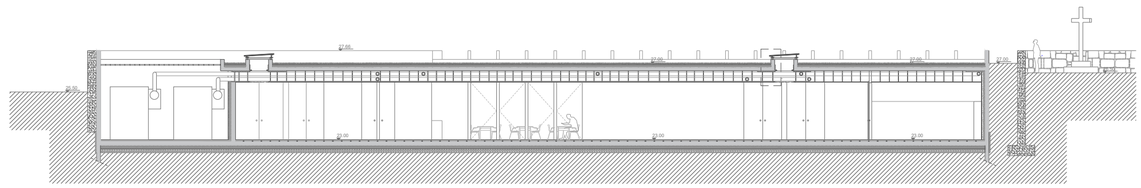


Corte 4, escala 1:100

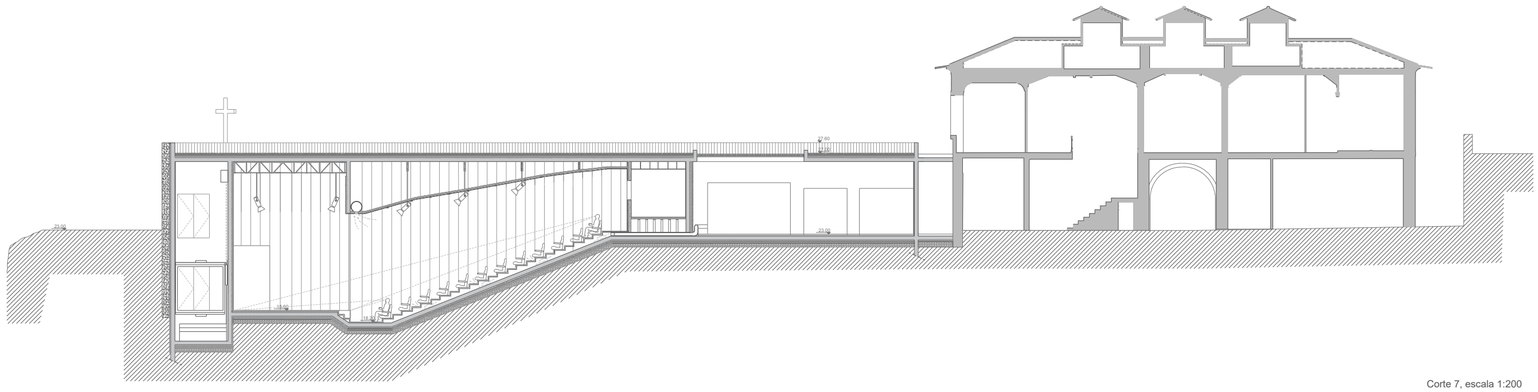


Corte 5 , escala 1:100

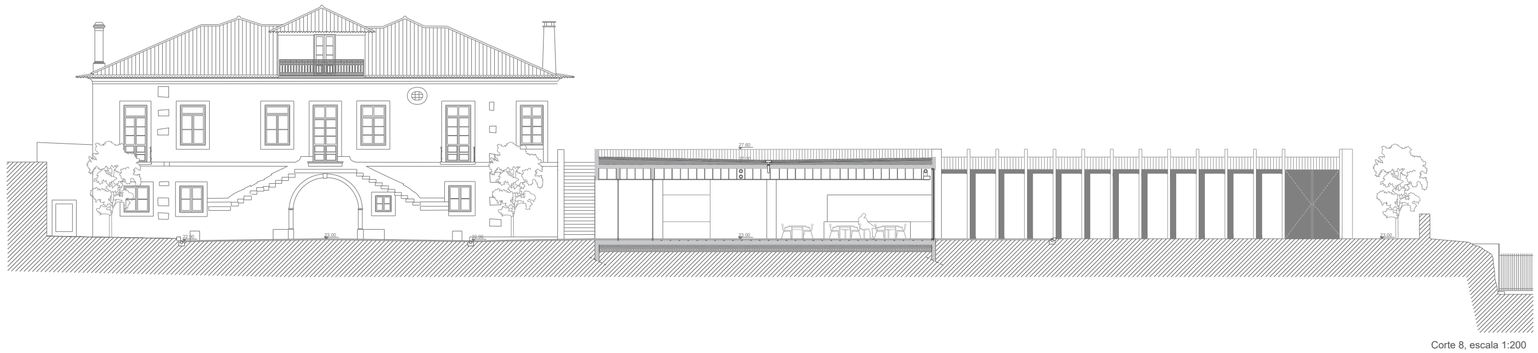
Anexo 4



Corte 6, escala 1:200



Corte 7, escala 1:200



Corte 8, escala 1:200

Anexo 5




Estrato cartografico de Leça da Palmeira, 1942, escala 1/5000 - Anexo 6



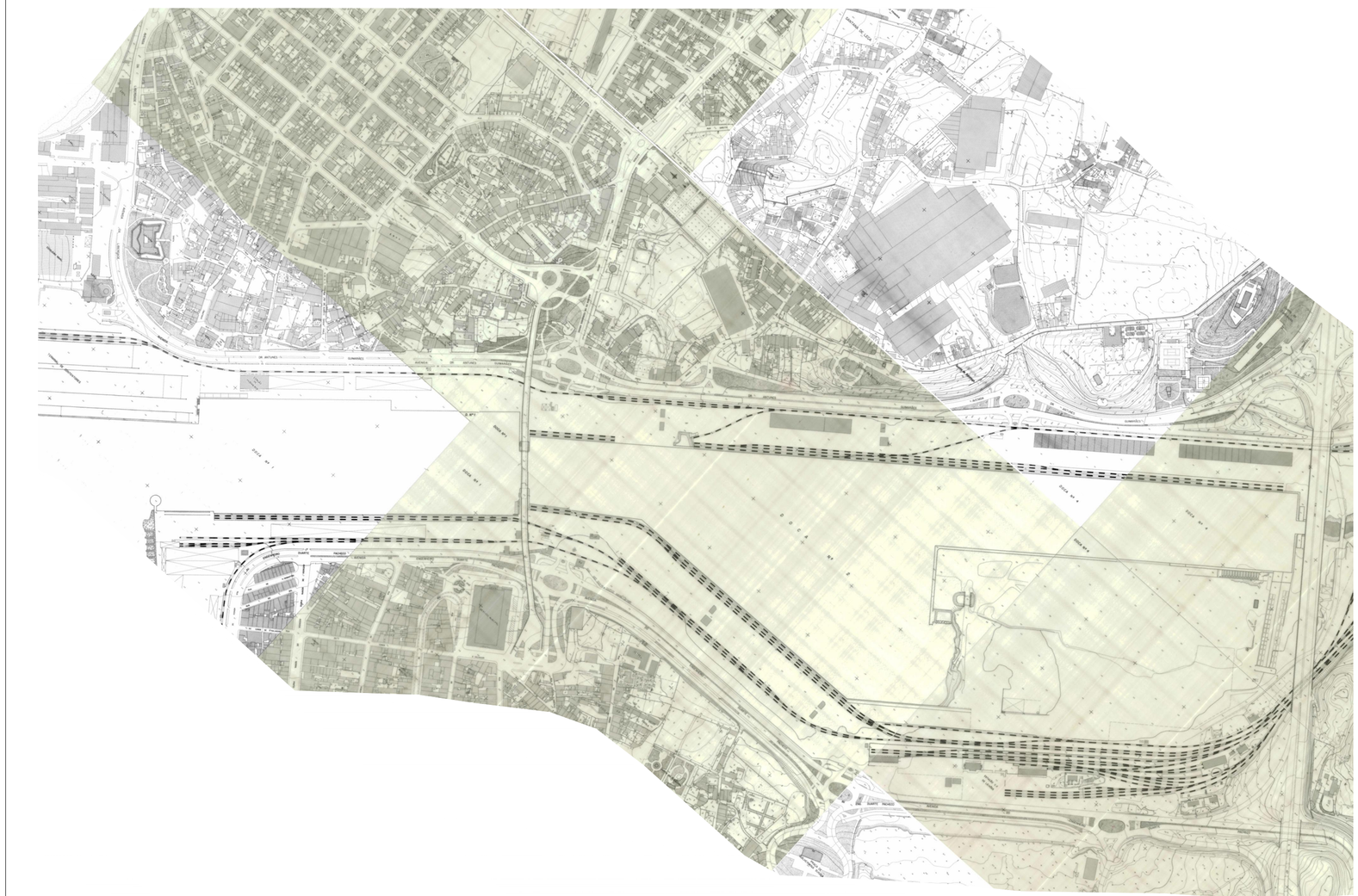

Estrato cartografico de Leça da Palmeira, 1952, escala 1/5000 - Anexo 7




Estrato cartografico de Leça da Palmeira, 1957, escala 1/5000 - Anexo 8




Estrato cartografico de Leça da Palmeira, 1965, escala 1/5000 - Anexo 9



Estrato cartografico de Leça da Palmeira, 1983, escala 1/5000 - Anexo 10